



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

**NICOLA MIRA GONZAGA DA SILVA**

**O CAVALEIRO BIOGRAFADO E OUTROS ECOS**

**FLORIANÓPOLIS  
2016**



NICOLA MIRA GONZAGA DA SILVA

## O CAVALEIRO BIOGRAFADO E OUTROS ECOS

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLIT/UFSC, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Literatura, área de concentração Literatura, linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História.

Orientadora: Professora Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

FLORIANÓPOLIS  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gonzaga, Nicola

O cavaleiro biografado e outros ecos / Nicola Gonzaga ;  
orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos - Florianópolis,  
SC, 2016.  
177 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós  
Graduação Multidisciplinar em Saúde.

Inclui referências

1. Saúde. 2. Jorge Amado. 3. Luiz Carlos Prestes. 4. O  
Cavaleiro da Esperança. I. Oliveira Ramos, Tânia Regina. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação Multidisciplinar em Saúde. III. Título.


# "O CAVALEIRO BIOGRAFADO E OUTROS ECOS"

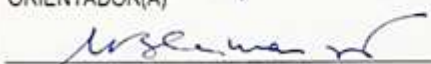
Nicola Mira Gonzaga da Silva

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

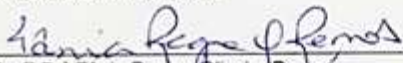
MESTRE EM LITERATURA

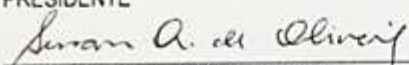
Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa  
Catarina.

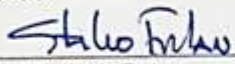
  
Profª Drª Tânia Regina Oliveira Ramos  
ORIENTADOR(A)

  
Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo  
COORDENADORA DO CURSO

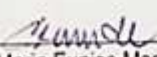
BANCA EXAMINADORA:

  
Profª Drª Tânia Regina Oliveira Ramos  
PRESIDENTE

  
Profª Drª Susan Aparecida de Oliveira  
UFSC

  
Prof Dr. Stélio Furlan  
UFSC

Dr Jair Zandoná  
SUPLENTE

  
Profª Drª Maria Eunice Moreira  
PUC - RS



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aqui todas e todos que me ajudaram, direta e indiretamente, para realização da pesquisa. Aos meus pais Valdemir e Jalmira, pelo amor fundamental. Aos meus irmãos João e Yemina, irmãos de ideias, pelo apoio.

Às amigas, pilar importante, afinal, sem elas não haveria fugas necessárias e voltas produtivas. Às Maridas, amigas de 3x4 desde a adolescência, presentes nos desagradados, nas perdas, nos nascimentos, nos desenlaces, dramas amorosos, e, principalmente, nas conquistas. Um agradecimento em especial à Carluce, pela parceria incomparável e por me ensinar a ter mais tolerância com os humanos, Joy, pela presença e pela conexão, e por me mostrar que tudo pode ser mais doce e leve; e Julin, por tornar o mesmo barco em que me acompanha mais aconchegante, além das inúmeras trocas e aprendizados.

Quero agradecer à Michelle, por ser a ‘minha pessoa’ e por estar perto nos momentos mais imprescindíveis (e por me ajudar a praticar o foco); Mônica, pela parceria, filosofias que aquecem mais que moletom do curso da UFSC; Gracie e Camila, desde sempre comigo, obrigada pela caminhada, além de me aturarem com esse jeitinho contestador-do-contrainquieta, à Pri, ex-vizinha preferida e salvadora de ABNT, e à Deh, espelho de bolso, sempre tão exata na ajuda nos meus abstracts.

E, como não podia faltar, quero agradecer à Vanessa, motivo de ter deixado meus dias mais coloridos e cujas palavras não cabem direito nos caracteres da linguagem. Obrigada pelos debates de ideias, pelas inquietações, por entender que os desconfortos também nos movem pra frente. Por ser minha parceira para o café, para as artes e na revisão mais do que intensa de ABNT desta pesquisa.

Quero agradecer também ao meu ortopedista Cristiano Tacca, por ter ido trabalhar no carnaval, cirurgião que trouxe de volta meu olécrano quebrado, motivo de eu estar digitando tudo lindamente hoje; e à terapeuta Marilda Araújo, pelos incontáveis conselhos para que eu seguisse e concluísse meu trabalho.

Gostaria de agradecer ao nuLIME, às meninas Thalita e Ailê pela troca e pelas cópias de chaves; e finalmente à minha orientadora Tânia Ramos, que me orientou sempre tão disposta e por ter me dado a oportunidade de prosseguir com a pesquisa. Por ter paciência na espera dos capítulos não enviados dentro do prazo, pela troca, por ter sido desde o início muito acessível; e pelo remédio natural pra dormir. Obrigada por acreditar.

A todas essas pessoas, meu sincero e real obrigada.

Finalmente, quero agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina, ao Centro de Comunicação e Expressão, onde estudei oito anos seguidos e no qual vivenciei debates e palestras e oficinas que me permitiram compreender um pouco melhor desta responsável e difícil tarefa de se expressar. Gostaria de agradecer a oportunidade de ter encontrado professoras/es tão geniais, que me influenciaram com propostas de textos e debates calorosos e/ou reflexivos, ampliando meus horizontes e me pondo sempre em constante atenção em relação ao próximo e à incrível arte de praticar empatia. Em especial às professoras que me inspiraram: Mary Rizzatti, Tânia Ramos, Susan de Oliveira, Zilma Gesser Nunes e Cláudia Lima Costa; e aos professores Stélio Furlan e Claudio Cruz.

Gostaria, então, de agradecer urgentemente **à luta de todas as mulheres**, pois através delas me foi possível estar hoje usufruindo de direitos conquistados décadas antes de eu ter nascido. De poder sair nas ruas para mostrar a cara, protestar, estudar esta história hegemônica escrita e contada por homens e para os homens e ainda assim poder traçar e retrazar a minha própria história de luta e feminista. A visibilidade das mulheres precisa sim acontecer diariamente, para que mais autoras e mais histórias femininas sejam vistas e contadas, perpetuadas e jamais esquecidas nas entrelinhas dos papéis guardados nas gavetas.

**Agradeço a todas as mulheres envolvidas nesse processo histórico, ainda que tenham sido apagadas das memórias e dos arquivos.**

Obrigada!



“E onde queres bandido, sou herói.”

(VELOSO, Caetano. *Velô*. Polygram, 1984. Faixa 7).



## RESUMO

Minha pesquisa é embasada em um material inédito contido no núcleo Literatura e Memória (nuLIME) da Universidade Federal de Santa Catarina, recebido em 2012. Os documentos dizem respeito à fase militante de Jorge Amado nos anos 1941-1942, período em que o escritor se autoexila em Buenos Aires e Montevideu para escrever a biografia do líder comunista Luiz Carlos Prestes: *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. Neste processo de escrita o autor acumulou cerca de 1.400 páginas de cartas, recortes de jornais, fotografias, poemas, inéditos e narrativas. Os materiais, deixados por Jorge Amado antes de regressar ao Brasil, configuram os rastros do arquivo: vestígios de diversas vozes de militantes de esquerda a favor da luta pela democracia e a anistia de Prestes, preso pela ditadura estado-novista de Getúlio Vargas. No que tange ao texto – contexto, busco fazer uma intersecção teórica a fim de investigar o momento histórico em que se situam os rastros encontrados, relacionados à biografia produzida e à imagem do biografado, e de que forma a construção desse herói-personagem repercutiu e influenciou na propagação dos ideais antifascistas que ecoam hoje como possibilidade de resgate à memória e à história.

Palavras-chave: Jorge Amado, Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança.



## ABSTRACT

My present research relies on unpublished which were handed over to Literature and Memory project of Universidade Federal de Santa Catarina in 2012. The documents regard the activist period of Jorge Amado in the years 1941-1942, when the writer was in self-exile in Buenos Aires, Argentina and Montivideo, Uruguay, to write Brazilian communist leader Luiz Carlos Prestes's biography: *Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. Throughout his writing process, Jorge Amado gathered about 1.400 pages of letters, newspaper clippings, photographs, poems, unpublished and narratives. This collection, left behind by Amado upon his return to Brazil, are the tracks of the archive: traces of numerous voices from left wing activists in favour of a struggle for democracy and of Prestes's amnesty, since he was arrested during Getulio Vargas dictatorship (1937-1945) in Brazil. As for text-context, we attempt to intersect theories in order to deepen the understanding of the historical moment in which said traces are found, in connection with the final biography work and with the image of Prestes; in which ways the shaping of this hero-character has impacted in and influenced the dissemination of anti-fascist ideas that up to current days flow around full of possibilities of memory and history recoveries.

Keywords: Jorge Amado, Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Editorial Claridad.....	44
Figura 2 – Povo na rua pela defesa da democracia .....	69
Figura 3 – Envelope Editorial Claridad.....	72
Figura 4 – Contrato de tradução .....	73
Figura 5 – Carta para Miguel .....	74
Figura 6 – Carta de Pompeu Borges.....	76
Figura 7 – Documento A.I.A.P.E. ....	79
Figura 8 – Sugestões para o aniversário de Prestes .....	80
Figura 9 – Correspondência de Bernardo Edelman.....	81
Figura 10 – Cartão de visita de Juan Távora (frente) .....	82
Figura 11 – Cartão de visita de Juan Távora (verso).....	82
Figura 12 – Bilhete de Pompeu Borges.....	83
Figura 13 – Cartão de Clovis N. Portinho .....	83
Figura 14 – Correspondência de Samuel Weiner .....	85
Figura 15 – Correspondência de Lygia Prestes .....	86
Figura 16 – Correspondência de S. ....	88
Figura 17 – Correspondência de Antonio Morgado 1/2 .....	89
Figura 18 – Correspondência de Antonio Morgado 2/2 .....	90
Figura 19 – Romance de Anita Prestes 1/2 .....	98
Figura 20 – Romance de Anita Prestes 2/2 .....	99
Figura 21 – Luis Carlos Prestes (Sofia Arzarello).....	105
Figura 22 – El Pajaro Sonoro 1/7 .....	106
Figura 23 – El Pajaro Sonoro 2/7 .....	107
Figura 24 – El Pajaro Sonoro 3/7 .....	108
Figura 25 – El Pajaro Sonoro 4/7 .....	109
Figura 26 – El Pajaro Sonoro 5/7 .....	110
Figura 27 – El Pajaro Sonoro 6/7 .....	111
Figura 28 – El Pajaro Sonoro 7/7 .....	112
Figura 29 – Ode a Luis Carlos Prestes 1/3 .....	113
Figura 30 – Ode a Luis Carlos Prestes 2/3 .....	114
Figura 31 – Ode a Luis Carlos Prestes 3/3 .....	115
Figura 32 – Canto al Brasil de Prestes .....	116
Figura 33 – Esquela a Luis Carlos Prestes 1/4 .....	117
Figura 34 – Esquela a Luis Carlos Prestes 2/4 .....	118

Figura 35 – Esquela a Luis Carlos Prestes 3/4.....	119
Figura 36 – Esquela a Luis Carlos Prestes 4/4.....	120
Figura 37 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 1/4.....	121
Figura 38 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 2/4.....	122
Figura 39 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 3/4.....	123
Figura 40 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 4/4.....	124
Figura 41 – Luis Carlos Prestes (Julio J Casal) 1/2.....	125
Figura 42 – Luis Carlos Prestes (Julio J Casal) 2/2.....	126
Figura 43 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 1/3.....	127
Figura 44 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 2/3.....	128
Figura 45 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 3/3.....	129
Figura 46 – Primeiro Recorte.....	141
Figura 47 - <i>Jornal La Hora – Diario de los trabajadores</i> .....	142
Figura 48 – Partidario de una Rápida Movilización .....	143
Figura 49 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 1/4.....	144
Figura 50 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 2/4.....	145
Figura 51 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 3/4.....	146
Figura 52 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 4/4.....	147
Figura 53 – Folheto de Capitán Gay J Cunha .....	148
Figura 54 – Recorte Libros para Prestes .....	149
Figura 55 – Prestes dirige-se ao povo brasileiro 1/2 .....	150
Figura 56 – Prestes dirige-se ao povo brasileiro 2/2 .....	151
Figura 57 – <i>Jornal La Voz de Tafi</i> .....	152



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	21
I UM LUGAR PARA JORGE AMADO.....	27
1.1    O Escritor Baiano .....	29
1.2    Escrever Para O Povo: Do Romance Proletário Ao Romance Socialista.....	32
II O CAVALEIRO BIOGRAFADO.....	39
2.1    A Construção Do Herói .....	41
2.2    A Escrita Biográfica .....	46
2.3    Uma Narrativa Ficcionalizada .....	54
2.3.1    A Infância.....	54
2.3.2    O início da vida adulta de Prestes .....	57
2.3.3    A marcha da Coluna Prestes.....	58
2.3.4    Os caminhos do exílio .....	60
2.3.5    Canto da Aliança Nacional Libertadora .....	61
III O ACERVO REVISITADO .....	63
3.1 <i>arkhê</i> Ou A Resistência Do Tempo.....	65
3.2    Vestígios de Luiz Carlos Prestes .....	68
3.2.1    Tratativas Editoriais e alguns enlaces .....	72
3.2.2    Recepção crítica da obra .....	81
3.2.3    O cavaleiro na poesia.....	91
3.3    Entre recortes.....	130
AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA... ..	153
CONCLUSÃO.....	155
REFERÊNCIAS .....	159



## PRELÚDIO

Assim como existe a narrativa trivial da direita,  
existe a da esquerda: a primeira afirma o *status quo*, a segunda propõe modificá-lo.

*Flavio Kothe, 1985.*



## APRESENTAÇÃO

A pesquisa que apresento foi motivada pelo acervo pertencente ao núcleo de Literatura e Memória – nuLIME – CCE-UFSC, que contém documentos inéditos a respeito da trajetória correspondente aos anos 1941-1942 de Jorge Amado. O acervo é parte de uma fase literária em que o escritor, militante do Partido Comunista, produzia sua Literatura de Partido<sup>1</sup>.

O escritor Jorge Amado, ainda muito jovem, era comprometido com ofício da escrita e havia publicado algumas obras na primeira fase de sua produção. Esta fase foi influenciada pela forte atuação política e traz críticas sociais, como a seca do sertão baiano e o sofrimento de trabalhadores nas plantações de cacau.

Um dos livros fundamentais utilizados como fonte de busca para a atual pesquisa é intitulado *Jorge Amado: Política e Literatura*, de Almeida (1979). Nele, o teórico defende que Jorge Amado irá percorrer da fase inicial da sua carreira, conhecida como romance proletariado, para a fase descrita como socialista/realista. As primeiras seis obras de Jorge Amado podem ser incluídas no que Edmundo Lopes (1961) chamará de Ciclo da Bahia. São elas: *O País do Carnaval* (1931),

---

<sup>1</sup> A Literatura de Partido é descrita por Vladimir Lênin (1905), revolucionário e chefe do Estado Russo, como uma maneira de se posicionar contra aos costumes burgueses, à imprensa empresarial e mercantil burguesa, ao carreirismo e ao individualismo literários burgueses e à corrida ao lucro. Segundo ele, “o proletariado socialista deve avançar o princípio da literatura de partido, desenvolver este princípio e aplicá-lo da forma mais completa e integral possível. Em que consiste este princípio da literatura de partido? Não é só no fato de para o proletariado socialista a atividade literária não poder ser um instrumento de lucro de pessoas ou grupos; ela não pode ser de modo nenhum uma atividade individual, não dependente da causa proletária geral. Abaixo os literatos apatidários! Abaixo os literatos super-homens! A atividade literária deve tornar-se uma parte da causa proletária geral, «um rodízio e um parafuso» de um só grande mecanismo social-democrata posto em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária.” In: LENINE, Ilitch Vladimir. *A organização do Partido e a Literatura de Partido*. Publicado a 13 de Novembro de 1905 no jornal Nóvaia Jizn nº12. Traduzido das O. Completas de VI Lénine 5ªEd. russo t.12, pp. 99-105.

*Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães de Areia* (1937).

O período estudado são os anos de 1941 e 1942, quando o escritor baiano se autoexila em Buenos Aires e posteriormente em Montevideu, para escrever a biografia do militante e presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, Luiz Carlos Prestes.

Para entender o que levou Jorge Amado ao engajamento com as ideias do partido comunista, é necessário revisitar a questão histórica do Brasil. Em janeiro de 1938 deveriam acontecer as eleições presidenciais, quando foi alegado um suposto plano comunista, chamado de Plano Cohen.<sup>2</sup> Getúlio Vargas se aproveita de uma instabilidade política e promove o golpe de Estado no ano de 1937. O ex-presidente contou com o apoio dos militares e com o apoio de uma parcela da população que temia o comunismo. Neste viés, o Governo Vargas através do Estado Novo<sup>3</sup> proibia publicações através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Jorge Amado, como opositor ao fascismo e à ditadura Vargas, ainda que muito jovem, vivenciou tais acontecimentos.

Da parte de diversos escritores de muitas nacionalidades já existia a “militância literária pela palavra”, ou seja, a literatura como missão social de uma determinada época. Na militância do período ditatorial no Brasil muitos militantes de esquerda se posicionaram contra o fascismo, buscando na literatura (como na música, no teatro e nas artes em geral) recursos que propusessem o pensamento crítico e a

---

<sup>2</sup> Foi um documento divulgado pelo governo brasileiro em setembro de 1937, atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano para a tomada do poder pelos comunistas. Anos mais tarde, ficaria comprovado que o documento foi forjado com a intenção de justificar a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2015).

<sup>3</sup> O período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo teve início no dia 10 de novembro de 1937, com um golpe liderado pelo próprio presidente Getúlio Vargas e apoiado, entre outros, pelo general Góes Monteiro. Para que ele fosse possível, foi preciso eliminar as resistências existentes nos meios civis e militares e formar um núcleo coeso em torno da ideia da continuidade de Vargas no poder. Esse processo se desenvolveu, principalmente, ao longo dos anos de 1936 e 1937, impulsionado pelo combate ao comunismo e por uma campanha para a neutralização do então governador gaúcho Flores da Cunha, considerado, por seu poder político e militar, um obstáculo ao continuísmo de Vargas e à consolidação de um Exército forte, unificado e impermeável à política. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2015).

veiculação de seus ideais, com o propósito de contribuir para uma possível transformação social.

Escrita em português, a biografia foi traduzida para o espanhol por Pompeu Borges<sup>4</sup>, intelectual brasileiro e também amigo próximo de Jorge Amado, militante da Aliança Libertadora Nacional que residia na Argentina. A biografia foi publicada primeiramente em espanhol pela Editorial Claridad na Argentina, com o título *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, em maio, no ano de 1942. (Anexo 1). No Brasil, foi traduzida posteriormente para o português, por Pompeu Borges, e publicada em 1945, com o título *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*.

As edições da biografia trazidas para pesquisa são: Editora Círculo do Livro, 20ª edição, ano de 1979 (Anexo 2); Livraria Martins Editora, 3ª edição publicada no Brasil, de 1945 e recém-traduzida para o português (Anexo 3); Editora Companhia das Letras, publicada em 2011.

A biografia que utilizei como base para a pesquisa foi a de 1979, por conter uma reflexão feita anos depois pelo autor. O início da obra traz uma nota à vigésima edição e revela um autor amadurecido, 37 anos depois da primeira publicação em espanhol. Nela, Jorge Amado reafirma o compromisso com a elaboração da história de Prestes e que crê ter atingido na época o objetivo pretendido: popularizar e intensificar a campanha pela anistia. Demonstra orgulho de tê-la escrito e diz que foi, sobretudo, uma homenagem. Aceita, portanto, os possíveis deslizes da obra ao admitir: “a condição ingênua destas páginas, quando Hitler ameaçava tomar o mundo e a ditadura do Estado Novo parecia inabalável, nasce de minha obstinada crença no futuro”. (AMADO, p.9).

A diferença entre a biografia de 1979 e a de 1945 é pouca. A biografia que foi publicada no Brasil em 1945, continha: agradecimentos; algumas fotos no decorrer dos capítulos (foto de

---

<sup>4</sup> Thomas Pompeu Accioly Borges militou na Aliança Nacional Libertadora no Rio de Janeiro. Após a implantação da ditadura estado-novista, em novembro de 1937, passou a viver na clandestinidade. Em janeiro de 1938 foi condenado a três anos e dez meses de prisão pelo Supremo Tribunal Militar. Pediu asilo na Embaixada do Peru, foi a Paris e viajou depois para Buenos Aires, local onde encontrou trabalho e companhia de muitos brasileiros, inclusive dos que haviam fugido do novo regime. Tornou-se conhecido pelos círculos esquerdistas e socialistas, destacando-se no trabalho de ajudar aos republicanos espanhóis. Neste contexto traduziu a obra de Jorge Amado, “Vida de Luiz Carlos Prestes” para o castelhano. (FALCÃO, 1988).

Prestes, Olga Benário, Anita, Leocádia, Siqueira Campos e algumas fotos durante a Coluna) e apêndice, ao final da obra. Por ter sido publicada no momento em que tudo acontecia, o apêndice contém a carta lida por Prestes ante o Supremo Tribunal Militar, dirigida por seu advogado, Dr. Sobral Pinto; alguns documentos de seu advogado; relação dos combatentes da Coluna Prestes; um documento do “Estado Novo”; entre outros registros daquela fase.

Outra diferença encontrada foi a grafia do nome Luiz, ora escrita com “z”, ora escrita com “s” em diferentes edições de Jorge Amado. A certidão de nascimento de Prestes consta seu nome com “s”, porém, durante sua vida, em assinaturas e nos registros em documentos, ele utilizou seu nome escrito com “z”. A edição escrita em espanhol e a que foi publicada depois no Brasil, na década de 40, levava a grafia “Luis”, assim como em diferentes documentos encontrados na Mala de Jorge Amado. Porém, na biografia de 1979 encontra-se “Luiz”, e por isso, manteve aqui a grafia com “z”, exceto nas citações feitas de outros materiais e transcrições dos documentos contidos no acervo.

No acervo em que foram pesquisados os materiais encontram-se rastros de Luiz Carlos Prestes em inúmeros documentos, ressaltando e pondo em evidência o período histórico em que se situam estas passagens. Prestes, que naquele período estava preso sob a ditadura de Getúlio Vargas, contava com inúmeros militantes que davam voz ao ideal comunista. Havia claramente a necessidade em romper com o governo ditatorial da época, de falar e de pensar na contramão do que estava posto. O movimento era de libertação do herói (como será visto no terceiro capítulo desta pesquisa), e Prestes era o ícone que simbolizava este rompimento. Tal desejo de libertação é visível no acervo através de cartas, bilhetes e poesias trocadas entre Jorge Amado e pessoas do partido comunista. Neste sentido, o material encontrado é movido por um ideal político, de cunho militante e revolucionário.

É importante ressaltar que a biografia de Prestes é pautada praticamente em depoimentos de companheiros e memórias de admiradores, todos motivados pela luta antifascista e pela campanha de anistia do líder comunista. A fase abordada pretende ser, então, aquela em que a historiografia e a crítica literária costumam denominar de cunho socialista<sup>5</sup> de Jorge Amado.

---

<sup>5</sup> O livro *Jorge Amado, Política e Literatura*, de Alfredo Wagner Berno de Almeida (1979) divide em capítulos as diversas fases literárias de Amado, pontuando as rupturas entre essas fases. Primeiramente, a fase proletária, marcada pela publicação de seus primeiros romances, a questão das terras e da



O primeiro capítulo desta pesquisa, *Um lugar para Jorge Amado*, abordará a obra e a vida do escritor, seguido de uma apresentação da trajetória do autor até o Rio de Janeiro. Dividido em temas referentes às datas históricas, apresento suas primeiras publicações, atendo-me à fase que corresponde ao período socialista/realista de sua escrita, o interesse pelo Comunismo e o resultado da obra *O Cavaleiro da Esperança*, inserida em sua literatura engajada<sup>6</sup>.

O segundo capítulo, *O cavaleiro biografado*, trará uma breve reflexão a respeito da teoria da biografia, como também um panorama da biografia de Luiz Carlos Prestes sob a perspectiva de Jorge Amado, narrada desde a infância até os 44 anos<sup>7</sup> de vida do militante comunista. A biografia, como já mencionada, foi encomendada pelo Partido Comunista em prol da anistia de Prestes. O autoexílio de Jorge Amado a fim de produzir esta obra é o que justifica o significativo material encontrado no acervo.

O último capítulo, *O acervo revisitado*, trará o conceito de arquivo e a construção da memória e do esquecimento, tanto na vida do biografado quanto na do autor que escreve a obra. Além de trazer uma breve apresentação do acervo pesquisado, esta parte da pesquisa trará um levantamento documental das referências de Prestes durante e depois da produção da biografia *O Cavaleiro da Esperança*. Alguns materiais do acervo são datados antes da publicação da obra, quando Jorge Amado escrevia, e é possível perceber isso também pelos documentos editoriais, cartas recebidas confirmando o compromisso com a Editorial Claridad,

---

luta do povo frente ao coronelismo. A fase socialista de Jorge Amado corresponde àquela voltada para uma ideologia política, influenciado pelos ideais comunistas.

<sup>6</sup> Conforme Pontes (2009), ainda que toda obra literária possua seu grau de engajamento, o termo aqui utilizado refere-se àquela literatura que estaria a serviço de um processo revolucionário, transformação ou reforma. Seria uma literatura comprometida com uma causa ou uma ideologia; aquela que estaria a serviço da transformação da sociedade.

<sup>7</sup> Para Anita Prestes (2015, p.15) a obra de Jorge Amado, *Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, escrita em 1942, retrata menos da metade da trajetória de vida do personagem: “Trata-se de uma biografia romaneada, de autoria de um notável literato, elaborada sem recursos documentais significativos e sem utilização dos métodos peculiares ao ofício do historiador. Ainda assim, o livro cumpriu importante papel durante a campanha pela anistia dos presos políticos, no final do Estado Novo”.

por exemplo. Da mesma maneira foram identificadas cartas de companheiros do partido, assinalando o contentamento após a leitura da biografia de Prestes. Este capítulo trará, portanto, o acervo como mote central da pesquisa através da recepção crítica da biografia pelos companheiros de partido, ratificando o processo de construção do herói, sempre latente, e a necessidade de disseminar os ideais comunistas na efervescência do pré-guerra.

Serão abordados também os poemas escritos sobre Luiz Carlos Prestes, através da leitura de Souto Maior (2006) com a obra *Luiz Carlos Prestes na poesia*, que traz a devoção explícita dos companheiros, militantes e admiradores comunistas à figura do líder comunista.

Finalizo o trabalho ressaltando como tais inscrições podem repercutir (e repercutem) na construção de memórias, remodelando o presente vigente e reconstruindo novas maneiras e olhares sobre as histórias de um determinado período, assim como a construção e a composição do personagem na narrativa biográfica de Jorge Amado. Os traços e vestígios aqui encontrados servirão para borbulharem na eterna dissonância das lembranças ou nos fantasmas do esquecimento, afinal, “todas as formas de inscrição servem como suplementos necessários à memória [...]”. (NOUZEILLES, 2011).

# I

## UM LUGAR PARA JORGE AMADO

Não pretendi nem tentei jamais ser universal  
senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro.  
Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada  
vez mais um escritor baiano.

*Jorge Amado, 1979.*



## 1.1 O ESCRITOR BAIANO

A escolha de Jorge Amado para esta pesquisa está relacionada não só com o estudo do rico acervo contido no nuLIME como também pela escassez de estudos sobre o escritor nos currículos acadêmicos. A literatura perpassa por processos de inclusões e exclusões de obras literárias. Valorar ou não determinadas obras traz à tona a discussão a respeito do cânone, que agrega um sistema de regras que acolherão ou distanciarão das instâncias de poder o que será lido ou esquecido. Na prática, é visível que “um texto não é literário porque possua atributos exclusivos que o distinguem de outro texto, mas porque os leitores (entre eles incluídos os críticos), por inúmeras razões, o veem como tal”, diria Reis (1992). Luís Bueno, em sua tese *Uma história do romance de 30*, escreve que

é possível romper com o círculo dos "principais" autores, sempre confundidos com os "melhores" autores e voltar os olhos para escritores cuja obra, embora possa ser vista como falhada, representou esforço significativo e, mesmo muitas vezes, definidor das letras do seu tempo. A restrição aos "melhores" favorece o hábito de fazer da história literária um repisar de mesmas idéias sobre os mesmos autores, uma vez que seu escopo já aparece pré-definido, em função do que valeria ou não a pena ler. (CAMARGO, 2001, p.7)

A história literária apontará, então, obras que considera importantes em determinadas épocas, valorizando, conforme o *corpus* canônico da literatura, a seleção de obras e autores levando em conta sua posição ideológica, evidenciando grupos considerados melhores posicionados socialmente, ressaltando valores e demarcando territórios rígidos de classificação de obras literárias. Conforme Reis (1992, p.70) aponta em seu artigo intitulado *Cânon*,

[...] o conceito de cânon implica um princípio da seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.).

Desta maneira, a escolha de Jorge Amado para esta pesquisa passará também pelo crivo da história literária e de como ela sustenta a literatura canônica. Jorge Amado se torna um escritor canônico com o passar dos anos, mesmo que em estudos regulares nos cursos de Letras e afins<sup>8</sup>, no período de formação de leitores e futuros professores<sup>9</sup>, sua obra seja pouco lida e que as instâncias de consagração, como os suplementos culturais, os periódicos especializados, as teorias críticas após o estruturalismo, não o tenham assumido como uma constante possibilidade analítica. Há estudos individuais centrados na sua fase do exotismo baiano, o que o tornou mais conhecido internacionalmente, assim como pesquisas de pós-graduação que procuram decifrar a complexa relação literatura, política e ideologia<sup>10</sup>. O que merece ser registrado, porque a história literária e a fortuna crítica comprovam, é que Jorge Amado foi um dos escritores mais conhecidos e reconhecidos da literatura brasileira<sup>11</sup>. (Anexo 4).

A fim de constar dados gerais sobre a vida do escritor, é importante lembrar que o escritor Jorge Amado fora registrado com o nome de Jorge Leal Amado de Faria, nascido em Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912. Viveu a maior parte da infância em Ilhéus, lugar que lhe serviu de inspiração para os futuros romances.<sup>12</sup> Quando jovem, foi para o Rio de Janeiro estudar Direito na Universidade do Rio de Janeiro. A faculdade era um local que proporcionava aos estudantes debates a respeito de arte e política. Ao mudar-se para o Rio conheceu

---

<sup>8</sup> Já nos anos 80, a Prof.<sup>a</sup>. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC) fez uma pesquisa sobre a leitura de Jorge Amado em currículos dos cursos de Letras Português e constatou a sua ausência como atividade curricular nas bibliografias e nos conteúdos programáticos.

<sup>9</sup> Em pesquisa de listas de livros adotados por Universidades para o exame vestibular, com alguma regularidade são incluídos títulos como *Capitães da Areia* e *Quincas Berro d'Água*. Para o vestibular UFSC 2012, esteve incluído *Capitães da Areia*, narrativa adaptada para o cinema em 2011 pela sua neta Cecília Amado.

<sup>10</sup> Para conferência desta produção basta consultar o Banco de Dissertações e Teses da CAPES.

<sup>11</sup> No ano de 2012, centenário do nascimento de Jorge Amado, foram inúmeros os eventos que marcaram a importância do autor. Destacamos a exposição do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, com a exposição “Jorge Amado é Universal”.

<sup>12</sup> Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

diversas pessoas, entre elas, Rachel de Queiroz<sup>13</sup>, por meio de quem se aproxima dos comunistas. A filiação de Jorge Amado na Juventude Comunista no ano de 1932 teve forte influência no seu estilo literário. Em entrevista para Raillard<sup>14</sup> (1992, p.57), Jorge Amado revela que *Cacau* e *Suor*, publicados um em seguida ao outro - 1933 e 1934 -, significaram o seu encontro com a esquerda. Conforme a entrevista retirada do livro:

Fue en ese momento cuando me hice militante de izquierda, y también fue en esa época cuando me encontré con la literatura, con la novela proletaria de los años 20, con la literatura soviética de la primera fase y con los escritores estadounidenses que surgían...

Formado na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro em 1935, Jorge Amado se autoexila posteriormente nas cidades de Buenos Aires e Montevideo para escrever, como militante, a biografia engajada de Luiz Carlos Prestes. Foi eleito, em 1945, membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Jorge Amado foi o autor da lei que assegura o direito à liberdade de culto religioso.

Os membros do PCB foram perseguidos e presos, e o partido foi declarado ilegal. Jorge Amado se exilou então na França com a família, onde ficou até 1950, quando foi expulso<sup>15</sup>. De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se da militância política em 1955, sem deixar os quadros do Partido Comunista. Dedicou-se profundamente à literatura. Conforme consta no site Fundação Casa de Jorge Amado, em 6 de abril de 1961 o escritor foi eleito para a cadeira de número 23 da Academia

---

<sup>13</sup> Rachel de Queiroz foi uma escritora cearense. Atuou como jornalista, romancista, escritora, tradutora, cronista e dramaturga brasileira. Esteve no princípio do movimento regionalista, abordando temas como a seca e a miséria do Nordeste do país. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

<sup>14</sup> Alice Raillard foi uma escritora, editora e jornalista francesa, tradutora da maioria dos livros de Jorge Amado. O livro de conversações com Jorge Amado surgiu de uma entrevista que aconteceu entre novembro e dezembro de 1985, na famosa casa de Jorge Amado no Rio Vermelho, Salvador, Bahia.

<sup>15</sup> Dados retirados do site da FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis. Jorge Amado faleceu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001, foi cremado conforme desejava, e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência na Rua Alagoinhas, no dia em que completaria 89 anos<sup>16</sup>.

## **1.2 ESCREVER PARA O POVO: DO ROMANCE PROLETÁRIO AO ROMANCE SOCIALISTA**

Durante o período da monarquia e da primeira república, a sociedade brasileira que consumia trabalho intelectual era predominantemente a elite letrada. Desta forma, quem escrevia livros ou outra produção intelectual escrevia para a parcela da população que tinha acesso aos livros. Os temas, o ambiente, a trama e os personagens eram produzidos de forma que agradassem à elite brasileira ou que a provocasse pela perspectiva crítica, como aconteceu com os escritores do final do século XIX e início do século XX: Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto, por exemplo.

Jorge Amado, nascido no início do século XX é o escritor que surge no contexto do movimento modernista (Anexo 5). Na opção por uma literatura engajada, via o poder legitimado no Brasil a serviço de uma elite dominante: financeira e principalmente cultural, e, talvez embora não fosse lido por aqueles sobre os quais falava, escrevia para mostrar um Brasil incômodo e exótico. Havia nos marginais, nos trabalhadores e nos sertanejos uma consciência reivindicatória e de protesto.

Segundo Almeida (1979), o escritor baiano irá percorrer da fase inicial da sua carreira, conhecida como Romance Proletariado, para a fase descrita como Socialista/Realista. As primeiras seis obras de Jorge Amado podem ser incluídas no que Lopes (1961) chamará de *Ciclo da Bahia*. São elas: *O País do Carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães de Areia*.

Os primeiros romances de Jorge Amado retratam a realidade do povo da época; ressaltam a secura da terra e as relações entre as pessoas. As descrições das personagens que vivenciam as dificuldades sociais enfrentadas fazem com que sua literatura se aproxime de um cunho popular – ou até populista. Dessa maneira, seus textos ficaram à margem de um processo canonizador academicista, já que transitava pelo

---

<sup>16</sup> Ibid.



universo do povo, em busca de um realismo geográfico, histórico, humanizado e denunciatório; e não apenas criado para possibilitar a leitura de criaturas de papel.

O livro *Uma história no romance de 30* aponta que os críticos sinalizam como defeitos persistentes nas obras de Jorge Amado elementos como: falta de complexidade interior nas personagens, a linguagem pouco trabalhada e ausência de técnicas nos moldes tradicionais e o discurso poético, tornando a ação emperrada pelo discurso (CAMARGO, 2001). Um dos principais historiadores e críticos literários brasileiros, Alfredo Bosi (1990, p.457-459), escreve que Jorge Amado utilizava, em seus primeiros romances, uma linguagem precária, diferente de outros escritores contemporâneos da década de 30/40: “[...] um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros da sua terra [...] Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo”. O crítico ainda acrescenta que a obra do escritor baiano deu de tudo um pouco: “pieguice e volúpia [...], estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, além de descuido formal a pretexto de oralidade”.

Sobre a fase em que se dão os romances *O Cavaleiro da Esperança* e *ABC de Castro Alves*, oriundos de um processo anterior de escrita social, Bosi (1990) dirá que não passa de um grupo de escritos de pregação partidária. Existe uma cobrança pelo fato de Jorge Amado ter transitado por diversos momentos de sua escrita, e, conseqüentemente, ter tido impulsos distintos de criação literária, quando deixa de lado o engajamento social para voltar-se às novelas regionalistas, se distanciando do fervor ideológico da juventude. Jorge Amado perpassa por obras que retratam a vida dos marinheiros, dos coronéis e exportadores, desembocando, por fim, em um escritor amadurecido, publicando obras como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona flor e seus dois maridos*.

Posteriormente, novas leituras em âmbito acadêmico foram feitas sobre a obra do autor e seus romances regionais, por exemplo, o estudo de Macedo (2010, p. 2), onde ela, sem se afastar muito das abordagens comuns à fortuna crítica do autor, consegue mostrar com mais aprofundamento que: “As estéticas formal e linguística que perpassam pelo texto de Jorge Amado refletem a constituição dos personagens que, oriundos do povo, são representados na literatura bem próximos da realidade com uma transparência de linguagens e uma mimese da fala”.

Ainda sobre o “escrever para o povo”, Duarte (1996, p.34) aponta:

Constitui-se em meta primordial e ponto de partida para adoção de uma linguagem marcada pela oralidade, com o uso do coloquial configurando-se como grande distintivo da expressão de Jorge Amado. No plano do enredo, essa busca popular leva à absorção dos esquemas de aventura e heroísmo amplamente disseminados no cordel ou no romance de folhetim.

O que muitos estudantes e teóricos procuram mostrar é que Jorge Amado produziu um tipo de literatura que trazia à tona os problemas sociais do povo nordestino, almejando “a organização dos trabalhadores, já que a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária” (RAILLARD, 1990, p. 55). Conforme Lucas (1970), um dos importantes e tradicionais críticos literários, “o romance de costumes não punha a mão na chaga”, ou seja, não eram todos os escritores que mesmo vendo desigualdades expunham-nas em seus livros. Jorge Amado o fazia, e tornou visíveis histórias sobre personagens nordestinos, fez com que outros leitores conhecessem mais daquela outra realidade brasileira que não a do Sul ou a do Sudeste. Neste sentido, a visibilidade, ainda que contada num romance ficcional, possuía personagens espelhados numa realidade verídica, e só ou por isso mesmo já tem, a meu ver, seu lugar de importância.

Ainda nos anos 30 o escritor demonstra sua postura político-partidária de maneira mais efervescente, que será refletida nas obras do período socialista, como o próprio *Cavaleiro da Esperança*. Já no alvorecer da década de 40, o jovem Jorge Amado defendia que os produtores literários precisavam afirmar de modo autônomo suas posições sociais enquanto escritores. Neste contexto, o Estado, interessado em interferir na vida pública, utilizava aparatos de coerção para intimidar as pessoas e vetarem suas ideias, como a criação do Instituto Nacional do Livro, do Serviço Nacional de Teatro e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Revista *Cultura Política* juntamente com o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) controlavam as publicações e intervinham diretamente na liberdade de expressão da massa composta pelos cidadãos. Os intelectuais que o Estado valorizava eram atribuídos status de importância, ao passo que

estes mesmos produtores de conhecimento corroboravam com a manutenção do sistema. Tal afirmação pode assim ser exemplificada,

Com relação à ingerência do Estado, ao acompanharmos o percurso literário de Amado no transcorrer da última metade dos anos 30 e da primeira fase dos anos 40, registramos inúmeras sanções emanadas do campo e do poder se abatendo sobre ele e inúmeros outros produtores intelectuais. Desde as sanções relativas às possíveis atividades do escritor, como a proibição velada de ocupar cargos públicos, até restrições várias à circulação de seus trabalhos: queima de livros (*Capitães de Areia*, *Mar Morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *O país do Carnaval*) em praça pública, impedindo seus livros (*ABC de Castro Alves*) serem expostos em vitrinas de livrarias ou mesmo impedimentos de serem editados e colocados no circuito comercial, obrigando inclusive a que pelo menos uma primeira edição (*Vida de Luiz Carlos Prestes*) tenha sido publicada em outro país, sendo só mais tarde reeditada. (ALMEIDA, 1979, p. 148).

Na 3ª edição da biografia *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, de 1945, no campo *Apêndice* consta um documento do Estado Novo com os dizeres “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho”, no qual obras de Jorge Amado e José Lins do Rego foram os mais atingidos: “os livros apreendidos e julgados simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de *Capitães de Areia*, 223 exemplares de *Mar Morto*, 89 exemplares de *Cacau*, 93 exemplares de *Suor*, 267 exemplares de *Jubiabá*, 214 de *País do Carnaval* [...]”.

Nota-se que o Estado tinha seus mecanismos de coerção frente àqueles que de alguma maneira tentavam se expressar criticamente. Foi nesse cenário político conturbado que Jorge Amado esteve inserido em meados da década de 30. É a partir deste panorama, envolvido com seu papel de escritor que o jovem de 24 anos classificará o romance como “um ser político” e uma “arma para luta”, como constata-se na fala a seguir:

Nos encontramos num momento angustioso. E transformamos a revolução puramente literária

dos modernistas num movimento de literatura social. (...) Nós nascemos da guerra e da revolução russa. Somos uma geração de romancistas. (TÁTI, 1961, p.88-93)

A época que compreende a segunda metade dos anos 30 e início dos anos 40, tem-se a publicação de *Mar Morto* e *ABC de Castro Alves*. Estas, por sua vez, eram obras que denunciavam a riqueza de uma pequena parcela diante da exploração e do suor de muitos trabalhadores, bem como o sangue derramado naquelas terras em que não era permitido discordar do poderio dos coronéis. É, portanto, neste contexto em que o Estado Novo ditava suas regras de ‘boa conduta cívica’, que Jorge Amado escolhe o exílio como forma de refúgio e para atender a missão pedida pelo Partido Comunista e assim continuar produzindo, uma vez que estava sendo vetado pelo Estado. Como aponta Duarte (2012, p.32):

O engajamento político e a consequente repressão sofrida por Jorge Amado – seja enquanto autor de obras apreendidas e queimadas, ou enquanto jornalista a serviço do partido – exercem um papel amplificador e de caixa de ressonância que auxilia as narrativas a ganharem rápida notoriedade, a par dos inegáveis méritos de textos voltados para o grande público.

Desta forma, a fase que corresponde à Literatura de Partido não era bem vista pelas instâncias de poder, afinal, o que Jorge Amado produziu de biografias (*ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança*) tornou visíveis temas como a abolição da escravatura e a luta pela democracia; revelando figuras comprometidas com o povo e com as revoluções, além de delatar posições políticas que o Estado Novo impunha, como foi no caso da biografia de Prestes. Ao mesmo tempo em que estava sendo lido por um novo leitor, incomodava a ditadura, pois poderia insuflar os leitores por essa “literatura de combate”.

É interessante, por isso mesmo, perceber que a fase descrita por Almeida (1979) como “Realismo Socialista” do escritor é marcada por certa invisibilidade. Por exemplo, as biografias a respeito de Jorge Amado não enfatizam suas obras de cunho político (*O Cavaleiro da Esperança*, *Seara Vermelha*, *Homens* e *Coisas do Partido Comunista*), talvez “por serem considerados ‘escritos partidários’ e, por conseguinte

não literários, no entender de críticos e editor”. (ALMEIDA, 1979, p. 198)

É possível supor que o motivo de esquecimento da fase partidária de Jorge Amado e de outros autores que militaram através da literatura se deva à ideia de que textos de cunho político, ainda que sejam produzidos por escritores reconhecidos, não são passíveis de maior crédito pela crítica e pela história da literatura, deixando este “papel” para pessoas ligadas ao estudo do pensamento político (como se não houvesse interligação entre esses momentos históricos). Ou, para ser menos parcial, considerar que o engajamento temático dá uma menor elaboração formal ao texto, o que não permite um olhar mais apurado para o seu caráter estético.

O próprio escritor passará pelo processo de apagamento de sua fase militante, mas o aprofundamento sobre esta questão será dada posteriormente a seguir, em outro capítulo.



## **II**

### **O CAVALEIRO BIOGRAFADO**

O que traria problemas à história e à memória  
seria o esquecimento do esquecimento.

*Jô Gondar, 2008.*





## 2.1 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI

A inscrição é a memória que  
nunca esquece que existe  
esquecimento e nunca cessa de  
escrever a insuficiência da  
lembrança.

*João Guimarães Rosa*

A biografia *O Cavaleiro da Esperança* traz a visão romanceada da trajetória de Luiz Carlos Prestes. Um Jorge Amado jovem, totalmente envolto pelos ideais comunistas, com o propósito de alcançar leitores na luta pela democracia e “pela libertação do herói”. A obra é escrita através de memórias relatadas por pessoas próximas a Prestes ou que o admiravam:

Como se vê, este livro é quase um trabalho coletivo. Eu apenas o estudei e escrevi. E na sua realização ele sofre vários defeitos, eu bem o sei. Uns provenientes da minha estada no estrangeiro, me escapando, apesar dos meus esforços, uma parte do material. Outros provenientes da proximidade de temas tratados, alguns deles ligados a mim diretamente, tratados por consequência com paixão. Sei que por vezes me perco em detalhes de literatura deixando talvez detalhes políticos mais importantes. É que sou um escritor e minha vida política decorre da minha honestidade de escritor... [...] Sendo um trabalho de cooperação de tanta gente, uns reunindo materiais, outros enviando dados, outros datilografando originais, esclarecendo dúvidas do autor, quero fazer notar, no entanto, que ele representa a opinião pessoal de um escritor brasileiro sobre um Herói, alguns fatos e alguns homens de sua terra. (AMADO, 1945, p.29).

O escritor, portanto, constrói em cima dessas memórias o alicerce necessário para a construção de sua narrativa. Como aponta Duarte (2002, p.234):

A vida de Luiz Carlos Prestes, biografia panfletária destinada à campanha pública pela anistia ao líder comunista, é mais tarde recolhida pela polícia argentina e incendiada a mando de Perón. Mais uma vez, a repressão constrói uma aura de heroísmo em torno do livro, cujas páginas, muitas vezes datilografadas ou até fotografadas uma a uma e contrabandeadas pela militância, difundem-se de mão em mão Brasil afora, na calada da noite da ditadura varguista.

O escritor Jorge Amado se autoexila a fim de produzir a biografia, anunciando um discurso de natureza política, época em que está engajado e comprometido com a ANL<sup>17</sup> e o Partido Comunista. Segundo o autor, para dar vida à biografia foi preciso sair do país porque devido ao clima policial do Estado Novo não seria possível a criação do livro e tampouco publicá-lo. Conforme Duarte (2002, p.6) “Da mesma forma como Neruda no Chile, Jorge Amado se exila não por ser o “romancista do povo”, mas por atuar politicamente como membro de um partido proscrito”.

A censura barra a edição da biografia no Brasil, por suscitar um engajamento político de cunho comunista, que por sua vez contestava a ditadura imposta pelo Estado Novo. Conforme Almeida (1979, p. 198-199), em um pioneiro estudo sobre as relações da literatura e da política em Jorge Amado, o livro sobre a vida de Luiz Carlos Prestes, “sai numa tiragem de 31 mil exemplares e em meses conhece outra edição, o que atesta a receptividade de seu autor pelo seu público virtual consumidor de bens simbólicos”. O autor adverte também que se trata de um “livro político, escrito para a campanha da anistia”.

A primeira versão da biografia do líder comunista é publicada em espanhol em Buenos Aires, pela Editorial Claridad, com 395 páginas. Foi traduzida por Pompeu Borges, sob o título *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* no ano de 1942. Posteriormente será publicada no Brasil pela Livraria Martins Editora, em meados de junho, no ano de 1945, assumindo o título desejado por Jorge Amado, *O Cavaleiro da Esperança*, com 366 páginas. Até a 12ª edição de 1952

---

<sup>17</sup> ANL (Aliança Nacional Libertadora) era a Frente Popular desenvolvida no Brasil, tendo no comando o PCB e os ex-membros do Movimento Tenentista – Coluna Prestes. Jorge Amado era membro da ANL em 1935 e com seu fechamento se inseriu nos quadros no PCB. No lançamento de *O Cavaleiro da Esperança* o romancista já estava engajado no partido.

permaneceu com a mesma Editora. Em 1948, a Livraria Martins Editora, São Paulo, concedeu autorização à Editorial Vitória, Rio de Janeiro, para promover uma edição especial ilustrada por Renina Katz e outras edições simples. A última da série, a 17ª edição, é de 1963. A Editora Record, Rio de Janeiro, deteve os direitos de publicação, até 2008. Atualmente a Companhia das Letras reeditou *O cavaleiro da Esperança*, contendo o posfácio da historiadora Anita Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes<sup>18</sup>.

O marco do ano de 1942 como a primeira publicação do livro permite que se possa ressaltar a Argentina, o México e o Chile como países influentes no mercado editorial naquela época. Considerados polos editoriais, a produção massiva de livros supria o público leitor latino-americano. A própria Cooperativa Editorial Claridad era referência nas publicações de obras de cunho socialista na Argentina; iniciou com publicações de cadernos semanais, chamado *Los Pensadores*. Adiante, ganhou fôlego e passou a ser em formato de revista, intitulada *Revista de arte, crítica e letras - tribuna del pensamiento libre*, - possível visualizar a contracapa a seguir - (Figura 1); em que publicavam diversos intelectuais militantes da época. Admite, sobre este contexto, o diretor-gerente, Antonio Zamora, no ano de 1924:

De acuerdo con los propósitos anunciados ofrecemos hoy «Los Pensadores» transformada en revista de selección ilustrada: de arte, crítica y literatura. Se inicia así una nueva era para esta vieja publicación con la cual la EDITORIAL CLARIDAD ha realizado la mayor parte de su labor destinada a la divulgación de obras literarias y científicas de autores de todos los tiempos y países. Muy amplios son los propósitos que nos animan a desarrollar en esta nueva forma, guiados por un elevado criterio y con un fin de utilidad social. Nos proponemos hacer de esta revista un gran suplemento que llene la sentida necesidad de una publicación libre de todos los prejuicios que imperan en esta época sensual y proclive. Prometemos hacer de esta revista la más alta tribuna de difusión de las grandes y profundas

---

<sup>18</sup> Dados retirados do site da FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

atividades humanas que propulsa o progresso por  
as vias de a razão hacia a liberdade y a justiça.<sup>19</sup>

Figura 1 – Editorial Claridad



Fica evidenciado, portanto, que a Editorial Claridad firmou um compromisso sério na arte de divulgar, na contramão dos estados conservadores da América, obras seletas, em edições econômicas, que difundissem os ideais de esquerda e que chegassem ao alcance do povo.

A respeito de *O Cavaleiro da Esperança*, há uma certeza de que durante 1942-1945 foram os países latino-americanos que fizeram uma leitura mais completa e mais livre, já que

[...] o livro transpôs as fronteiras do Brasil de forma clandestina, através dos militantes e simpatizantes do PCB e ex-integrantes da ANL. Somente em junho de 1945, com o enfraquecimento político do Estado Novo, a biografia de Prestes é lançada definitivamente no Brasil em língua portuguesa [...] (TAVARES, 1978, p. 35)

Os comunistas aliados ao PCB esperavam a anistia de Prestes, bem como a de outros militantes comunistas presos sob a ditadura do Estado Novo. Não deixar cair no esquecimento a Coluna Prestes,

<sup>19</sup> Año III, 6 de Diciembre de 1924, N° 101.

mesmo sob o signo da censura, era uma preocupação partidária. Ler a biografia escrita por Jorge Amado, mesmo em capítulos isolados, fazia bastante sentido para aqueles que buscavam, no percurso de Prestes, um amanhã menos desigual. Toda a narrativa contida e contada em *O Cavaleiro da Esperança*, com seus enredos épicos, seus personagens corajosos e o ponto de vista comprometido do narrador demonstram este anseio, repleto de expectativas pela anistia do “herói do povo”. A libertação de Prestes significava esperança. Era alguém que, para muitos, afrouxaria atitudes e medidas da ditadura do governo Vargas, configurando a luta pela democracia.

Se tal objetivo o livro não conseguiu plenamente, não há como não registrar o sucesso editorial. A partir de 1945, a biografia de Prestes é publicada em Portugal e traduzida para: albanês, alemão, árabe, búlgaro, chinês, espanhol, eslovaco, francês, grego, hebraico, holandês, húngaro, italiano, japonês, mongol, persa, polonês, romeno, russo e tcheco<sup>20</sup>.

O próprio autor, Jorge Amado, no prefácio da primeira edição brasileira da obra, publicada pela Livraria Martins Editora, em 1945, cita:

Traduções para outras línguas foram feitas sobre a tradução espanhola; no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente, por vezes por preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico... Os exemplares aqui vendidos nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: *Vida de Luís*, *Vida do Rei Luís*, *Travessuras de Luisinho* etc. Depois também sua edição argentina foi proibida e queimada em Buenos Aires, por ordem do governo Perón. Valorizaram-se ainda mais os exemplares que circulavam no Brasil.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e uma revisão ideológica de valores, os ideais comunistas parecem permanecer em um inconsciente coletivo. Isso pode justificar o interesse por décadas pela

---

<sup>20</sup> Dados retirados do site da FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

história de vida de Luiz Carlos Prestes (Ver anexo 6). Ao passo que Jorge Amado começava a se projetar internacionalmente através de outras obras, paradoxalmente, mais tarde, omitiu seu período de cunho político partidário. (Ver anexo 7).

Tanto a obra *ABC de Castro Alves* (1941) como *Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança* (1942) tratam-se de livros elaborados a partir de relatos e fontes secundárias, e foram recebidas posteriormente pelos intérpretes como “biografias” (posteriormente por conta da tardia circulação no Brasil devido à censura). Por este motivo, acredita-se que os livros mencionados ficaram fora das *Obras completas de Jorge Amado*, coleção lançada pela Livraria Martins por pertencer ao gênero biográfico e não aos romances, como eram conhecidos outros títulos do autor.

Considerado também biógrafo, a pluralidade pela qual Jorge Amado transita é notoriamente reconhecida, vinte anos depois, como critério de avaliação por Magalhães Jr (1961), para dar a Jorge Amado a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras. (Almeida, 1979). O escritor é nomeado como romancista, escritor, poeta e biógrafo. Esta pluralidade, portanto, confere ao escritor um reforço para sua consagração literária.

## 2.2 A ESCRITA BIOGRÁFICA

Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas.

*Paul Ricoeur*

O ato de se reunirem fontes a fim de compor um relato, conforme defende Marília Rothier Cardoso (RICOEUR, 1995), resulta nada mais nada menos que na conjuração de alguns fantasmas. A composição destes espectros é marcada por sua potência transformadora, passando por um processo que solidifica a construção de uma realidade. As narrativas biográficas são marcadas por memórias ou até mesmo esquecimentos, ordenando a realidade e cristalizando algumas identidades, seja da pessoa que escreve e lê a biografia ou do sujeito biografado.

Na memória, então, permeiam diversas histórias lembradas e dispostas por diferentes ângulos. As narrativas da memória histórica parecem oferecer direções, como se estivessem ancoradas num dado

momento de tempo, ao possibilitar aos leitores, pesquisadores, estudiosos, interessados, informações e a posterior construção de mais uma peça no fragmentado quebra-cabeça de uma possível história do tempo presente. Conforme Herschmann (2002, p. 144),

Se, por um lado é possível fazer esta constatação, por outro, as motivações, o amplo consumo de material biográfico também parecem estar relacionados a uma intensa preocupação não só com a produção de referências, de identidades, de sentido e significado para as trajetórias de vida, mas também de obsessão com a memória, isto é, por um temor difuso da “amnésia coletiva”.

Os processos de visibilidades e construções dessas narrativas são imprescindíveis, pois, é através da recuperação de fatos, documentos, histórias orais e escritas, testemunho, entrevistas, acervos e arquivos que as trajetórias de vida se tornam públicas, recuperando e/ou legitimando “processos que constroem (re) leituras do passado e do presente – de eventos e de identidades, seja para grupos sociais ou grandes coletividades”<sup>21</sup>. Aqui é possível aproximar a obra *O Cavaleiro da Esperança*, uma vez que Luiz Carlos Prestes é construído por Jorge Amado por meio dessas memórias históricas e até mesmo afetivas, legitimando a representação do homem bom, honesto, de liderança, planejador e engajado, almejado por Jorge Amado na construção do livro.

Segundo Cardoso (2002), o biógrafo pode assumir ou não uma postura voluntária na posição de herdeiro do biografado. Pode-se dizer que Jorge Amado se posiciona como um narrador onisciente e onividente (aquele que tudo sabe e tudo vê), adotando uma postura em sua escrita que permite exaltar a vida do biografado. A narração do livro acontece em terceira pessoa e Jorge Amado não se apresenta explicitamente como um elemento envolvido na história, salvo a interlocução que o autor estabelece com uma interlocutora, o que pressupõe uma ouvinte ou uma leitora. No prefácio de *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado escreve:

Vou te contar, amiga, a história dessa luz, dessa estrela, dessa esperança [...] Só o povo, amiga, alimenta, concebe e cria o herói. [...] Nunca te

---

<sup>21</sup> Mais detalhes em: POLLACK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

enganarás, amiga, porque o povo nunca se engana. [...] Bem sei, negra, que essa não é uma noite do cais da Bahia [...] Nunca é caro, amiga, o preço da liberdade. (1979, p.11-12).

Na leitura feita por Prestes (2015, p. 373) sobre a obra de Jorge Amado, a historiadora registra que o autor se dirige a uma leitora imaginária a quem chama de “amiga” ou “negra”, no intuito de falar diretamente com o povo brasileiro, apelando aos leitores que assumam posição na luta pela democracia e pela liberdade.

Para a teórica Brait (1985, p. 56), este tipo de narrador “simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história [...]”. A impressão de ter alguém com uma câmera registrando todos os instantes causa uma espécie de aproximação com o protagonista-personagem da trama, como se o escritor estivesse presente o tempo inteiro, do nascimento de Prestes às lutas do Partido.

Quando se agregam fontes para a construção de um determinado cenário, descreve-se um processo de subjetivação que “produz-se um saber de efeito singularizador [...]”, e ainda, “para medir a produção de um fantasma, configurada em bela forma híbrida, o valor não pode deixar de corresponder a uma economia instável e heterogênea”. (CARDOSO, 2002, p. 122) Nas palavras de Cardoso (2002, p.129), em um inovador texto sobre a importância da retomada da biografia, “os protocolos de consagração de um artista apoiam-se na aparência secreta do objeto admirado”.

É nítida, em diversos trechos de *O Cavaleiro da Esperança*, a admiração e o posterior desejo de consagração utilizado por Jorge Amado. Abaixo, um dos trechos que se refere ao nascimento de Prestes:

E há esperança. Um latido de esperança, tão forte e tão sentido, que atravessa o silêncio imposto pela polícia e ressoa como uma sentença implacável no peito acovardado de cada traidor do bem da pátria. Um latido de esperança, amiga. Tão forte que atravessa o imenso cárcere que é o Brasil de hoje e transborda sobre a América, de norte a sul, do Alasca à Patagônia. (AMADO, p.42).

Desta forma, a memória é dominada pelo acúmulo de notícias e difunde-se em um “caos amnésico”, sendo a partir deste processo, construídas as leituras e suas refacções do passado, de eventos, e



construções de identidades, sejam elas para um grupo social ou para a grande massa (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002). Jorge Amado escreve *O Cavaleiro da Esperança* sem conhecer Luiz Carlos Prestes pessoalmente. Quando busca depoimentos e relatos para escrever a biografia de Prestes, o escritor seleciona as memórias, testemunhos, depoimentos, documentos e cartas de pessoas do partido, assim como correspondências de Leocádia, mãe de Prestes, e Lygia Prestes, irmã, que permitirão a construção do personagem que deseja e precisa apresentar aos leitores.

O escritor faz uso, segundo Pontes (2009), das memórias da mãe de Prestes, e descreve que “o livro é um panfleto engajado, que relata “memórias autorizadas”, credenciando a veracidade do narrado, buscando assim, tornar-se uma memória real de um grupo social mais amplo: a nação e o mundo”. Jorge Amado reconstrói o passado através destes relatos. Tais vozes narrativas misturadas e vivificadas pode se remeter à “polifonia bakhtiniana”, na qual toda narrativa é uma pluralidade de vozes. Conforme Bakhtin (2003, p.3):

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor [...] A voz do herói possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis.

De acordo com Bourdieu (2006, p. 184), um dos primeiros pesquisadores que pensa a biografia para além do factual, mas mais próximo de uma ilusão, “o sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar *o postulado da existência da história narrada*, (e, implicitamente, de qualquer existência).” Portanto, Prestes como o objeto da biografia será concebido por Jorge Amado como o “condutor da ação”, aquele representa a “força temática”, que pode nascer de um desejo ou de uma carência. (BRAITH, p.49).

No panorama mais amplo, as forças nazifascistas invadiam o mundo (Ver Anexo 8) e a ideologia direitista resultou no golpe de Estado e a consequente ditadura. A “força temática”, neste contexto, pode ser observada pela necessidade que o Partido Comunista teve de disseminar seus ideais contra a política varguista, como por exemplo, a marcha da Coluna Prestes. (Ver Anexo 9).

A personagem aqui faria com que o povo tomasse conhecimento de uma possível mudança, assumindo dentro da narrativa o papel de uma personagem histórica, que remete a um sentido fixo e pleno, imobilizada por uma cultura e contribuindo para simbolizar a figura do herói:

Nada impedirá que outras informações ponham em causa os fatos, embaralhe as cartas, fragmente a narrativa em novelas, em opiniões, em imprecisões. Uma lenda, pois. Uma história só é verdadeira quando alguém crê nela, e ela muda de conteúdo a cada narrador. Um caso clínico não é um romance contando o que se passou, mas uma espécie de ficção que o analista dá de si mesmo. [...] Mesmo se o que permanecia privado torna-se público, não nos aproximamos da verdade. O que já era conhecido altera-se simplesmente com esses novos elementos e forma uma nova versão da lenda. (SCHNEIDER, 2011, p. 27-28).

Para a teórica Arfuch (2010, p. 198-199), em um dos mais recentes estudos sobre biografia e subjetividade contemporânea, a infância será a ancoragem obrigatória de todo devir, lugar sintomático cuja funcionalidade não tem a ver somente com uma coerência narrativa, mas também explicativa, na medida em que permite estabelecer certa causalidade entre virtualidade e realização.

Nas páginas tecidas não cabem defeitos ou derrotas: desde o nascimento, Luiz Carlos Prestes veio para libertar o povo de seu destino, quase um herói épico, mas com uma humana diferença, usando o verbo nesse futuro do pretérito, nesse devir condicional: Prestes não sucumbiria, vencedor que era lutaria até o fim. Nas palavras de Schneider (2011, p.21):

Um pouco como o sonhador é ao mesmo tempo o sonhador e as personagens de seu sonho, o romancista é e não é as personagens de seu romance. Se preferirmos: não é ele mesmo que ele conta ou joga em cena. É *ele outro*, é ele tal como se sonha, se fantasma, tal como se ignora. [...] É porque uma relação de projeção, de representação, de lembranças, de afetos ou de sensações une todo romancista a todas as suas personagens.

A aura de ficção criada pela biografia romanceada pode vir ao encontro do que Candido (1970) descreve a respeito das personagens, em que estas só adquirem valor e veracidade quando vivenciam o enredo e as ideias: “No mundo fictício as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, tem contorno definido, pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes”. (1970, p.67).

No compromisso de escrever a biografia, o escritor baiano transforma Luiz Carlos Prestes em personagem (superando as passíveis fraquezas e as possíveis marcas de conduta extrema enquanto um homem comum), dando lugar ao herói. No viés da caracterização da personagem, Segolin (1978, p. 115) dirá que

a personagem não é um retrato do homem, mas o homem reduzido a uma linguagem que, antes de reproduzi-lo o transforma e o nega, propondo-o como um complexo de significantes que nada tem a ver com ele, mas que ambigualmente nos aproxima dele, na medida em que nos sugere um modo de vê-lo.

Nessa etapa, Prestes é procurado por vários líderes de movimentos golpistas ou de oposição aos governos - do Peru, da Bolívia e do Paraguai. Consideram-no um chefe, um homem indicado para impulsionar esses movimentos em toda a América. Rodolfo Ghioldi<sup>22</sup>, revolucionário argentino nessa época, escreve sobre Prestes, dizendo que "não só os brasileiros o buscam, os uruguaios, os paraguaios, os bolivianos o procuram. Os revolucionários sul-americanos o reconhecem como o maior, o admiram, escrevem sobre ele, esperam seu

---

<sup>22</sup> Rodolfo Ghioldi (1897-1985) foi um ativista político argentino, dirigente do Partido Comunista Argentino e representante do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (Comintern), que participou junto com Arthur E. Ewert, Luís Carlos Prestes e Miranda do grupo que em nome do PCB e da ANL, preparou e dirigiu o Levante Comunista no Brasil em 1935. Ghioldi ajudou Luís Carlos Prestes a exilar-se na Bolívia, lá estudaram as obras marxistas e socialistas/comunistas, também desenvolveram algumas ideias próprias.

Disponível

em:

<[http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ghioldi\\_rodolfo.htm](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ghioldi_rodolfo.htm)>  
 . Acesso em: 24 jun. 2015.

conselho",<sup>23</sup> - (como se constata em produções poéticas sobre Prestes, encontradas também no acervo e mais detalhadamente no próximo capítulo).

É notório o quanto a figura de Prestes é de maneira latente trabalhada e exaltada. Em um capítulo sobre os heróis nacionais, Kothe (1985, p. 55) escreve que “há personagens da história de um povo que personificam a “alma” desse povo [...] Um grande personagem nunca é patrimônio exclusivo de uma nação”.

Jorge Amado logo nas primeiras linhas da biografia previne que o que ele narraria sobre o que aconteceu a Prestes, Olga Benário<sup>24</sup> e seus companheiros seria uma história realmente triste. Alguns de seus companheiros foram torturados. Olga foi deportada para a Alemanha nazista, sendo separada de sua filha<sup>25</sup> e pouco tempo depois morreu em um campo de concentração. O autor encerra a sua narrativa contando que o livro foi concluído em Janeiro de 1942, que o militante tinha quarenta e quatro anos de idade e estava preso no Rio de Janeiro. Finaliza com o grito: “Liberdade para Luiz Carlos Prestes!!!”

Para Pontes (2009), Jorge Amado, “talvez sem perceber, utilizou as afetividades, a humilhação e o ressentimento - principais agentes da memória irracional - para construção de uma memória racionalizada e coletiva”. No intuito de pensar sua obra como um instrumento que

---

<sup>23</sup> BARBIERI, Celso. *Memórias Políticas*. Disponível em: <[www.celsobarbieri.co.uk/barbieri/memorias/politica/luis\\_carlos\\_prestes/3\\_exilio\\_conversao\\_ao\\_marxismo.htm](http://www.celsobarbieri.co.uk/barbieri/memorias/politica/luis_carlos_prestes/3_exilio_conversao_ao_marxismo.htm)>. Acesso em: 12 set. 2014.

<sup>24</sup> Olga Benário Prestes nasceu em Munique na Alemanha em 12 de fevereiro de 1908. De origem judaica, Olga se torna uma jovem militante comunista em 1923, quando ingressa na chamada Juventude Comunista. Em 1930 vem para o Brasil em apoio ao Partido Comunista do Brasil. Designada como guarda-costas de Luís Carlos Prestes, foi sua companheira e tiveram uma filha. Durante o governo de Getúlio Vargas, Olga foi deportada para a Alemanha e em fevereiro de 1942 foi executada em um campo de extermínio pelo regime nazista. (MORAIS, 2009).

<sup>25</sup> Anita Leocádia Prestes, filha do líder comunista Luiz Carlos Prestes e de Olga Benário Prestes, nasceu no dia 27 de novembro de 1936, em Barnimstrasse, prisão destinada às mulheres na Alemanha Nazista, para onde sua mãe, judia alemã e comunista, foi levada após ser deportada do Brasil, por Getúlio Vargas, aos sete meses de gravidez. Foi separada da mãe aos 14 meses e adotada pela avó paterna. Conheceu o pai nove anos depois, após sua anistia no Brasil. Cresceu sob os cuidados da avó, Leocádia, e sua tia Lygia. Formou-se em história e é professora do departamento de Pós Graduação na UFRJ. Tem atualmente 80 anos.

alcançasse muitas pessoas e que as fizessem crer que o comunismo poderia ser a solução, – o escritor se mostra através de *O Cavaleiro da Esperança* um escritor refletido por um contexto político, ideológico, mergulhado no período histórico em que se encontrava. Fez uma literatura *por encomenda*, mas sem ser onerado, sem receber auxílio financeiro, apoiado por exilados brasileiros em Buenos Aires e Montevidéu.

A aproximação de Jorge Amado com sua própria obra e também com seus leitores pode ser refletida nas palavras de Schneider (2011, p.30-31):

Quem escuta enquanto o outro fala, quem lê o que o outro escreve? Há redizeres que são como alma do outro mundo; livros que pensamos ter feito e que nos fizeram. O encontro do autor e de “seu” leitor – quem pertence a quem? – resulta do encontro cego em que cada um, pensando interrogar sobre o outro, espera, na realidade, que ele lhe diga sua própria identidade.

Jorge Amado buscou a mitificação de um homem como uma possibilidade de esperança. A partir do momento em que constrói o herói e esquece os possíveis deslizes da trajetória de Prestes, ele marca fortemente o período que o delineou como pertencente a sua Literatura de Partido, e torna a literatura um veículo de longe alcance. E já que “todo desvelamento implica uma ocultação” (KOTHE, 1985, p.89), assim em *O Cavaleiro da Esperança* é preservado o mito. Não se pode esquecer que Jorge Amado não teve distanciamento temporal nem mesmo ideológico para ler seu herói de maneira diferente. Afinal, como constata Kothe (1985, p.91), “a história do percurso do herói é o heroico percurso da própria História”.

Representar a diferença de classes em romances comprometidos com a sociedade e o proletariado foi fundamental para a literatura brasileira nos anos 30, tanto no modo de atuação dos personagens e na elaboração dos enredos quanto na hierarquia dos gêneros e das obras engajadas (nem sempre sendo bem recebida pelos críticos).

O conceito de “alto” e de “baixo” também se faz presente na literatura, como foi brevemente mostrado a respeito do cânone. Desta maneira, como aponta o breve - porém importante - estudo de Kothe (1985), ao trazer o contexto da produção literária para entender o sistema ideológico de um país ou de um período, é preciso compreender que ela será um veículo de persuasão na estrutura do sistema.

Afinal, “o herói é, portanto, estratégico [...], se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema” (KOTHE, 1985, p.35). Aqui é possível a referência da construção do biografado por Jorge Amado, quando na criação do herói o torna digno de grandeza e elevado.

A poetização da narrativa é outro elemento que se torna evidente ao longo dos parágrafos. No início do primeiro capítulo da biografia de Prestes, Jorge Amado apresenta a terra em que nasceu o líder comunista. Para falar de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul chama a cidade e o estado de *terra dos bravos guerreiros*, que foram vanguarda nas primeiras lutas pela independência política Rio Grande do Sul e das forças monárquicas, citando nomes como os de Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi.

Jorge Amado, como se pode mostrar, desenvolve desde o preâmbulo como será o desenvolvimento do enredo do cavaleiro da esperança. Para isso, traz figuras emblemáticas, associando Luiz Carlos Prestes a outros personagens históricos importantes nas revoluções do estado rio-grandense, destacando acima de tudo a bravura do povo gaúcho. Jorge Amado transforma Luiz Carlos Prestes em personagem, compreendido em sua totalidade, porque adquire coerência e unidade. O escritor não precisou ter a preocupação com a verossimilhança, pois já havia no imaginário coletivo, desde os anos 30, as ações heroicas da Coluna que ele liderava. O papel da imaginação supre as possíveis lacunas das informações obtidas por relatórios, depoimentos e documentos e aviva o texto com imagens e diálogos.

## 2.3 UMA NARRATIVA FICCIONALIZADA

Te contarei agora a história do Herói.

*Jorge Amado*

### 2.3.1 A Infância

No início do livro encontra-se uma introdução chamada *Introdução com Rimance e uma nota*. Rimance, segundo Tavares (1978), seria uma poesia narrativa que antecedeu a epopeia<sup>26</sup>. No

---

<sup>26</sup> Poemas em que são narradas ações heroicas, nas quais se mesclam elementos históricos, lendários ou mitológicos.

prefácio, Jorge Amado (1979, p.18) afirma que o livro foi escrito com paixão, confirmando, então, que sua intenção não é a parcialidade: “As fronteiras técnicas da biografia, que os críticos amam impor, não me interessam como nunca me interessaram as fronteiras marcadas para o romance”, e se posiciona a respeito dos críticos que julgam seu trabalho, afirmando que não fazem romances nem biografias e quando o fazem é de maneira medíocre.

Logo nas primeiras linhas de seu prefácio encontramos uma pessoa a quem ele chama de “amiga” e que em outros lugares do livro é chamada de “Negra”. É possível relacionar essa técnica como uma forma do escritor de se aproximar às camadas mais humildes, como já foi mencionado em páginas anteriores. A construção de uma personagem que possuísse características de pessoa do povo e que o povo com ela se identificasse:

Te contarei agora a história do herói. Já te contei amiga, a história do poeta, a poesia “era a sua arma, ia à frente do povo”. Deste-me a tua mão direita, e eu te contei a história de Castro Alves... Um milagre do povo, amiga... e muito tempo depois, fez-se o milagre de heroísmo que é Luiz Carlos Prestes. (AMADO, 1979, p.6).

Jorge Amado também apresenta a figura de Luiz Carlos Prestes como um ser mítico: “fez-se o milagre de heroísmo que é Luiz Carlos Prestes.” A alusão a Prestes como um “feitor de milagres” pode ser vista como outra vertente de aproximação. O escritor demonstra através de sua narrativa a preocupação de que sua obra seja para o povo e escrita na língua povo:

Tu choraste um dia, negra, quando alguém que nos era caro se vendeu, vestiu ele também sua camada de lama. Durante um momento perdeste a confiança e desejaste morrer já que tudo era tão podre e tão vil. E então eu te prometi contar a história do Herói, aquele que nunca se vendeu, que nunca se dobrou, sobre quem a lama, a sujeira, a podridão, a baba nojenta da calúnia nunca deixaram rastro. E como ele é o próprio povo sintetizado num homem é certo que o povo não se vendeu nem se dobrou. (AMADO, 1979, p.8).

Ainda sobre a interlocutora mulher, Souza (2005, p.132) escreve:

Outra hipótese para o uso das palavras *negra* e *amiga* - nota-se que são palavras no feminino [...] o autor escrevia tomando como interlocutora ou a Pátria ou a liberdade. E nesse ponto, Jorge Amado toma uma atitude moderna. Em uma sociedade patriarcal e com preconceitos raciais, como era o Brasil na época, jamais um escritor havia adotado essa atitude.

Essa interlocução, no entanto, seja a Pátria, seja uma camarada, como se tratavam os partidários, dá ao texto, um efeito de aproximação com o leitor, desde o início da biografia.

Nessa primeira parte do livro o autor romanceia a infância de Prestes, ao situar o espaço físico e social em que se dá o nascimento e a infância. Descreve o Rio Grande do Sul, principalmente a região dos Pampas. Também relata o contexto familiar como um pequeno núcleo onde se sobressai a figura do pai militar, mas com mais ênfase a figura materna, Dona Leocádia Prestes. A figura da mãe é apresentada como a que mais influenciou a formação do caráter e personalidade do filho.<sup>27</sup>

Este capítulo inicial também descreve o tempo em que Prestes estudou no colégio militar e como era o relacionamento dele com os professores e colegas de turma. Sobre o relacionamento com os colegas, o autor destaca que Prestes possuía uma personalidade de marcante liderança a qual despertava respeito e admiração em todos que conviviam com ele. Mais uma vez nota-se que Jorge Amado vai tecendo a figura do ícone comunista buscando a construção de uma figura forte, capaz de conduzir as outras pessoas através do seu caráter de líder. Feijó (1984) escreve que a história da literatura seria a história da transição do herói divino para o herói humano, que viria a ser então, a personagem das narrativas.

O biógrafo relata com admiração que Prestes trabalhou como professor quando ainda era aluno no colégio militar. Informa também que a sua ida para a Academia Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, deu-se de forma natural e como consequência do seu desempenho quando ainda estudava no colégio militar em Porto Alegre (fora sempre um excelente aluno). Nesse processo de construção do homem exemplar, Jorge Amado destaca que Prestes saiu da academia militar

---

<sup>27</sup> Segundo constam diversas fontes sobre Prestes, ele costumava chamar carinhosamente de “constelação feminina” as mulheres de sua vida – a mãe, a avó, as irmãs, Olga e Anita.



com 21 anos de idade, ostentando a patente de tenente de engenharia e foi servir no batalhão ferroviário. Neste início da biografia, é notório o quanto Jorge Amado se utiliza de uma narrativa que delineia a cada página a figura do “super-humano”. Nas páginas tecidas não cabem defeitos ou derrotas: desde o nascimento, Luiz Carlos Prestes veio para libertar o povo de seu destino, quase um herói épico, mas com uma humana diferença, usando o verbo nesse futuro do pretérito, nesse devir condicional: Prestes não sucumbiria, vencedor que era lutaria até o fim.

### **2.3.2 O início da vida adulta de Prestes**

Na ordem cronológica em que organiza a biografia, Jorge Amado apresenta Prestes como um legítimo militar de carreira, já que passou pelo colégio militar na infância e como aluno da Academia Militar de Realengo. Para mostrar um Prestes com capacidade crítica em relação a esse contexto em que está inserido, acentua o conhecimento que ele tem em relação à República e como ela foi urdida com influência positivista. Destaca ainda a perspectiva crítica em relação ao país dominado pelos plantadores de café e como um pouco mais de dois mil donos e fazendas de café empregavam a baixos salários mais de um milhão de peões de fazenda.

Jorge Amado torna visível a realidade dos seringueiros, da migração nordestina em direção à Amazônia, das sementes das árvores da seringueira contrabandeadas e vendidas sob o manto da corrupção para investidores de outros países. O autor afirma que o contexto sócio econômico do Brasil entre a queda da monarquia e da consolidada república era percebido pelo povo e, significativamente, ressalta a criação do Partido Comunista em 1922 como um atendimento ao “clamor” do povo por mudança no cenário nacional. Aqui é possível fazer uma aproximação às ideias do teórico Lucas (1970), em que o caráter social da ficção brasileira vai transparecer quando as personagens e as situações produzidas puderem compor uma teia viva de relações entre os grupos sociais. Jorge Amado, então, sinaliza a cada página o perfil do herói que quer delinear.

[...] A consciência moral a respeito da miséria, da desigualdade, da opressão, começa a germinar a partir de condições materiais que a consagram num processo histórico que gera simultaneamente o seu contrário. [...] Enquanto isso, cada grupo social consciente de sua autonomia, sua originalidade, seus interesses, suas aspirações, vai

forjando uma visão de mundo correspondente àquela consciência. (LUCAS, 1970, p. 53).

Esta intenção de ‘forjar o real’ fica evidente ao longo da narrativa, uma vez que Jorge Amado não confere espaço para possíveis erros na trajetória de Prestes. Nas palavras do crítico literário Kothe (1985) não existirá arte sem ideologia, e ainda que haja vontade de que ela seja pura, nenhuma obra será pura ou isenta de interesses sociais camuflados. O conceito de herói então estaria intimamente ligado à sociedade que o criou, de acordo com suas necessidades e valores do período histórico em que se inseriam tais urgências.

### **2.3.3 A marcha da Coluna Prestes**

Jorge Amado criou no episódio do Forte de Copacabana<sup>28</sup> um pano de fundo onde se situa a primeira revolta contra a concepção de política de administração do país. Nas páginas em que seguiram, relata de forma sutil, mas que não passa despercebida, a transição entre Prestes como um militar de carreira e alguém combatendo as forças governistas da qual ele anteriormente fazia parte como militar. Não deixar que se construísse a imagem de um Prestes desertor foi um exercício de sutileza que o autor conseguiu com muita habilidade. No início dos relatos desta parte do livro, o autor narra como surgiram os quase mil integrantes da Coluna Prestes<sup>29</sup>. Não foi dita a origem do primeiro grupo que formou a coluna quando de sua partida do Rio Grande do Sul.

---

<sup>28</sup> A Revolta do Forte de Copacabana foi a primeira do Movimento Tenentista durante a República Velha. O levante ocorrido em julho de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, capital federal na ocasião, teve como motivação buscar a queda da República Velha.

<sup>29</sup> Marcha pelo interior do Brasil, iniciada em 1925 e dispersada em 1927, a Coluna Miguel Costa-Prestes marcou a década de 1920. Inspirados nos ideais liberais de representação e justiça, os “tenentes” (militares de diversas origens sociais) lutavam pelo voto secreto, pelo ensino público universal, e pela moralização dos costumes políticos, corrompidos pelo domínio oligárquico em vigor durante a República Velha. A Coluna Prestes reuniu um exército guerrilheiro de aproximadamente mil e quinhentos homens e mulheres, comandados por uma dúzia de oficiais do Exército e da Força Pública de São Paulo, entre os quais se destacavam Luiz Carlos Prestes, Miguel Costa, e Isidoro Dias Lopes. A Coluna percorreu 25 mil quilômetros através de 13 Estados do Brasil, derrotando 18 generais governistas, sem jamais ter sido desbaratada, apesar dos esforços dos governos de Arthur Bernardes e

Num exercício de julgamento *a posteriori*, Jorge Amado procura esclarecer como Prestes não havia chegado ao centro dos problemas brasileiros. Comunista engajado assim como seu personagem, escreve que Prestes conhecera apenas a primeira capa de problemas brasileiros, os mais profundos haviam escapado de suas palavras de ordem revolucionária, e que ele deu conta de algumas questões ao atravessar o Mato Grosso. Descreve esse processo de conscientização de Prestes: não importava mais marchar contra o Rio de Janeiro e derrubar o Presidente Arthur Bernardes, pondo no lugar dele outro político igual.

A Coluna Prestes visava despertar as populações do interior da consciência dos problemas brasileiros, já que possivelmente desconheciam o panorama político pelo qual seu país atravessava. Jorge Amado explicita em detalhes o momento em que Luiz Carlos Prestes transforma a revolta militar de São Paulo e Rio Grande do Sul no início de uma revolução social, com o objetivo de levantar o povo em defesa de seus direitos. Dar ao povo a visão de seus problemas, criar líderes ligados a esses problemas, não apenas homens no Congresso e nos jornais debates sobre assuntos de política local. Sobre as intenções da Coluna, Jorge Amado (1979, p.102) escreverá:

Vou-te falar da Coluna Prestes. É o maior feito militar de um povo, a maior epopéia da América moderna, a mais pujante, dramática e densa de vida. Um moço de gênio, general de vinte e seis anos, traça no mapa os novos caminhos de uma raça e marca, com passos profundos dos seus soldados, as estradas da libertação do Brasil. Nessa marcha, amiga, vinte e seis mil quilômetros cruzados de 29 de outubro de 1924 a 3 de fevereiro de 1927, há, não só um rasgar de selvas, um abrir de estradas na caatinga e nos desertos, há também um abrir de caminho no pensamento brasileiro.

A Coluna Prestes será um capítulo da biografia que em realidade parece ser mais um pano de fundo para exaltar os feitos e as virtudes de seu líder. Segundo as ideias de Kothe (1985), toda vez que uma revolução se instaura num país, é preciso muita literatura de esquerda

---

Washington Luís em combatê-los em diversos fronts. O movimento tenentista e a Coluna Prestes contribuíram para disseminar os problemas da República Velha no interior do Brasil, e acabou influenciando no sucesso da Revolução de 1930. (PRESTES, 1995).

para legitimar e conquistar apoio para as mudanças que pretende estabelecer. Torna-se palpável então, a figura de homem austero que Jorge Amado sustenta durante a narrativa.

#### **2.3.4 Os caminhos do exílio**

Este capítulo, desenvolvido na biografia, é uma parte de grande importância na trajetória de Luiz Carlos Prestes, pois narrará o exílio na Bolívia, na Argentina e na União Soviética. Nessa etapa o comandante comunista já está muito conhecido, o Governo federal não se empenhou em desmotivar por força a Coluna Prestes enquanto vagava pelo Brasil, permitindo o destaque à imagem de Luiz Carlos Prestes como líder.

Em síntese, a Coluna fez dele uma pessoa conhecida e admirada pelas façanhas heroicas e pela sua liderança. A primeira parte desse episódio foi ocupada por Prestes como o momento de repatriar seus correligionários, também teve acesso a livros que melhor o politizara. Além de não mais estar ocupado com o trabalho de liderar os integrantes da coluna, ele tinha tempo para dedicar-se a leituras e acompanhar o que estava acontecendo na formação dos países socialistas.

Os revolucionários do Brasil, os partidos políticos do Brasil, os revolucionários de toda a América Latina o esperavam com ansiedade. Ele, nessa fase, segundo testemunhas contatadas por Jorge Amado, era um símbolo para a angústia dos povos latino-americanos. Os revolucionários sul-americanos, que haviam tomado parte em golpes armados e fracassados, nos seus países, não conseguiam construir outras estratégias de luta. Segundo Jorge Amado, Prestes queria encontrar soluções para os problemas sociais. Testemunhas diziam que em seus discursos o cavaleiro lançava perguntas como: “Por que fracassam as revoluções? Por que se uma revolução é vitoriosa, meses depois nada mais distingue os revolucionários no poder dos políticos derrubados do poder? Que há por trás dessa dinâmica? Que filosofia de vida, que doutrina política pode responder a todas essas perguntas? Qual poderá solucionar os problemas do povo?”.

Jorge Amado procura mostrar que Prestes já aprendera em livros e agora vai aprender na vida nova, na vida socialista que se constrói na União Soviética. Relata o lado progressista que acontece nos países que compõem a União das repúblicas soviética socialista. Desse tempo, o autor descreve assim a URSS: povos livres, pátria e raças livres, homens livres. Acabaram-se os ricos e os pobres, restaram apenas homens na sua inteireza, donos da dignidade de viver. Segundo o autor, os anos vividos

por Prestes na URSS foram anos “felizes”. Sua experiência no surgimento e condução da Coluna que ganhou seu nome, no tempo vivido na Bolívia, Argentina, Uruguai e União Soviética, fez de Prestes uma iminência histórica e um líder sobre os ombros do qual recaía o sonho do povo brasileiro naquele momento, ávido por mudanças. Jorge Amado escreve que de todas as partes do Brasil havia um clamor pela volta do “cavaleiro da esperança”. É o grande ausente. Esse clamor traz Luiz Carlos Prestes das ruas de Moscou para a vida ilegal no Rio de Janeiro.

### **2.3.5 Canto da Aliança Nacional Libertadora**

Durante o tempo em que Prestes viveu no exílio, principalmente durante o tempo na União Soviética, o governo de Getúlio Vargas se consolidou no Brasil e Prestes volta para o Brasil para viver na clandestinidade. Vem acompanhado de uma pessoa responsável por sua segurança: Olga Benário, com quem se casou mais tarde. O objetivo é reiniciar o processo revolucionário que Prestes começou durante o período em que liderou a coluna.

Segundo Jorge Amado, Prestes, usou o codinome de Antonio Vilar e trabalhou sem descanso nos dias de ilegalidade da Aliança. O terror policial se implantava no país, o integralismo em pânico com o crescendo revolucionário do povo fazia toda espécie de provocação. Vargas se apoiava cada vez mais nas forças latifundiárias imperialistas. Colocada na ilegalidade, a Aliança não se enfraqueceu. O governo recrudesce com a perseguição aos seus opositores culminando com a prisão de Luiz Carlos Prestes, Olga Benário Prestes, (que nessa altura estava grávida), presos também alguns companheiros de luta. Neste contexto, é possível citar Pontes (2012, p.252.), quando escreve que os “ressentimentos das vítimas da repressão e das torturas servem de estímulo/razão para a produção da obra literária de Jorge Amado, aclamando, então, os dominados/oprimidos à luta para derrubar o opressor e imprimir uma nova ordem”.



### **III**

#### **O ACERVO REVISITADO**

O arquivo tem lugar em lugar da falta  
originária da memória.

*Derrida, 1994.*





### 3.1 *ARKHÊ OU A RESISTÊNCIA DO TEMPO*

O arquivo trabalha sempre a priori contra si mesmo.

*Derrida*

Ao narrar a vida de Luiz Carlos Prestes e dividi-la em infância, vida militar, engajamento, luta e exílios, vê-se um feixe de predicados funcionais para o processo de heroicização daquele que para os comunistas (especialmente os que se encontravam no exílio), seria o grande líder e a personificação de uma utopia.

Quando responde à Raillard (1992) o motivo de ter ficado tempos sem escrever novelas, Jorge Amado responde:

Estube en la Argentina, escribí el libro sobre Prestes, no dejé de escribir pero estaba en un contexto tan intenso de lucha política que no me quedó tiempo para la ficción. En el momento preciso en que apareció el libro sobre Prestes, es decir cuando cesó el compromiso político que me había llevado a la Argentina y el Uruguay, que me había hecho irme del Brasil, respiré. (RAILLARD, 1992, p.178).

A volta de Jorge Amado para o Brasil deixaria para trás mais ou menos 1.400 páginas, de cartas, narrativas, inéditos, recortes de jornais, fotografias, memórias, relatos históricos de um Brasil sufocado pela ditadura, desabafos e luta política. Os documentos ficaram com uma amiga militante de Jorge Amado, Rosa<sup>30</sup>, também exilada na época no Uruguai. O material persegue um tempo na história, até que Bernardino do Vale<sup>31</sup> entrega para a filha de Rosa, professora do departamento da Universidade Federal de Santa Catarina, Leonor Cabral (com quem esteve guardado até 2012, antes de tomarmos conhecimento de sua preciosidade).

Doadada em 2012 para o Núcleo de Literatura e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina (nuLIME), a Mala, como chamamos metaforicamente, é a principal fonte inspiradora desta

---

<sup>30</sup> Pseudônimo em homenagem à Rosa de Luxemburgo.

<sup>31</sup> Companheiro de Rosa.

pesquisa. Através do esquecimento deste material, proporcionado por Jorge Amado, é que serão possíveis algumas divagações e afirmações a respeito do acervo que compõe a fase socialista e militante do escritor.

Por questões burocráticas vinculadas à Universidade Federal de Santa Catarina, conselho de ética e questões de direito autoral, não pude citar a Mala no ano de 2012. Por isso, minha pesquisa de conclusão de curso não cita dados do acervo, apenas se atém à biografia *O Cavaleiro da Esperança*, edição de 1979. Esta pesquisa é a continuação, agora permitida, dos dados contidos no acervo daquele jovem escritor comunista e do cenário em que estava circunscrito nos anos 1941 e 1942; agora além de trazer a edição de 1979 da biografia trago também a 3ª edição da Livraria Martins Editora, chamada inicialmente de *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, que contém de diferente daquela algumas imagens, agradecimentos e apêndice.

Pois bem, seguindo: é impossível falar de memória e de um vasto material guardado durante anos sem citar palavras como *esquecimento*, *memória*, *rastros* e também sem adentrar nas densas leituras sobre o conceito de *arquivo*.

O termo *Arkhe* designa ao mesmo tempo começo e comando. Remonta ao *arkheion* grego, inicialmente uma casa, residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam. Neste lugar, onde se depositavam os documentos oficiais, os arcontes – seus primeiros guardiões – tinham o poder de *interpretar* os arquivos. Para serem guardados, eram necessários um guardião e uma localização: “foi assim, nesta *domiciliação*, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram.” (DERRIDA, 2001, p.13).

Assim, o arquivo se apresenta como um lugar físico que acolhe um determinado rastro documental. Mas, como nos mostra Ricoeur (2012, p.177), o arquivo também é um lugar social:

O documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os “puseram no mundo”; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los e assim defendê-los, prestar-lhes socorro e assistência. [...] É então o testemunho que presta socorro e assistência ao orador ou ao historiador que o invoca.

Conforme Derrida (2001), se não existe arquivo sem exterior que assegure e possibilite a memorização e a repetição, vale lembrar que a

própria repetição é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte, portanto, da destruição. O arquivamento tanto produz quanto confirma o evento ocorrido. O inconclusivo daquilo que (des)encontramos no arquivo é o que caracterizará a ausência da memória, e nisso reside a constante restauração do arquivo.

Nas palavras de Duarte (2011, p.240) “a censura e a repressão trabalham juntas para destruir o arquivo antes mesmo de tê-lo produzido (...)” É possível inferir que se os documentos deixados por Jorge Amado tivessem sido capturados pelos órgãos de censura da ditadura Vargas, provavelmente mais prisões ocorreriam e tais registros não teriam sido fruto da pesquisa atual, pois teriam caído no esquecimento do esquecimento. Ou, conforme Gondar (2008), “ao esquecermos que esquecemos tendemos a naturalizar o esquecimento e a encobrir o devir [...]”.

Então, a insistência na materialidade dos restos conservará os vestígios e os resíduos, apontando para novas histórias através desta projeção ou “de outra “realidade” construída com esses fragmentos do passado e impelida por esses fragmentos do passado, mas que abandona o passado em favor da presença”. (GARRAMUÑO, 2011, p.209).

Ora, se a presença implica a visibilidade dos restos, o arquivo trabalharia como um conservador da memória, ao resguardar aqueles documentos desviados, dissimulados ou interditados através do tempo. O vestígio pode conter mais história que a própria memória, a partir do instante em que é conservado e relido, pois leva a leitura e a impressão de outros olhos, faz parte de outra época e tem vivências díspares daquele que o criou:

Os restos indiciam outras possibilidades de estruturação dos arquivos [...], não mais como testemunhos, comprovações de verdade sobre a obra ou o escritor. Apontam para outras ficções do arquivo [...] que lidam com as incertezas do devir, com o indizível, o inenarrável, os limites do arquivo, problematizando seus excessos ou suas penúrias. (MARQUES, 2011, p.194)

Nas palavras de Otte (2011), são os objetos desprezados, rejeitados e marginalizados que mais dizem sobre uma pessoa ou sobre uma sociedade, e neste sentido é possível supor que o esquecimento da Mala por Jorge Amado funcione como um apagamento daquele recorte de vivências que preferiu silenciar ou simplesmente omitir, afinal, a construção do esquecimento acontece através de uma escolha, ou seja, a

escolha do que será privilegiado como memória. Simbolicamente, ao não carregar seus papéis, o escritor estaria selecionando lembranças que pretendia carregar (ainda que as memórias pessoais e afetivas possam ficar guardadas sem amparo documental), mas, valendo-se do arquivo documental a Mala é deixada, tornando-se, anos mais tarde, vestígios para serem revisitados, recontados e remontados:

E uma vez que as ruínas do presente são testemunhos do passado, por mais fragmentários que sejam esses fragmentos, se tornam importantes por serem o ponto de partida na busca dessa compreensão, pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram? (OTTE, 2011, p.305).

O resgate de alguns silêncios e hiatos das diversas histórias possíveis numa sociedade é também a incansável escavação pela *memória* e pela captura dos vestígios, recriando-os ao som dos ecos espalhados pelo “*Chronos*, o devorador que tudo destrói”. (GONDAR, p.97).

### 3.2 VESTÍGIOS DE LUIZ CARLOS PRESTES

São múltiplos e coloridos os vestígios deixados por  
um ser humano.

*Maria Luíza Tucci Carneiro*

O panorama mundial era, portanto, de tensões antagônicas; países da América latina viviam a crise financeira e o desemprego, os EUA deliberava seu poderio imperialista e econômico diante de outros. Os ideais nazifascistas invadiam a Europa e o mundo. Regimes totalitários ocorreram em diversas nações. Com a segunda guerra mundial acontecendo, países tomaram posições, criaram alianças em prol de interesses econômicos. No viés de todo este cenário estavam os resistentes, militantes que, organizados, lutavam e reivindicavam melhores condições. As ruas foram ocupadas, houve repressão por parte do aparato policial. Isso ocorria não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul. Em recortes de jornais guardados por Jorge Amado na Mala, encontram-se algumas dessas referências (Figura 2).

Figura 2 – Povo na rua pela defesa da democracia



Dentre a opressão instaurada no Brasil, tivemos na história uma quantidade significativa de presos políticos e desaparecidos durante a ditadura. A prisão de Luiz Carlos Prestes, em Ilha Grande<sup>32</sup>, não foi silenciada pelos militantes ao longo dos seus nove anos de cárcere, o que comprova o material encontrado na Mala de Jorge Amado. O próprio motivo que levou o escritor à produção da biografia do cavaleiro evidencia a luta pela democracia:

Refleti muito antes de entregar os originais aos meus editores. Preocupava-me a possibilidade deste livro ser explorado demagogicamente contra figuras do governo e, em particular, contra o Sr. Getúlio Vargas. Explorado pelos elementos golpistas que fazem no momento que escrevo a pregação de uma saída violenta e perigosa da crise atual. [...] Refleti sobre tudo isso antes de me decidir a entregar a meus editores estes originais. E concluí que este livro pode ser também o melhor elemento de combate ao golpe, à luta inglória e sangrenta pelo poder. A própria evolução dos fatos aqui narrados mostra e prova que neste momento estamos longe daqueles dias de pura miséria moral sobre o país. Que deles saímos para a manhã da liberdade e da democracia. (AMADO, 1945, p.24 - 25).

Entrevistado por Raillard (1992), Jorge Amado admite que o livro *O Cavaleiro da Esperança* teve o propósito da anistia de Prestes, e,

---

<sup>32</sup> As autoridades brasileiras, acompanhando tendências observadas em diversas partes do mundo, de estabelecer complexos correccionais e penitenciários em lugares de difícil acesso, criaram diversas instituições penais na Ilha Grande ao longo do último século. A Colônia Correccional de Dois Rios (CCDR) foi instalada em 1894. Nesse período, foram várias as medidas correccionais e punitivas adotadas. Nas três primeiras décadas, a Colônia Correccional de Dois Rios teve como objetivo principal aprisionar bêbados, mendigos, vadios e capoeiras; entre 1930 e 1964, Colônias Agrícolas foram instaladas para que os sentenciados pudessem cumprir o período final de suas penas; e a partir de 1964, o Instituto Penal Cândido Mendes tornou-se uma penitenciária de segurança máxima, mantendo no local os 446 indivíduos considerados mais perigosos à sociedade. Durante todo esse período, estas instituições foram também utilizadas como prisão política. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v7n13/2237-101X-topoi-7-13-00445.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

por isso, sua narrativa reitera constantemente o encontro do humano com o mito:

A.R: Los dos libros son muy románticos, sobre todo el libro sobre Prestes.  
J.A: Sí, más romántico que el otro, sin duda. Son dos libros muy románticos. Es la creación de dos héroes, de dos mitos. En ambos casos, con un fin muy inmediato. En el de Castro Alves, el libro se dirige a los intelectuales para decirles: aquí tienen un hombre que hizo todo esto en su época; nosotros debemos hacer algo para terminar con esta dictadura, para luchar contra el fascismo. Y, en el caso de Prestes, está el problema de la amnistía, de la libertad y siempre con la lucha contra la dictadura. (RAILLARD, 1992, p.179).

Com a biografia circulando, ainda que clandestinamente, o nome de Luiz Carlos Prestes alcançou outros países e avançou fronteiras. *O Cavaleiro da Esperança* foi disseminado, traduzido para outros idiomas, o nome do líder comunista se espalhou. Segundo Jorge Amado, traduções foram feitas sobre a tradução espanhola, no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente a preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico, e ainda, houve quem vivesse do aluguel de exemplares.<sup>33</sup> Diversos poetas tomaram conhecimento de sua trajetória, historiadores e militantes de outros países estavam a par da luta do militante contra a ditadura e a favor de sua libertação do cárcere.

Nas palavras de Anita Prestes<sup>34</sup>:

Sou testemunha de que várias gerações de jovens brasileiros, e também estrangeiros, tornaram-se revolucionários e aderiram ao comunismo, ingressando muitas vezes nos partidos comunistas dos seus países, sob o impacto provocado da biografia de Luiz Carlos Prestes escrita por Jorge Amado. Em Portugal, durante a ditadura de Salazar, ela era leitura obrigatória dos militantes do Partido Comunista Português, para os quais a

---

<sup>33</sup> Informações contidas no ‘Prefácio da edição brasileira’, edição de 1945 de *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*.

<sup>34</sup> Trecho retirado do posfácio do livro *O Cavaleiro da Esperança*, edição de 2011, pela Cia das Letras, produzido pela historiadora Anita Prestes.

vida do Cavaleiro da Esperança – sua coragem, dignidade humana e dedicação sem limites à causa revolucionária – tornara-se um exemplo a ser seguido por todo comunista.

Com base nisso, portanto, iniciarei as pegadas encontradas nesta intensa escavação literária disponível dentro do acervo de Jorge Amado. As figuras a seguir são documentos que dizem respeito às tratativas editoriais e outros documentos recebidos por Jorge Amado.

### 3.2.1 Tratativas Editoriais e alguns enlaces

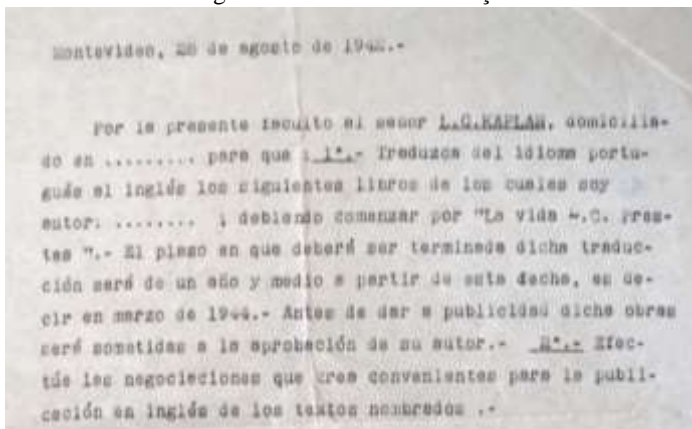
A primeira figura, (Figura 3) trata-se, primeiramente, de um envelope endereçado a Jorge Amado e que comprova a aliança com a Editorial Claridad – Sociedad Anónima de Publicaciones, responsável por publicar entre outras obras, a biografia de Prestes em espanhol. A imagem seguinte (Figura 4) trata-se de um contrato de tradução da obra *Vida de Luiz Carlos Prestes* para o inglês, por L.C.Kaplan.

Figura 3 – Envelope Editorial Claridad





Figura 4 – Contrato de tradução



A próxima figura, (Figura 5), trata-se de uma correspondência datiloscrita com assinatura a mão, enviada por Jorge Amado para um destinatário chamado Miguel. Nela, o escritor pede para Miguel que ele seja o portador do abraço a Antonio Zamora, na homenagem que será feita ao Editorial Claridad. Jorge Amado elogia a postura da Editorial Claridad por ser uma editora a serviço da democracia e da liberdade:

*Montevidéu, 6 de maio de 1942.*

*Meu caro Miguel:*

*Impossibilitado de estar presente à homenagem que os intelectuais do Prata tributam à Editorial Claridad, peço que você seja o portador do meu abraço de parabéns a Antonio Zamora, que a fundou e a dirige. Abraço que envio não só em meu nome, como nos dos demais intelectuais antifascistas brasileiros que sabem pesar o valor da obra cultural realizada por Claridad. Essa tem sido uma editora a serviço da democracia e da liberdade em todo o continente americano. Em suas edições têm levado as palavras dos grandes líderes democráticos a países por vezes sofrendo terríveis ditaduras. Assim sucedeu com o Brasil. Quando se desencadeou a reação contra a liberdade e, por consequência, contra a cultura em meu país, quando qualquer livro de tendência democrática foi proibido de ser editado, foi Claridad quem, desde Argentina, levou ao povo brasileiro, sequioso de boa literatura, a alegria das obras mais representativas do pensamento mundial. (...)*

(...) Uma editora de bons livros é uma das maiores armas da democracia, da liberdade e do povo (...) É a editora da inteligência jovem da América Latina."

Figura 5 – Carta para Miguel

Montevideo, 6 de maio de 1960.

Querido Miguel:

Impossibilidade de estar presente à homenagem que os intelectuais do Trópico tributam à Editorial Claridad, peço que você seja o portador do meu abraço de parabéns a Antonio Cossío, que a fundou e a dirige. Abraço que envio não só ao seu nome como ao dos demais intelectuais anti-fascistas brasileiros que sabem pesar o valor da obra cultural realizada por Claridad. Essa tem sido uma editora a serviço da democracia e da liberdade em todo o continente americano. Em suas edições tem levado ao palatado das grandes leitores demonstrações e poemas por vezes sofríveis, terríveis, distantes. Assim sucedeu com o Brasil. Quando se denunciou a reação contra a liberdade e, por consequência, contra a cultura, em sua pátria, quando qualquer livro de pensamento democrático foi proibido de ser editado, foi Claridad quem, desde Argentina, levou ao povo brasileiro, seguidos de boa literatura, as alegrias das obras mais representativas do pensamento mundial.

Na verdade, a divulgação que Claridad tem produzido fêz das melhores valores americanas em todo o continente--valores entre desconhecidos fora das fronteiras das suas pátrias--é uma obra digna de todas as louvores. O Brasil ainda agora fica lhe devendo a divulgação em cartilhões do melhor livro de sua literatura: "Os sertões" de Euclides de Cunha.

Uma editora de bons livros é uma das maiores armas da democracia, da liberdade e do povo. Claridad tem sabido por essa arma salvaguardar Antonio Cossío merece o carinho com que se vê cercado nessa homenagem. Foi de Claridad a editora de toda a inteligência jovem de América Latina.

Peço a você, Miguel, que lhe transmita o meu abraço.

*J. Paul*

A próxima imagem (Figura 6) trata-se de uma correspondência recebida por Jorge Amado, enviada por Pompeu Borges, seu amigo próximo e também, como dito na introdução desta pesquisa, o responsável por transpassar a obra *O cavaleiro da Esperança* para o espanhol com o nome de *Vida de Luiz Carlos Prestes – El Caballero de la Esperanza*. Devido à caligrafia da carta (talvez um registro feito às pressas), fica difícil a transcrição completa do documento, mas registrarei a seguir alguns pontos que considere importantes para o a elucidação das etapas de tradução da biografia:

*Bs As, 3-3-42*

*Mestre Jorge:*

*Agora, especialmente sobre o livro. A tradução está terminando, devem faltar entre 50, 60 páginas. (...)*

*Tudo me parece muito bem, o Carlitos já está com aquele ar de guerrilheiro (...).*

*Não direi que estou gostando cada vez mais do livro porque desde as principais páginas minha impressão de leitor despretenso e velho fã já andavam pelas raías do superlativo. (...) e só por isso me detenho na apreciação que você já conhece: ótimo! Um livro --- à altura dos maiores livros de uma literatura (...) Só teria a reparar a tendência de seu coração de poeta... em exagero quando focalizava a pessoa de um amigo.*

*Enfim, como isso também tem o lado político, respeitável, e como de outra maneira o Jorge deixaria de ser Jorge... Paciência.*

Rev. Aug. 3-3-42

Muito prazer:

agora, especialmente sobre o livro. A leitura  
está terminando, de um galho entre 50 e 60  
páginas. A primeira copia com qual estava, e a de  
uma vez comprida com o nome entusiástico e a  
simpatia de pessoal, cada vez mais forte. Ainda  
de mais uma grande parte em prova de guerra.

Tudo uma pessoa muito bem, e Carlos até já  
um agente de de primeira, tornando alguma  
invenção para obter o papel em que, desde a situação,  
até agora se vê na integração de papel de volta.  
A propósito: livro, intercalando, um desenvolvimento para  
outros estudos, e alguns de que fui tratado, com  
de dizer que o chapão de escritos contém um  
novo estudo.

Não há dúvida de que estão gostando cada vez mais  
de livro por que desde as primeiras páginas, vi-  
do impressionante de livros de importância e a melhor  
já a melhor parte, mais de importância. Não posso  
perder a oportunidade de os outros de alguma gra-  
matriz - acumulando os melhores impressos - e se  
por isso me detenho um pouco mais que não já  
você: ótimo! Um livro de estudo de assunto, e  
altos dos melhores livros de uma literatura. Se não  
a apenas a tendência de um campo de parte a de-  
lar um campo quando faziza a pessoa de um uni-  
do. Enfim, como isso também tem a lado político, in-  
portante, e como de outra maneira a força de in-  
venção de um grupo... Resposta.

Devido à sua insistente recomendação de que eu  
pode ter, quanto ao momento, um pouco de dúvida,

Rev.

196

O documento a seguir (Figura 7), datado de maio de 1942, fala da campanha solidária pela liberação de Prestes da prisão. Nesta imagem vemos a sigla A.I.AP.E., que significa, em espanhol, Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores. Este grupo foi uma reconhecida organização antifascista. Surgiu em julho de 1935 na Argentina, e, posteriormente, no Uruguai. (BIAGINI, 2004, p.235). No mesmo documento é citado o Circulo del Progreso, conhecido também como Círculo Democrático Italo-Uruguayo El Progreso, responsável por combater o fascismo que influenciava imigrantes italianos no Uruguai, promovendo eventos, conferências e palestras. (COELHO, p.30, 2016).

O documento fala de uma reunião em que estiveram diversos intelectuais, entre eles Jorge Amado, e, que um grupo de exilados brasileiros discursaria sobre as “distintas fases de la extraordinária figura de Luis Carlos Prestes”. Em um dos trechos da imagem lê-se que “es necesario que en estos momentos de defensa continental y nacional el nombre de Prestes sea repetido por todos los labios”, evidenciando, portanto, sua importância na história de luta do Brasil e seus ecos pela latino américa.

A figura seguinte (Figura 8) é um datiloscrito de Jorge Amado a respeito das ações da Aliança Nacional Libertadora sobre o aniversário de Luiz Carlos Prestes, além da intensificação da campanha em prol dos presos políticos do Brasil. Neste período, Olga já havia sido deportada para Alemanha<sup>35</sup> e Anita Prestes já havia nascido. O documento traz a data de aniversário de Prestes como um evento muito importante, um marco de celebração que deveria ser usado também para intensificar a luta aos presos políticos brasileiros.

A atenção consistiria em demonstrar com urgência a ameaça contra todos os países americanos, e a importância da união nacional e pan-americana para a defesa do continente. O documento reitera que uma figura importante como Prestes não poderia estar no cárcere, mas livre para organizar estratégias de defesa contra o nazifascismo. É dito também que a luta pela liberdade de Olga e Prestes era um dever de

---

<sup>35</sup> Olga foi presa pela Gestapo ao chegar à Alemanha, em 18 de outubro de 1936, sendo levada para a Barnimstrasse, prisão de mulheres da Gestapo. Lá nasceu Anita Leocádia Prestes, que ficaria em seu poder até o fim do período de amamentação e depois entregue à avó D. Leocádia. Olga é executada em 23 de abril de 1942, com 34 anos de idade, na câmara de gás com mais 199 prisioneiras, no campo de extermínio de Bernburg. (MORAIS, 2009).

todos os antifascistas do mundo, e que a campanha deveria comover todos os setores da opinião pública uruguaia, pois a nação uruguaia era amiga de Prestes. É frisada a participação das organizações democráticas, juvenis e de mulheres, também personalidades renomadas na opinião pública do Uruguai, bem como na política, na ciência e nas letras. Além disso, o escrito pede para que uma comissão se dirija à Embaixada Brasileira, e que sejam principalmente mulheres, para que façam o pedido de que os presentes e saludos sejam entregues a Prestes; que sejam transmitidos a ele os desejos do povo uruguaio de ver melhorada a situação do cárcere. É interessante perceber que ao final da escritura (item VII), existe um apelo emocional para que se escrevam artigos emotivos sobre a vida de Prestes, relatando seu caráter, firmeza e amor – itens que o escritor Jorge Amado já se encarregava de cumprir.

A última imagem (Figura 9) é uma correspondência datilografada, assinada a mão e enviada por Bernardo Edelman, pedindo para que Jorge Amado escreva um artigo sobre Prestes a fim de publicar no periódico da Liga Argentina pelos direitos dos homens: “No queremos que salga um solo numero sin dedicar una pagina a la lucha por su libertad”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Transcrição fac-símile da figura, encontrada no acervo de Jorge Amado, nuLIME.

Figura 7 – Documento A.I.A.P.E.

Montevideo, 28 de Mayo de 1948

Sr. Presidente de \_\_\_\_\_

De nuestra consideración:

El Circulo "El Progreso" y A.I.A.P.E. como contribución solidaria a la campaña Pro Liberación de Frentes, en homenaje al magnifico pueblo brasileño y contribuyen- do así a la materialización de la unidad nacional de ese pueblo, hemos resuelto proponer la realización de un acto para el próximo Viernes 5 de Junio a las 19 horas en nuestra sede social 18 de Julio 677, en la que un nutrido grupo de exilados brasileños nos dará a conocer distintas facetas de la extraordinaria figura de Luis Carlos Prestes. Han sido invitados y comparecerán nuestros tribuna en ese acto el escritor Jorge Amado, el Comandante Roberto Gissone, el intelectual Iván Pedro de Martins, el periodista Brasil Carson, el Capitán Cay de Cunha y la S. Sra. Mary Marcia Martins. Con la sola ename- nado de estas personalidades puede bastar para comprender el valor político y literario que tal acto revestirá por lo cual solicitamos a Vd. la más amplia propaganda en sus prestigiosas antena, así como al envío de una numerosa delegación.

Como estos actos Pro Liberación de Frentes no pueden que- dar circunscriptos a una sola entidad y como en materia que en estos momentos de defensa continental y nacional el nombre de Pres- tes ha repetido por tales los labios en que surgidos a una orga- nización la preparación de actos similares a al que realizamos el 5 de Junio, para cuyos actos están designados a concurrir los intelectuales de A.I.A.P.E. y dirigentes de "El Progreso" que acen solicita- dos,-

Esperamos que una democrática entidad se hará presente el Viernes 5 de Junio a las 19 horas en nuestra sede 18 de Julio 677 y que muy pronto y a esta misma dirección nos llegarán las solicitudes de credencial para los actos que se programan.

Con tal motivo saludamos a Vd. y demás miembros de ese or- ganismo con nuestra mayor estima.

Por la A.I.A.P.E.

Por el Circulo "El Progreso"

Dr. Guillermo García Moyano  
Presidente

Ginleas Aguirre  
Presidente

Figura 8 – Sugestões para o aniversário de Prestes

COMUNICAR PARA OS MEMBROS DAS COMISSÕES DE DEFESA E DE INVESTIGAÇÃO DE LA CAUSA DE PIR EN LA AMERICA DE LA FUERZA POLITICA BRASILEIRA.

I).- Aprovechar la fecha de 3 de mayo, cumpleaños de LUIS CARLOS PRESTES para intensificar la campaña en favor de su libertad de todos los presos politicomunistas y, fundamentalmente, de Prestes.

II).- En cumplimiento del acto que se propone se debe dar un contenido a la guerra, teniendo en cuenta la situación politica actual, la politica que está conduciendo el gobierno brasileño, y principalmente, las figuras demagógicas del Brasil. Toda nuestra atención debe centrarse en demostrar que hay una amenaza en vista de la realización entre todos los países americanos por parte del "eje" y que es necesaria la acción nacional del Brasil y la unión panamericana para la defensa del continente y que figuras como Prestes no pueden estar presos, sino libres para organizar, estralgar como se, patriota probado, la defensa del Brasil y del Continente.

III).- Demostrar que su madre está sufriendo en la ciudad de Mexico, que a hijo también es una víctima del fascismo, para medir en una espina de Berlin, que su esposa espera la muerte en las escuelas hitlerianas. Que defender y luchar por la libertad de él y de ella es un deber de todos los comunistas del mundo.

IV).- La campaña debe conocer a todos los sectores de la opinión pública uruguaya, que es amorosa y amiga de Prestes, porque es amiga de la libertad. Es necesario que la formación de la Comisión que organiza el acto debe participar todos las organizaciones demagógicas, juveniles y de mujeres. Además muchas personalidades reconocidas en la opinión pública del Uruguay en la politica, en la ciencia y en las letras.

V).- Promover que se envíe a Prestes saludos por sus cumpleaños y por las festividades del Año Nuevo. Enviar cartas y telegramas a su madre que se encuentra actualmente en la ciudad de Mexico. Conseguir que por intermedio de la Embajada Brasileña se envíe regalos a Prestes con motivo de sus cumpleaños y de las festividades del año nuevo. Regalos que puedan constituir de libros y productos al país.

VI).- Ir una nutrida Comisión a la Embajada Brasileña, entregando donaciones, para solicitarle que haga llegar a las manos de Prestes los regalos y los saludos y transmitirle las las voces del pueblo uruguayo de ver mejorada la situación de Prestes y su pronta libertad.

VII).- Escribir antes de la fecha artículos motivados sobre la vida de Prestes que relaten su trayectoria, su firmeza, su amor filial, etc. Los creadores del acto deben ser pocos y debidamente controlados. Evitar cualquier insulto y frases pesadas al gobierno brasileño, sino apoyarlo en su actitud actual e impulsar que siga adelante y tome verdaderas medidas anticomunistas.

VIII).- Se debe dar publicidad amplia.

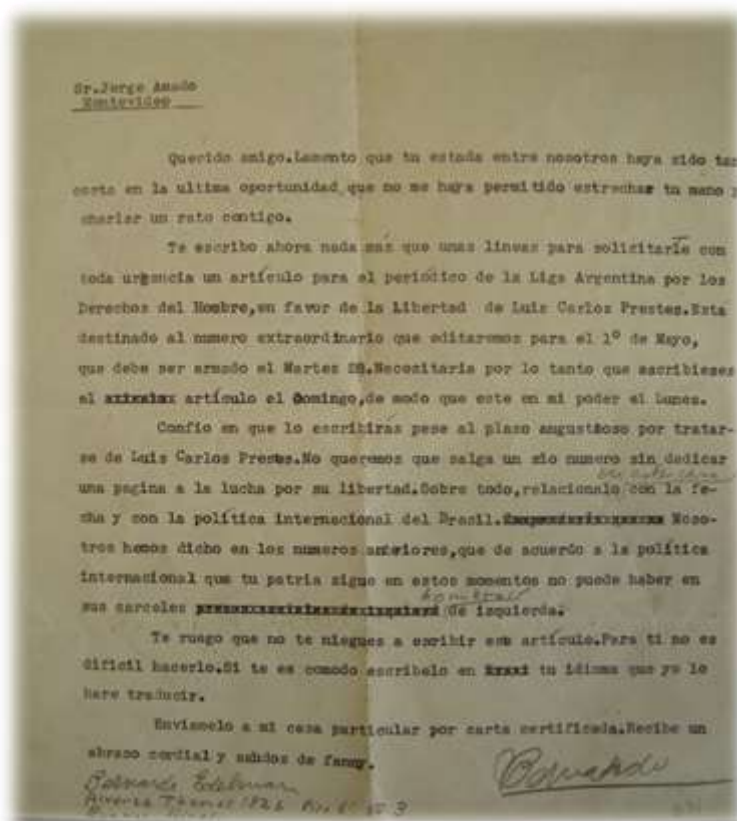
IX).- Dejar constituido definitivamente el Comité Pro Prestes y las demás presas politicas del Brasil.

X).- Independiente de estas sugerencias, cada organización o cada grupo y administraciones de Prestes y sus compañeros puedan dar sus sugerencias, pero que sean de fácil y rápida ejecución.

Montevideo-73-12-11



Figura 9 – Correspondência de Bernardo Edelman



### 3.2.2 Recepção crítica da obra

Após a publicação de *Vida de Luiz Carlos Prestes* em Buenos Aires, várias cópias do livro foram enviadas para militantes e companheiros do Partido Comunista, artistas e intelectuais de esquerda interessados em conhecer a história do cavaleiro da esperança. Como dito em linhas anteriores, o livro circulava de mãos em mãos, e, clandestinamente, era lido. Na Mala de Jorge Amado pude encontrar muitos rastros que evidenciam essa busca dos companheiros pela obra, uma vez que ela não era vendida em livrarias no Brasil. Nas imagens a seguir, (Figuras 10 e 11), um bilhete de Juan Távora, escrito em

português, a próprio punho, agradecendo o recebimento da biografia de Prestes, “cuja leitura fará com todo interesse”.

Figura 10 – Cartão de visita de Juan Távora (frente)

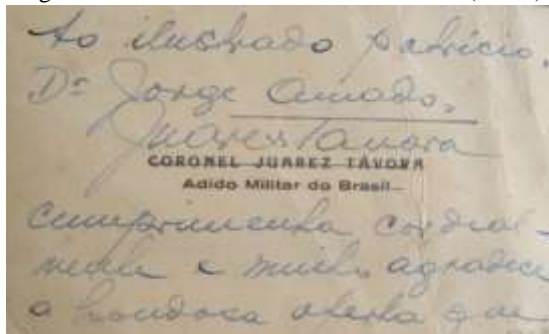
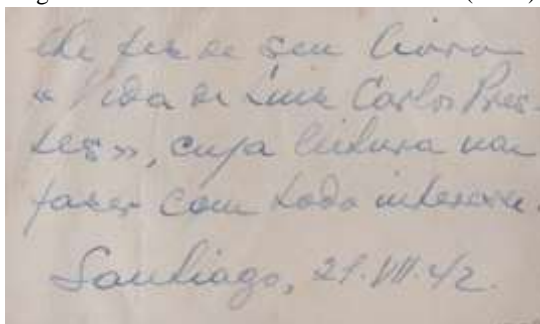


Figura 11 – Cartão de visita de Juan Távora (verso)



O bilhete abaixo (Figura 12) é também um cartão de visita de Pompeu Borges. No bilhete, Pompeu pede que o escritor envie um exemplar da biografia para Julio Mesquita, possivelmente se referindo a Júlio de Mesquita Filho, jornalista e diretor do O Estado de São Paulo, entre 1927 a 1969. A imagem seguinte (Figura 13) refere-se ao cartão datiloscrito por Clovis N. Portinho, de Porto Alegre, pedindo um exemplar da biografia porque estava impossibilitado de conseguir por outros meios.



Ressaltei, em edição, uma parte específica do documento para ilustrar a notícia do recebimento do livro.

Na próxima correspondência (Figura 15), recebida por Jorge Amado e datada de junho de 1942, vemos a carta Lygia Prestes, irmã de Luiz Carlos Prestes, comentando sobre o recebimento da biografia escrita por Jorge Amado. Menciona o agradecimento da mãe de Prestes, Leocádia, pelo livro e pela carinhosa dedicatória. Segue nas próximas linhas dizendo que Anita, “a pequena”, está de cama e que Dona Leocádia encontra-se doente, com crise de reumatismo. Agradece o sucesso da obra a Jorge Amado e também ao seu tradutor (Pompeu Borges). No decorrer da carta, Lygia cita nomes de algumas pessoas influentes para qual a biografia de Prestes poderia ser endereçada, entre elas, Pablo Neruda.

A correspondência é finalizada com um agradecimento pelas notícias dadas pela campanha a favor de “Carlos”, e escreve que sua situação segue inalterada, visto que neste período (1942) Prestes ainda está preso.

Figura 14 – Correspondência de Samuel Weiner

Rio, 28-4-42  
 Jorge: O livro chegou e, com a notícia disto, o interesse é  
 enorme. Todo mundo quer lê-lo. A impressão de uma vista geral  
 é ótima. Agora, estou lendo o meio. A edição é excelente. Na-  
 da está irradiaçao com a nota 46. V. poderia ter evitado,  
 mas se se atencão pessoal a ele, mas pela importância real da  
 revista esta, sobretudo neste momento, tem sido grande. Bem,  
 depois escreverei sobre o livro. Mas assimta dizer nada agora,  
 a não ser que é um belo livro. E mais que de importância de sua  
 obra, mas também porque que um [?] [?] mandou a um volume pro  
 Carrasco Xingar, pedindo ao mesmo tempo o que já foi publi-  
 cado. E a noite a teu respeito para sammar nos jornais ar-  
 gumentando o que pode resultar da propaganda.  
 O mesmo hospitalidade não terá sido muito cedo. Ele tinha uma  
 doença crônica, com diagnóstico de junta mediana, cura previs-  
 ta para seis meses. E verdade que já havia iniciado e interrom-  
 pido a cura. Mas, depois crônica como a dele, depende muito de  
 clima e V. conhece o nosso clima variável, ótimo, fácil de Koch  
 e amarelo, mas não pra gente viver. De Hospital, ele se es-  
 creveu e é pena que não possa se mandar a carta. É um grande  
 tipo, ia trabalhando bem, mas pelo gosto de um passeio pagou,  
 por simples e estúpido acaso, um agnóstico, e, agora, tem-  
 do de casa pra bastante tempo. Logo, agora que era tão necessário.  
 Mas lamentavelmente não resolveu. Deus queira que tudo melhore.  
 Creio que V. já recebeu os votos de fidelidade do mural. Que  
 valho rijo!  
 Uma notícia interessante: O Gilberto Freyre foi encanado no  
 Recife, a menos de um mês. Escreveu um artigo no Diário de Per-  
 nambuco sobre alguns frades alemães que entram no Brasil e,  
 aqui, dessem a habito e passam a trabalhar pro nazismo. Refe-  
 riu-se a dois deles num Estado do Nordeste (nem sequer citou  
 Pernambuco). Foi bem. Agamenon mandou cinco tiras prendê-lo.  
 Ele foi, acompanhado pelo pai e professor de direito Luis  
 Freyre. Mas, antes de conduzi-los ele para a Chefatura, le-  
 varam-no diretamente para a Detenção. Ele, então, resistiu. Não  
 queria entrar. Apareceram mais seis tiras, com ordens claras  
 e energias do chefe de polícia. Tratou-se, então, uma luta fe-  
 ra: dois contra onze ou, melhor, onze contra dois. Os Freyre,  
 filho e pai, resistiram durante quinze minutos. Depois quebraram  
 uma parede do pai e o filho ficou inteiramente esmagado, qu-  
 ei no. Morreram o Gilberto e, nesse estado, metram ele numa  
 sala-linha, onde ficou sem comer durante 48 horas. Depois,  
 seguiram os interrogatórios, que depois foram publicados. A poli-  
 cia concluiu então que, de fato, os frades tinham entrado em  
 Pernambuco. Tinha, depois, despiu o habito e, hoje, vivem em  
 Recife, feudo dos Lundgrens (covil nazista). Gilberto foi  
 solto por pedido do 26 Oitavo ao Getúlio. Veio para o Rio,  
 mas devia ter voltado hoje para o Recife, disposto a reagir.  
 A tirou a qualquer nova promessa de Agamenon. Está furioso, logo  
 agora que estava sendo falado pelo menos dentro do grupo da-  
 lei para ministro da Educação. Quando um tipo como o Gilberto  
 entra a situação na própria casa, deve ficar calado, não?  
 Sobre a situação aqui, pouco te posso dizer de novo. A situa-  
 ção é muito mais difícil do que antes. Mas deve ser aumentada na frente  
 Oriental. Aqui também ela se fez sentir. Mandou no tópico  
 o A. Mendes que é o reflexo meridiano do pensamento do governo.  
 O mundo parece um círculo dentro do Brasil. Por aí V. pode  
 concluir: DITADURA está sob censura direta e indireta, segundo  
 de melhores fontes, a atender o comunismo, que continua a con-  
 tinuar a ser perseguido no governo em, portanto, de uma  
 parte, o pensamento do governo. O suficiente dos intelectuais foi  
 utilizado para manter a existência do regime e,  
 como tal, fazer sempre contra qualquer outro conceito de valor.

Figura 15 – Correspondência de Lygia Prestes

México, D.F., 30 de Junho de 1943.

Dr. Jorge Amado  
 Caixa José Martí 5138  
 Montevideo.

Estimado amigo

Recebemos há dias um exemplar da biografia do Carlos, assim como uma carta sua de 20 de Maio último, a que foi para nós uma agradável surpresa, pois já dessempareçamos de obter notícias de você. A sua resposta à minha carta de Março, a que você se refere, aqui não chegou, pelo que é fácil de avaliar o descontentamento que sentamos. As vezes chegamos a pensar que você já tivesse de volta, no Brasil, tão insuperável nos parecia a sua ausência.

Muito me pede lhe agradeço muito o livro, cuja curiosa dedicatória muito me emocionou. Infelizmente, o seu livro não chegou aqui num momento bem difícil para nós, pois estamos na sequência de uma e a minha mesmo está doente, com uma das suas crises de rinite crônica, e por este motivo ainda não foi possível lê-lo com atenção. A apresentação é simplesmente magnífica. Alguém não sabe a senhora que tem doído, pelo que facilmente alcançamos a você e ao amigo tradutor. Entre as pessoas que talvez se interessam pelo livro, recordamos o vice-presidente das A.N.U., Wallace, que domina perfeitamente o espanhol, o sr. David Efron, do Council for the American Democracy (112 West, 14th Street, Room 506, New York), o poeta Pablo Neruda, que é conselheiro do Chile aqui no México, para não citar mais.

Falamos agora do seu assunto. De acordo com o seu pedido, procurei uma pessoa a quem confiar a resolução final do caso, que foi muito fácil encontrá-la, pois vive aqui muita imigração por completo de amigos. Finalmente lembrei-me que você mesmo me havia indicado, em sua primeira carta, o nome do sr. Emilio Abreu Gomez, quem, segundo entendi, foi seu amigo em outros tempos. Não tenho relações com este senhor, porém um amigo comum prestou-me uma informação de que tudo se resolverá sem maiores dificuldades, pois este senhor, como mexicano e bem relacionado, deve estar em excelentes condições para averiguar os caminhos, tanto mais que o assunto já está conhecido. Faltava somente agora que a sua boa vontade e benevolência autorizasse a nome do sr. Emilio Abreu Gomez, residente na Calle de Agrarismo n.º 147-3, México, D.F. Para evitar mal-entendidos, é conveniente que a procuração seja feita com todas as respectivas da lei, selos, firma reconhecida, etc. (os dados da sua biografia são: N.º 341, valor de 750.000, expedido no Rio, a 15 de Junho de 1937, pelo Conselheiro R. Verónica Martínez). Não sei como pretende fazer a sua parte, se quer a procuração por seu intermédio ou diretamente ao interessado; porém, seja como for, peço a você a favor de avisar-me ao respeito, para que eu possa entregar ao sr. Abreu Gomez, dentro de pouco, a referência. Talvez fosse conveniente que você mesmo escrevesse ao sr. Abreu Gomez, pois um pedido seu teria para nós muito mais valor do que o meu.

Muito obrigado pelas notícias que nos dá sobre a situação.

Na correspondência abaixo (Figura 16), assinada por “S.”, supostamente Samuel Weiner, datada de 8 de julho de 1942, é possível encontrar desabafos de assunto pessoais e atualizações sobre o Brasil imerso na ditadura, além do medo pairando em cada palavra: “Mas felizmente ainda estamos vivos. Até quando?”. Ao final, menciona que a biografia do cavaleiro está circulando de mão em mão, e em boas mãos. Abaixo, por motivos de baixa visualização, a carta transcrita:

*Rio, 8 de julho de 1942*

*Jorge*

*Quinze dias antes de escrever sua carta, já havia eu escrito a minha. Só não a enviei até o momento atual por falta de portador, pois pelo correio xxxxxxxx poderia não chegar. Apesar de sua carta - que constituiu para mim a mais maravilhosa das compensações – acho que não devo deixar de mandar a minha. Seria uma traição à nossa amizade. Parece-me que nada mais tenho a acrescentar, salvo um derradeiro pedido: leia a minha carta com a mesma sinceridade e emoção com que li a sua, e depois xxxxxxxx rasgue-a. Ela é um desabafo e depois de desabafar só me restou uma imensa vontade de abraça-lo e ve-lo.*

*Muito obrigado pela sua carta. Talvez não nos vejamos tão cedo, pois neste momento é mais provável ser eu forçado a sair daqui do que voce a voltar. Somos atualmente o único jornal brasileiro sob censura previa e censura das mais rigorosas. Pretendem matar-nos desta forma, pois fechar a revista neste momento não lhes convem. Vê voce, caro Jorge, que sob os olhos mais côr de rosa do Brasil, ainda se esconde uma densa nuvem verde que tudo faz para sair da sombra. Mas felizmente ainda estamos vivos. Até quando?*

*Abrace muito forte a Matilde por mim e receba um quente abraço do*

*S.*

*P.S. Seu livro está circulando de mão em mão, e em boas mãos. Veja se consegue um novo endereço, pois o seu atual já está muito marcado. E consta que estão abrindo cartas dirigidas para o endereço de vocês.*

*Talvez seja melhor você nem ler a minha carta e joga-la fora.*

Figura 16 – Correspondência de S.

Rio, 1 de Julho de 1942  
 Jorge  
 Quase não soube de receber sua carta, já havia se escrito a mim.  
 No dia 1º de Julho, ali o momento atual por falta de portador, pois pelo correio ~~se~~  
~~as cartas não passam~~, apesar de sua carta - que constituiu para mim a mais pre-  
 viliosa das compensações - sobe que não deve deixar de enviar a mim. Seria um  
 irrisório à minha vontade. Parece-me que nada mais tenho a acrescentar, salvo um  
 decréscimo pedido: leia a minha carta com a mesma sinceridade e atenção com que li  
 a sua, e depois ~~responda~~ responda. Ela é um desabafo e depois da desabafo só me re-  
 sta um pouco vontade de abraçá-lo e beijá-lo.  
  
 Muito obrigado pela sua carta, talvez não nos vejamos tão cedo, pois  
 neste momento é mais provável que eu esteja em férias e não aqui que vou a velar. So-  
 mo atualmente o único jornal brasileiro sob censura preta e censura das mais  
 rigorosas. Pretendo matar-nos desta forma, pois fechar a revista neste momento  
 não lhes convém. Já vou, caro Jorge, que sob os olhos mais sós de casa de Brasil,  
 ainda se encontra uma longa nuvem verde que tudo faz para sair da sombra. Mas fe-  
 licemente ainda estamos vivos. Até quando?  
  
 Abraço muito forte a Marião por mim e receba um quente abraço de  
 J.  
  
 Vi o seu livro está chegando de mão em mão, e em boas mãos. Vá se  
 entregar no novo endereço, pois o seu atual já está muito marcado. E conta  
 que estão tirando cartas dirigidas para o endereço de vocês.  
  
 Talvez seja melhor você não ler a minha carta e jogá-la fora.

As figuras a seguir (Figuras 17 e 18) revelam uma correspondência de duas páginas, datada de julho de 1942, enviada ao escritor Jorge Amado pelo remetente identificado por Antonio Morgado da Conceição, que após a leitura da biografia de Prestes elogia a obra e a define magnífica. O remetente diz ter finalizado a leitura da vida do herói, e que se sentia orgulhoso por pertencer “ao gênero humano” que compartilhava daqueles altos valores. Abaixo, a transcrição de um trecho da carta:

*“(...) Todo su libro es emocionante; emoción de hombres, de hombres que tienen um corazón grande y noble. Cuanto más leo la vida del héroe de nuestro Pueblo, que es como decir mi pueblo, el pueblo que habla la lengua que yo hablo, más amo la libertad, la vida y el hombre. El día de la libertad del hombre será um día de gozo universal, todo mundo gritará en un coro grandioso la frase “Viva Luiz Carlos Prestes!!*



(...) Luiz Carlos Prestes es un hombre humanizado, tan inmensamente humano que ya está en vida incorporado a la historia de las luchas por la libertad, el honor y la moral."

A seguir, o fac-símile da carta:

Figura 17 – Correspondência de Antonio Morgado 1/2

Buenos Aires, Julio 27 / 1942

Querido Sr. José Morgado  
"Diaria Crítica", Buenos Aires.

Distinguido señor:

Me permite dirigirle la presente para manifestarle mi más honda admiración de hombre y de ciudadano portugués por la magnífica obra de su pluma, que es la biografía de Luiz Carlos Prestes.

No puedo leer la vida del héroe y no pienso así que la grandeza de un hombre de bien pudiese llegar a las alturas inaccesibles a que ha llegado la personalidad del grande hombre.

Ha llorado con la lectura de la vida del héroe y me siento orgulloso de pertenecer al género humano que cuenta con tan altos valores.

Toda su obra es emocionante, parva de hombres, de hombres que tienen un corazón grande y noble.

En tanto más leo la vida del héroe de nuestro pueblo, me es como decir mi padre, el pueblo que habla su lengua, me yo hablo, más amo la libertad, la vida y el hombre.

Figura 18 – Correspondência de Antonio Morgado 2/2

El día de la libertad del Hombre, será un día de gozo universal, todo el mundo gritará en su corazón grandioso, la frase "Viva Luiz Carlos Prestes!!"

Distinguido señor Amado, cada una de las páginas de mi bellísimo libro es un acto de acusación a los enemigos del pueblo - Para Luiz Carlos Prestes cabe sobreponerse al odio y a las patibulos para pedir clemencia, aún desde la cárcel, la unidad de su pueblo frente a la agresión monstruosa del Eje - Luiz Carlos Prestes tiene el alma grande como el Manhattan de la India - Toda unidad, no puede vencer - Esta grandeza me recuerda la famosa frase de Beethoven "No vencerás entre los hombres, sólo sigues la supervivencia por la bondad"

Luiz Carlos Prestes es un héroe y un populi que se figurará al lado de los grandes de la humanidad - No será brasileiro, será universal -

Luiz Carlos Prestes es un hombre humanitario, tan inmensamente humano que ya está en viles acusando a la historia de las naciones por la libertad, el honor y la moral -

Se esfuerza por modesta amistad y la salud con humilde asociación. A. Morgado da Fonseca

ANTONIO MORGADO DA FONSECA  
CALLE ESPINOSA 654  
BUENOS AIRES

Por fim, um trecho transcrito de uma carta de Selma Zamora, que, conforme pesquisas realizadas trabalhava na Editorial Claridad como tradutora das obras para versão castelhana, como se confirma em registros da Biblioteca Nacional da Argentina<sup>38</sup>. É possível que tivesse ligação com Antonio Zamora, diretor da mesma editora, mencionado no capítulo anterior.

*Sr. Jorge Amado*

*De mi mayor admiración y respeto:*

*Cuando one entregaron las pruebas de su libro para corregir, las recibí con curiosidade, pues poco y nada sabía de Luiz Carlos Prestes, pero al mismo tiempo com el temor de que fuese una pesada biografía política. Poco a poco me fui*

*encariñando com el personaje y com el libro mismo, hasta llegar a lamentar que tan*

*pronto tuviese la palabra “fin”. (...)*

(nuLIME)

### 3.2.3 O cavaleiro na poesia

Muitos dirão que estas poesias falam em tom de comício. Concordo. Muitos dirão que estas poesias foram feitas com sabor de manifesto. Concordo. Concordo porque elas são comício e manifesto. É uma das mil formas de se chegar ao povo quando negam ao povo a praça pública.-.

*Mário Lago*

A poesia social compreende a escrita como arma ideológica, a fim de expressar a importância das lutas e suas resistências contra um estado hegemônico. Ou seja, a partir do momento em que escrevo ‘poesia social’ ou ‘militância pela palavra’, estou dizendo da militância

---

<sup>38</sup> Disponível em:

<[http://catalogo.bn.gov.ar/F/TR5DY1RXUMUK5QEU45ISHYQG6X2X4EV8E18HUAM869RLRHFYIG-12697?func=full-set-set&set\\_number=038628&set\\_entry=000001&format=999](http://catalogo.bn.gov.ar/F/TR5DY1RXUMUK5QEU45ISHYQG6X2X4EV8E18HUAM869RLRHFYIG-12697?func=full-set-set&set_number=038628&set_entry=000001&format=999)> Acesso em: 15 ago. 2016.

que chama atenção dos governantes para o problema das massas, das necessidades do povo por voz, das palavras pensadas, sentidas e postas em papéis para transgredir o silêncio; da revolta e do desejo de mudança quando não são encontrados ouvidos que escutem os descontentamentos do povo. Jorge Amado possibilita outra voz para a poesia, recolocando-a no cerne da luta antifascista, utilizando-a como instrumento de transformação social. Como nos traz Almeida (1979),

assiste-se a uma iniciativa do autor em explicitar, quando dos livros que são publicados durante sua permanência no exílio – que se estende até o mês de setembro de 1942 – o estatuto da “poesia” enquanto *arma* na luta política [...] vai sublinhar a “poesia” como instrumento importante e necessário no combate às “tirantias”. (p. 154).

Para Souto Maior (2006, p.98), em uma sociedade classista e racista como o Brasil, a ideologia dominante não tem interesse em divulgar, valorizar ou até mesmo memorizar feitos políticos e revolucionários, uma vez que se contrapõem aos objetivos hegemônicos. A arte para as massas fica sob domínio da classe que está no poder, retroalimentando, assim, a ideologia burguesa e valores tão distantes da realidade popular; com o compromisso de prover lucros às grandes empresas de comunicação. A arte é desta maneira segregada, e está longe, infelizmente, de ter um compromisso popular.

Jorge Amado (1979, p.24-25) se posiciona sobre este assunto na década de 70:

Muito se tem falado nos motivos que resultaram na moderna literatura brasileira, na novelística e na crítica. Inúmeros artigos e ensaios se têm escrito sobre isso e não sei de nenhum que ligue o nome de Luiz Carlos Prestes a esse movimento. No entanto, ninguém teve em relação a ele uma importância maior, uma influência mais decisiva. A moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos da sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de revoluções iniciado em 22, que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento de transformação democrático burguesa. 1922, 24, 30 e 35 trouxeram o povo à tona, interessaram-no nos

problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual ressaltou o movimento literário atual. E essa literatura não tratou dele, da sua figura, em nenhum momento.

Curiosamente, alguns anos depois, algumas pesquisadoras do nuLIME estão remexendo o acervo, e, com isso, estudando as peculiaridades da fase de 1941-1942 de um jovem Jorge Amado, da sua militância junto ao Partido Comunista e da história de Luiz Carlos Prestes. O escritor proporcionou, através da preservação de seus papéis e o esquecimento deles, o preenchimento de um hiato, como se espíássemos esta parte da história desfilar por meio de um buraco de uma fechadura.

Em sua Mala Jorge Amado deixou diversas poesias de diferentes autorias. Vozes de mulheres e homens militantes. Mais uma vez somos convencidos de que os ecos pela libertação de Prestes ultrapassavam fronteiras, como veremos a seguir, nos diversos poemas escritos em espanhol.

Conforme Souto Maior (2006), Luiz Carlos Prestes já era reconhecido entre os militantes de outros países pela importância histórica da Coluna Prestes. Também Fidel Castro, ao cumprir pena no presídio da Ilha de Pinos, confirmou ter conhecido a trajetória guerrilheira de Prestes pela leitura da biografia *Vida de Luiz Carlos Prestes*, na prisão.

Em janeiro de 1945, no dia do aniversário de Prestes, o militante Carlos Marighella<sup>39</sup> escreve, do presídio de Ilha Grande, um poema para Prestes:

---

<sup>39</sup> Foi um dos principais organizadores da resistência contra o regime militar e chegou a ser considerado o inimigo número um da ditadura. Teve ao todo quatro passagens pela prisão, onde sofreu espancamentos e torturas, sendo a primeira delas aos vinte anos de idade. Militou durante trinta e três anos no Partido Comunista e depois fundou o movimento armado Ação Libertadora Nacional (ALN). Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/carlos-marighella/>> Acesso em: 30 jul. 2016.

*Ó Cavaleiro heroico da Esperança,  
filho exemplar do povo brasileiro,  
teu vulto imenso mais e mais avança,  
guia e ilumina o continente inteiro.*

*A glória do teu nome o mundo alcança,  
audaz e libertador. És o primeiro  
que ao nosso povo inspira confiança,  
admiração, afeto verdadeiro.*

*A voz não diz, tampouco a pena exprime  
a tua dor num cárcere, sem crime,  
longe do amor caríssimo da filha.*

*Mas teu martírio uma verdade encerra:  
no coração do povo desta terra  
somente o nome teu fulgura e brilha.*

*Colônia dos 2 Rios, Ilha Grande, 3-1-1945.*

Outras personalidades se manifestaram a respeito do militante brasileiro, como o historiador Eric Hobsbawn: “Depois que tenentes rebeldes brasileiros como Luiz Carlos Prestes passaram das caminhadas no sertão para o comunismo em fins da década de 1930, nenhum grupo esquerdista importante escolheu o caminho da guerrilha em outra parte (...)”.

O escritor Pablo Neruda também revela:

Nenhum dirigente comunista da América Latina teve uma vida tão trágica e portentosa quanto Luiz Carlos Prestes. Herói militar e político do Brasil, sua verdade e sua lenda ultrapassam há muito tempo as restrições ideológicas. Ele se converteu em uma espécie de encarnação viva dos heróis antigos. (MAIOR, 2006, p.49).

Luiz Carlos Prestes foi o principal inspirador do grandioso movimento – de âmbito mundial – de anistia aos presos políticos brasileiros e estrangeiros que participaram da insurreição nacional-libertadora de 1935. (Souto Maior, 2006). Na data em que foi anistiado e solto, nove anos depois, no dia 18 de abril de 1945, veio o seguinte telegrama dos Estados Unidos da América:

*New York*

*Luiz Carlos Prestes*

*Rio de Janeiro – Brazil*

*Enviamos nossas mais calorosas felicitações ao grande brasileiro Luiz Carlos Prestes, e, por seu intermédio, aos demais antifascistas libertados. A anistia é a verdadeira expressão democrática da vontade do povo brasileiro. Assinaram o telegrama:*

*Charles Chaplin, Max Weber, Thomas Mann, Howard Fast, Groucho Marx, Walter Scott, Michael Gold, Theodor Dreiser, Lion Feuchtwanger, Frederick March, Pierre Van Paasen, Elliot Paul, Eugene Ormandy, Douglas Adams e vários arcebispos, bispos, rabinos, juízes, procuradores, professores, cientistas, escritores, pintores e artistas.*<sup>40</sup>

Outro dado muito interessante a constar neste capítulo - antes de revelar as poesias guardadas no acervo - são as palavras de Prestes em uma correspondência para Laércio Souto Maior, em 1989. Nesta carta Luiz Carlos Prestes fala de suas impressões e algumas correções a respeito do livro escrito por Maior, *Luiz Carlos Prestes na Poesia*, obra utilizada de forma latente nas presentes páginas. Abaixo, um trecho transcrito desta correspondência:

*Rio, 26 de maio de 1989.*

*Sr. Laércio de Souto Maior – Curitiba – PR.*

*Prezado Amigo.*

*[...] Aguardava sua visita para transmitir-lhe minha opinião sobre o livro “Luiz Carlos Prestes na Poesia”, de sua autoria. [...] **Quero também informá-lo de que na Argentina e no Uruguai, durante os anos de 1936 e 45 foram publicadas numerosas poesias minhas a meu respeito, que não constam no seu trabalho.***<sup>41</sup>*[...]*

*Com meus votos pelo êxito de seu trabalho, receba meu cordial abraço.*

*Luiz Carlos Prestes*

(SOUTO MAIOR, 2006, p.343)

O interessante neste trecho destacado é que alguns poemas encontrados no acervo são de poetas latino-americanos, e possivelmente estamos sob a guarda de alguns desses poemas mencionados por Prestes.

---

<sup>40</sup> Álbum comemorativo do ano do trigésimo aniversário do PCB, 1. ed., 1952, p.48

<sup>41</sup> Grifo meu.

No intuito de juntar todos os documentos que possibilitassem a escrita da biografia de Prestes, Jorge Amado guardou cerca de 30 páginas de poesia de cunho político sobre o cavaleiro da esperança. São doze autorias diferentes. Dessas vozes, elegi nove poemas para explorar a construção desse herói do povo.

A escolha pelos nove poemas está nas referências encontradas sobre os autores, como artigos e notícias que trazem a importância de suas trajetórias políticas e literárias. Optei por não dar evidência aos três últimos autores por alguns critérios: pouco suplemento e/ou não ter informação definida de suas autorias (uma vez que haviam muitos pseudônimos contidos nas correspondências e poemas recebidos, em decorrência da perseguição ideológica), além de baixa visibilidade ou difícil compreensão, o que comprometeria a leitura.

Não obstante, são as vozes de:

**Mirta Aguirre**

Escritora, periodista e militante política cubana

**Sofia Arzarello**

Poetisa e professora uruguaia

**F. Alvarez Allonso**

Informação desconhecida

**Otto Benitez**

Escritor, político e ex-ministro colombiano

**Felipe Novoa**

Poeta uruguaio de origem argentina

**Alejandro Laureiro**

Militante comunista uruguaio

**Gisleno Aguirre**

Militante uruguaio e presidente do Círculo El Progreso

**Julio J. Casal**

Escritor uruguaio, autor de diversos livros de poemas.

**Adelmo Botto Aparicio**

Escritor uruguaio



**Victor**

Poesia manuscrita em francês identificada por este remetente

**Josualdo**

Informação desconhecida

**Sem autoria definida**

Poema datiloscrito em espanhol de título *A Luis Carlos Prestes*

O poema da cubana Mirta Aguirre, situado no acervo, encontra-se também exposto no livro *Luiz Carlos Prestes na poesia*, em alguns trechos:

(...)

*En Mejico hay una niña  
Que Anita Prestes se llama  
Ah! Los pueblos, nuestros pueblos  
Con su niña rescatada!*

*Ahora hay que guardala bien  
Contra el ódio y la desgracia.  
Ahora hay que darle su padre  
Y su madre, la alemana.*

*Ahora hay que salvarle a Prestes  
La cabeza amenazada.*

(...)

(SOUTO MAIOR, 2006, p.134-135).

O escrito faz o recorte da fase em que Prestes está preso, Anita recém-resgatada por Leocádia nos campos de concentração, o nazismo fazendo vítimas e o medo rondando entre aqueles que estavam ao lado da revolução. Interessante notar que os trechos expostos no livro *Luiz Carlos Prestes na poesia* seguem uma sequência diferente daquela do acervo. No documento da Mala existe uma inversão de estrofes, além de ter sido riscada uma frase do poema (não sabemos por quem, se por Jorge Amado ou pela própria autora); mas que é possível identificar o que está escrito pela versão contida no livro de Souto Maior (2006). A rasura feita diz respeito ao “pai dos pobres”: “Y fue derrota de Vargas”.

O poema de Mirta Aguirre (Figuras 19 e 20) contido no acervo de Jorge Amado parece ser de uma primeira versão. A hipótese é feita por conta de rasuras encontradas a lápis, evidenciando uma estrutura embrionária de uma criação poética. Foi provavelmente publicado depois em coletânea própria, o que justificaria a inversão de estrofes.

Figura 19 – Romance de Anita Prestes 1/2

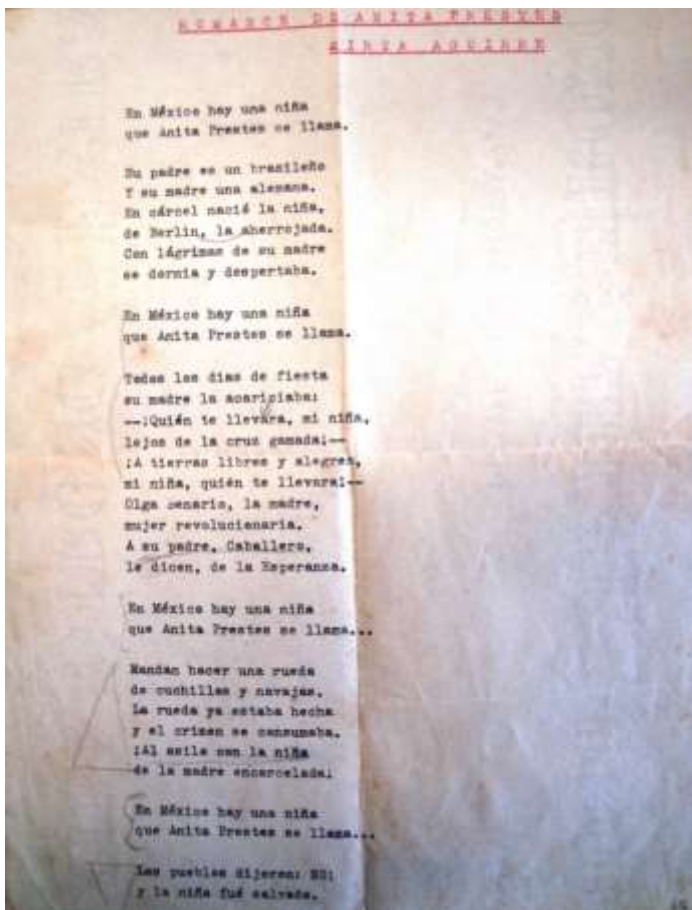


Figura 20 – Romance de Anita Prestes 2/2

Derrata fue de los naís,  
~~de~~ de impetencia, y de forar,  
con dientes finos de rabia,  
los enemigos de Prestes  
se moñían las entrañas.

En México hay una niña  
 que Anita Prestes se llama...

¡ Ah, los pueblos, nuestros pueblos  
 Con su niña rescatada;  
 Ahora hay que guardala bien  
 contra el odio y la desgracia,  
 ahora hay que darle su padre  
 y su madre, la alemana.  
 ahora hay que salvarla a Prestes,  
 la cabeza amenazada.

ANITA AGUIRRE

O próximo poema refere-se também a uma mulher. A escritora e docente uruguaia Sofia Arzarello foi fundadora da AIAPE (Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores) do Uruguai. Foi uma figura intelectual importante de apoio da República durante a Guerra Civil Espanhola.<sup>42</sup> Enviou para Jorge Amado o poema intitulado *Luiz Carlos Prestes*, datado de junho de 1941.

Os versos de Sofia, dotados de passionalidade, falam sobre resistência e esperança, e revelam profunda admiração ao líder comunista Luiz Carlos Prestes. É escrito em primeira pessoa, se referindo a uma segunda – o próprio cavaleiro da esperança: “(...) donde ni el hongo vegetal se atreve a nacer, resistes (...)”/ “(...) temido eres como el fuego (...)”. (Figura 21).

O poema seguinte, referente, consecutivamente, às Figuras 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28, de F. Alvarez Allonso (não há referência ao seu primeiro nome), datado de 1º de agosto de 1942, é datiloscrito em espanhol, na cidade de Montevidéu e chama-se *El pajarito sonoro*. É um poema dotado de metáforas, composto de sete páginas, sendo o mais extenso de todos os poemas abordados neste capítulo. Allonso faz uma apresentação ao poema (que chamarei de prólogo), explicando que se trata de uma homenagem a Luiz Carlos Prestes.

Observando as pontuações e rasuras feitas a caneta sobre o escrito, e, ainda, algumas tentativas datilografadas de correção no decorrer do poema (prólogo e página seguinte), é também provável que não exista um rascunho manuscrito, ou seja, suponho que o autor tenha escrito originalmente à máquina.

Ainda nas primeiras linhas do prólogo, existe uma referência bíblica na passagem “... amar ao inimigo como a si mesmo...”, ao referir-se a Mateus 22:39. Em resumo, o poema evidencia a luta de uma frente popular pela liberdade em dias de cárcere.

O poema de Otto Benitez (Figuras 29, 30 e 31), intitulado *Oda a Luiz Carlos Prestes*, dividido em *Elegía*, *Acusación*, *Y canto de amor y serena confianza* faz crítica ao fascismo, menciona a Coluna Prestes e a resistência da revolução. Como se falasse diretamente com Luiz Carlos Prestes, o último trecho do poema exalta o cavaleiro do povo, lhe aponta como um símbolo de esperança, ainda que preso e impossibilitado de organizar estratégias contra a ditadura: “y cuando vuelves – y siempre estás volviendo – un sueño de metal pasea (...)” (Figura 31).

---

<sup>42</sup> Disponível em:

<<http://mujeresquehacenlahistoria.blogspot.com.br/2009/05/siglo-xx-sofia-arzarello.html>>. Acesso em: 20 maio. 2016.

Felipe Novoa, em seu poema intitulado *Canto al Brasil de Prestes*, exalta o cavaleiro da esperança e pede por sua libertação, acontecimento que, para o autor, seria a única saída para o Brasil e para o mundo: “Tu nombre, de capitán... de mártir, de profeta...Tu nombre de columna, de corazón, de estrella vuelto a la luz de América y su cielo. Bajo las grades lunas ecuatoriales: ¡Prestes! y en las cárceres: ¡Prestes! [...] (Figura 32). Como em todos os versos anteriores, o poema é embebido de admiração pelo militante comunista: “- Donde passaste tú, quedó la huella de la esperanza, caballero.”

Nas quatro imagens que se seguem (Figuras 33, 34, 35 e 36), temos a caligrafia do militante comunista uruguaio Alejandro Laureiro, no poema chamado *Esquela a Luis Carlos Prestes*, datado de setembro de 1942. Nele o autor descreve, a próprio punho e em quatro folhas, a desesperança daqueles dias sem aurora, e que a salvação do povo seria “un hombre, un cuerpo y una barba, color de la bondad, tu, caballero de la esperanza, imagen de los negros...”. Assim como os poemas citados anteriormente, Laureiro aponta o sofrimento do cárcere sofrido pelo líder do povo, sozinho e impedido de traçar quaisquer estratégias de mudança; e demonstra admiração a Prestes, que resiste: “(...) cuerpos de tus hermanos a la muerte”, mas, apesar e por isto, teria um “gran corazón de capitán”.

As próximas imagens (Figuras 37, 38, 39 e 40) estão em prosa poética, datiloscrita em espanhol, de nome *Luiz Carlos Prestes*, da autoria de Gisleno Aguirre. O cavaleiro verde, citado no texto, refere-se a Prestes, filho da terra, “su vida es como la bandera verde de la tierra teñida con la clorofila tropical...”. Entre metáforas, traz a vida de Prestes - o caballero verde – comparada à batida de asas de uma bandeira ao vento:

*“(...) pero són más poderosos, todavía, los aletazos de la bandera – vida enarbolada – del caballero verde. Sacuden la vida dormida al sol y la despiertan y la ponen en marcha, con sus sueños, tras sus sueños, que son los sueños de vida de los que, en la tierra vital, en la patria de la vida intensa de la tierra, no tienen vida para sí.”*

O texto poético segue falando do povo, dos homens negros que tem em Prestes a esperança pela mudança; e nas sacudidas dos “aletazos de la bandera verde del caballero verde”- a crença nos sonhos. Aguirre finaliza seu texto chamando Prestes de “Hércules de América”: “es un hombre que és Hércules para el nuevo Prometeo...”, chamando atenção

para a situação do cárcere, deixando nas palavras finais a expectativa pela libertação.

De modo semelhante, o poema de Julio J. Casal, escritor uruguaio, leva o mesmo título: *Luiz Carlos Prestes* (Figuras 41 e 42). De duas folhas e datilografado, a poesia aborda o vínculo do povo com seu líder: “el puro amor de los hombres despierta e vuela a tu encuentro”; que traz no sonho de mudança, a esperança: “brancas velas de alegría van recuperando el cielo.”. Ao final do poema, o autor nos evidencia a confirmação do herói:

(...) y tú, entre nosotros,  
único caballero  
de la Esperanza,  
el sembrador de fuentes,  
el viajero  
que sabe andar entre la llama humana  
con el sentido de su propio fuego.

*Y junto a tí, encontramos la verdad (...)*

(...) *Que rodeando tu figura  
y tu heroísmo ciñendo,  
la luz se va haciendo fina  
hasta parecer de sueño,  
que no es la luz que te llega,  
sino la que llevas dentro.*

O último poema, de igual título dos anteriores, é escrito por Adelmo Botto Aparicio. Interessante constar aqui que obtive dificuldades em encontrar sua nacionalidade, uma vez que o nome do autor consta no registro de escritores uruguaios<sup>43</sup>, como poeta<sup>44</sup>, conforme informação da página *La Base de Datos de Autores de Uruguay*. Na própria página do site é trazida a informação: “Se

---

<sup>43</sup> Referência encontrada na página *Autores – La base de datos de autores* de Uruguai. Disponível em: <<http://autores.uy/autor/3469>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

<sup>44</sup> Consta como uma de suas publicações o livro de poemas *Caras del sueño*, publicado em 1937, pela Montevideo: Editorial Libertad. Disponível em: <[https://openlibrary.org/authors/OL2361960A/Adelmo\\_Botto\\_Aparicio](https://openlibrary.org/authors/OL2361960A/Adelmo_Botto_Aparicio)> e <<http://www.worldcat.org/title/caras-del-sueno-poemas/oclc/004969982>>. Acesso em: 07 set. 2016.

desconocen las fechas de muerte y de nacimiento de este autor, y se carecen de notas bibliográficas que permitan inferir el estatus de derecho de autor de sus obras”. Através de algumas pesquisas, encontrei um tal Pablo Stéfano Adelmo Botto Aparicio, nascido no Uruguai em 1924, mas que imigrou para o Brasil mais tarde, em 1954<sup>45</sup>. Por este motivo, caso as buscas se refiram mesmo ao poeta, ele tenha se naturalizado brasileiro.

De todo modo, o poema encontrado no acervo apresenta três folhas, datado de 1942, datilografado e escrito em espanhol (Figuras 43, 44 e 45). Nele, o autor conversa com as terras do Brasil, em tom de pergunta:

(…)  
*Yo te pregunto,  
 tierra del Brasil  
 para qué tus ríos  
 corren hacia el norte hacia el este y el sur  
 cargados de frutas e plantas  
 de barcos e maderas  
 para qué tu sangre de coloso  
 sube y baja  
 se derrama e se cuaja  
 y vuelve a crecer impetuosa  
 para qué  
 si tienes tu esperanza encerrada entre piedras  
 para qué  
 si tus hombres esperan la noche  
 para soñar tu destino haciéndose en la tierra*  
 (…)  
*y tú  
 tu tienes tu héroe  
 prisionero del miedo  
 ahora que los tempos hanllegado  
 y luchas por el destino del mundo*  
 (…)  
*Para que se ericen tus montañas  
 y se endurezcan tus selvas*

---

<sup>45</sup> Informações constantes nos Cartões de Imigração, 1900-1965 – Disponível em: <<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-95YZ34W2?i=7&wc=QS644W1%3A1019546801%2C1020598301%3Fcc%3D1932363&cc=1932363>>. Acesso em: 14 set. 2016.

*para que tus puertos afronten  
los negros barcos de la muerte  
para ser soldados de democracia  
dale a tus hombres un hombre un arma en las manos  
y el caballero de su esperanza  
en el corazón.*

Naturalmente, todos os poemas aqui abordados trazem aspectos semelhantes entre si – estavam situados em um contexto histórico denso, de cassação de direitos; perseguição daqueles que militavam pelo Partido Comunista (ou qualquer outra organização que tivesse ideologias afins); de privação através da censura. Ainda que alguns não tenham data específica, deduzo que foram tecidos na mesma época - porque falam da luta pela libertação dos presos políticos e principalmente da soltura daquele que configurava a esperança do povo. Após as imagens dos poemas a seguir, dispostas por ordem das figuras, estarão no próximo capítulo os rastros entrecortados (e encontrados) sobre Prestes em recortes de jornais.



Figura 21 – Luis Carlos Prestes (Sofia Arzarello)

LUIZ CARLOS PRESTES

Te queda ciega la calle te separaron, preso  
 donde ni el banco vegetal se atreve a crecer  
 resacas, tu estrella que oculta el camino d  
 del medio, en joven petra gana el aire.  
 Dejas, para hablar la compañía de hombres  
 en pie, tu porta color, tu cénico de acunas.  
 Tu estrella, en el duro cielo de la guerra!  
 En el humo, alto, de las usinas.  
 Sobre el cielo-que no quiere ser visto-  
 del pan. A la presencia invita, no al olvido.  
 Tama olvidado, nada olvidar, un solo ultraje  
 Los recuerdos se alían a la tempestad ~~XXXXXXXXXXXX~~  
 de las bombas, al huestado ~~XXXXXXXXXXXX~~  
 de la llama, al fin rebelde, llamo al huesto.  
 Descubriendo el asidero a los similitras  
 despojados de su corona de la vida.

No existe, no, rfo de palomas ni de niños  
 tan celeste y seguro, de tan subido nável  
 humano, como el que describe su espada.  
 Ella vencerá la negra ley de la espada!

Espesan siense hay sin calle hacia este río  
 y tú, Luis Carlos Prestes, las almas  
 para el arugado y el coloso por la luz  
~~XXXXXX~~  
 Masas grises abundan, de plomo al ala, fría  
 Huestad sacada de ceniza, renuncia  
 a ser cagalla pródigo de tu estrella

tu ocultad, varonil, tu resonancia viva  
 Tu mandio fresco, inberbe, repitiéndose.  
 Temida area como el fuego que no perdona  
 perdiste, torcedura, sin rando, \*gafio!

Hay del que no te tiene por tabú y recibe  
 de tu sed sediento no te abre sus cinco entradas.  
 A tus levas y materiales proporciones adicto  
 Y no llora y de orgullo arde y queda oscuro  
 Y no te ofende sus rodillas, su fuerza mofina

Tú que como Icarus el emper, dices Pavla,  
 los que se llaman bienaventurados, te engañan  
 Tú venido después de los muchos estupefacciones ~~XXXXXXXXXXXX~~  
 inafas, de sus tientos que son huestas dentro....  
 como trae otros, hasta lograr que tú fueras quien eran!  
 Juntos en la estrella, contra la espada  
 con sus llamas bienaventuradas a las que pica ~~XXXXXXXXXXXX~~  
 Y muere y los ruba la corona de la vida  
 tueta de muere

14 de junio - 1947

Figura 22 – El Pajaro Sonoro 1/7

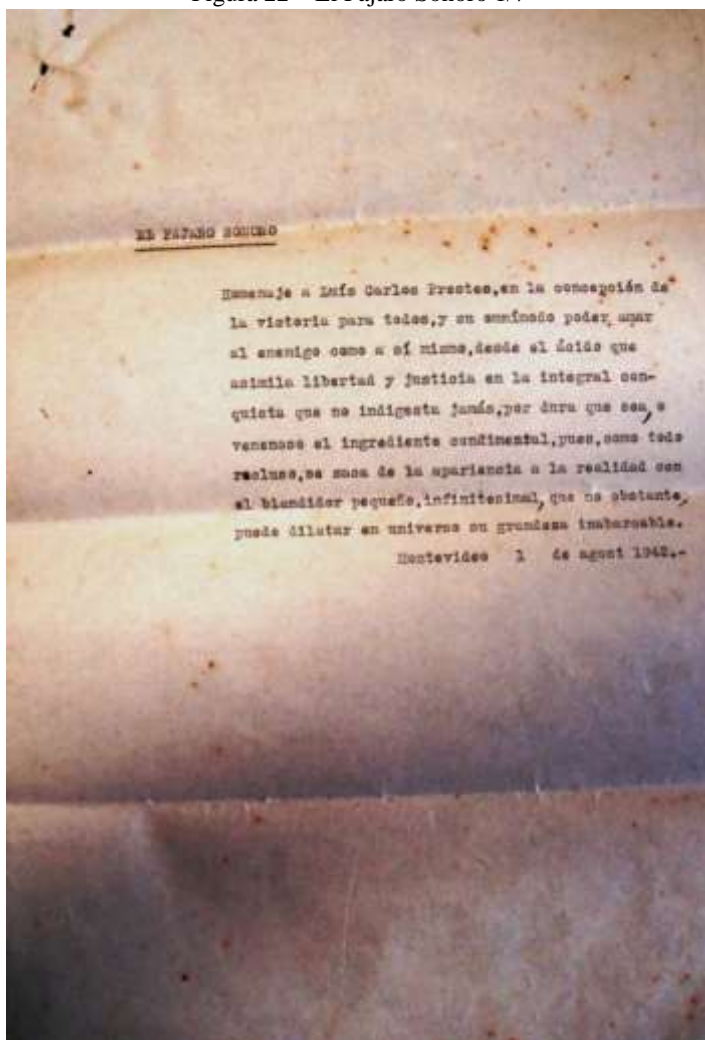




Figura 24 – El Pajaro Sonoro 3/7

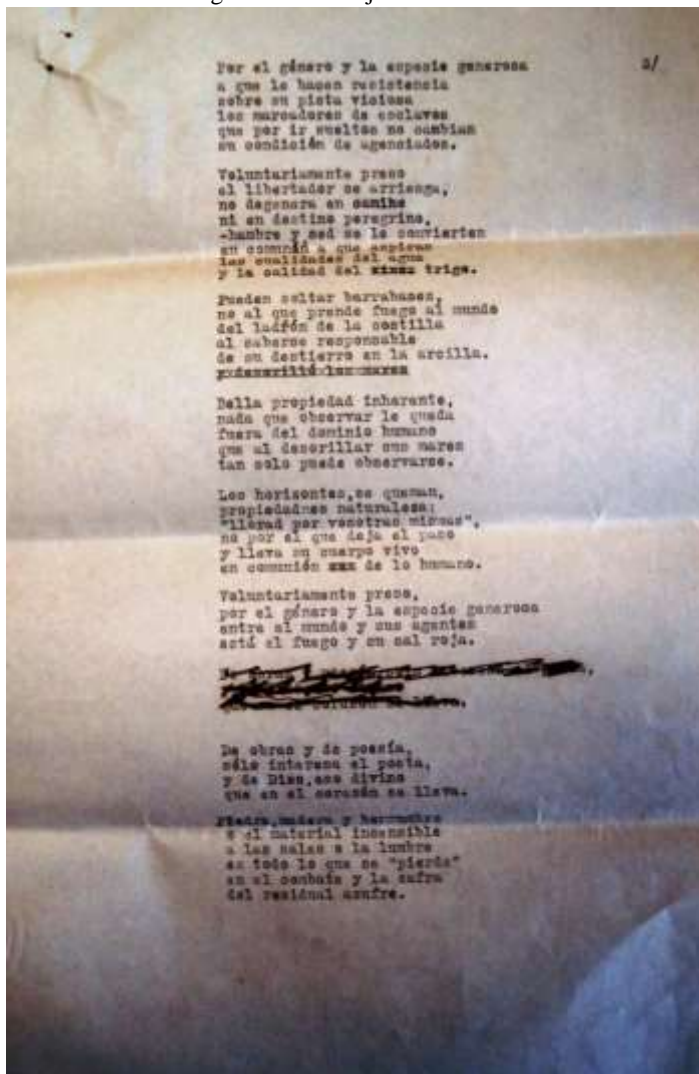


Figura 25 – El Pajaro Sonoro 4/7

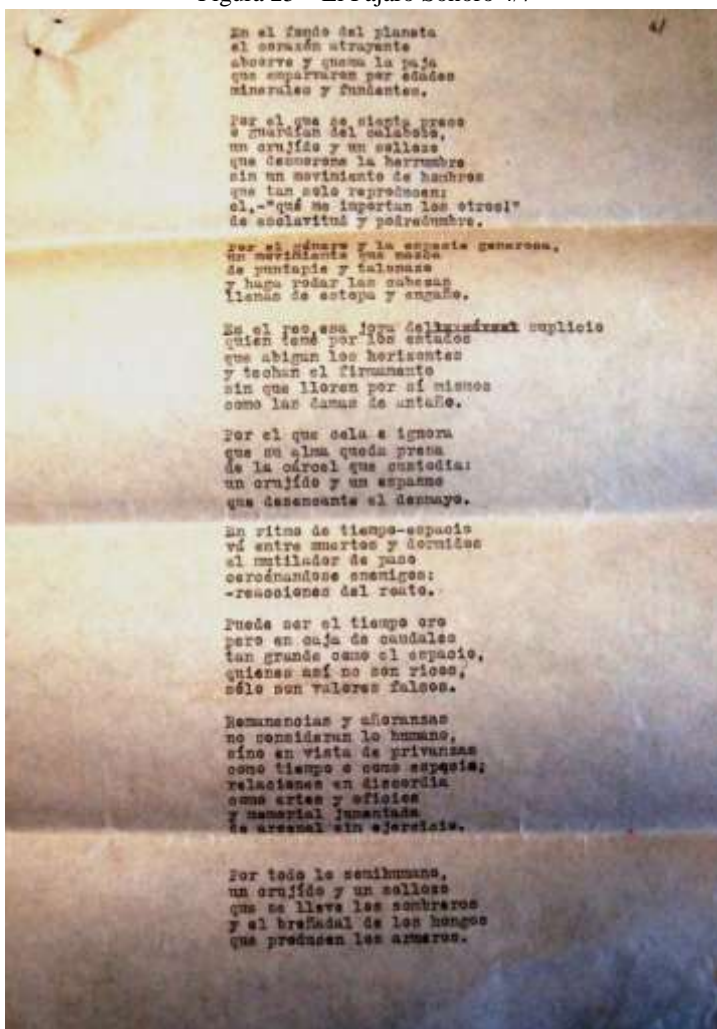


Figura 26 – El Pajaro Sonoro 5/7

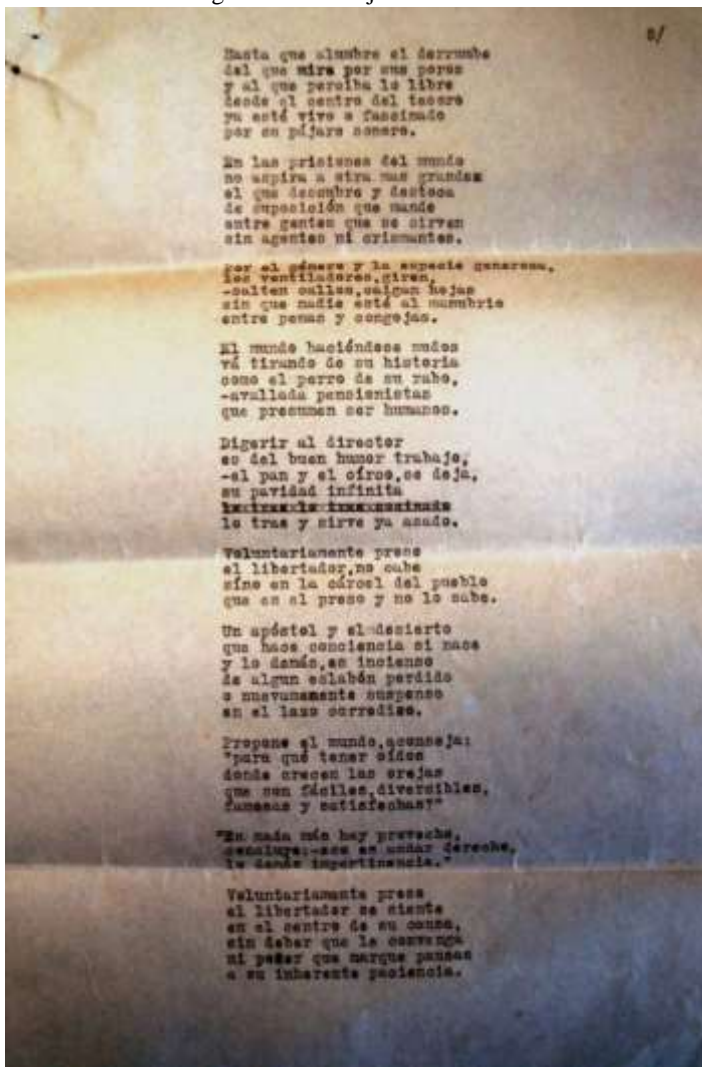




Figura 27 – El Pajaro Sonoro 6/7

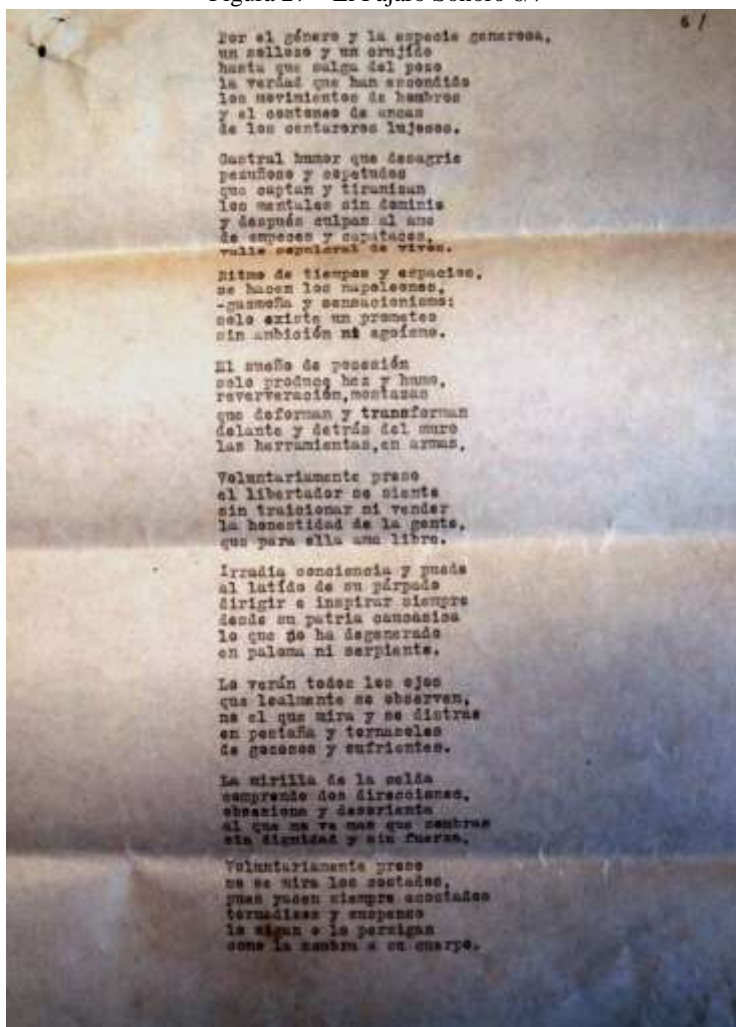


Figura 28 – El Pajaro Sonoro 7/7

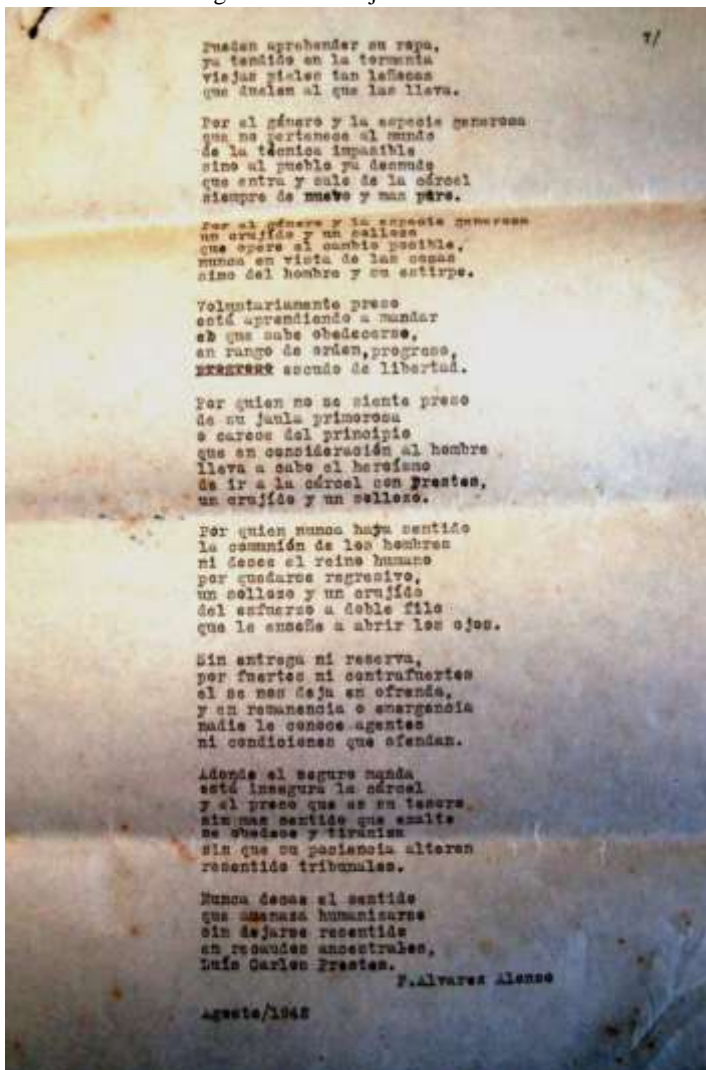






Figura 30 – Ode a Luis Carlos Prestes 2/3



Figura 31 – Ode a Luis Carlos Prestes 3/3

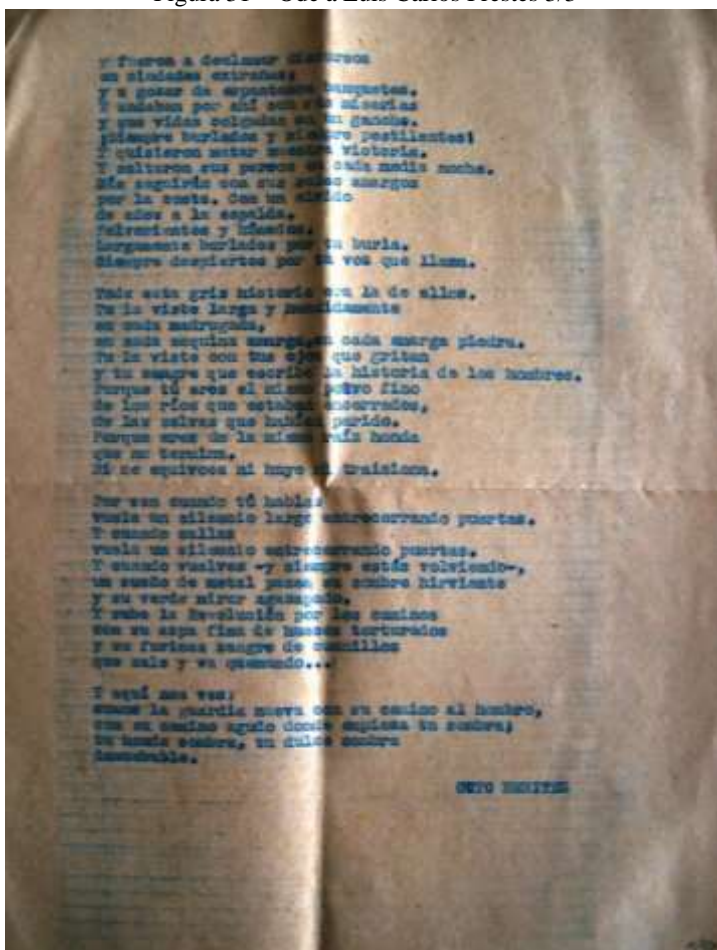


Figura 32 – Canto al Brasil de Prestes

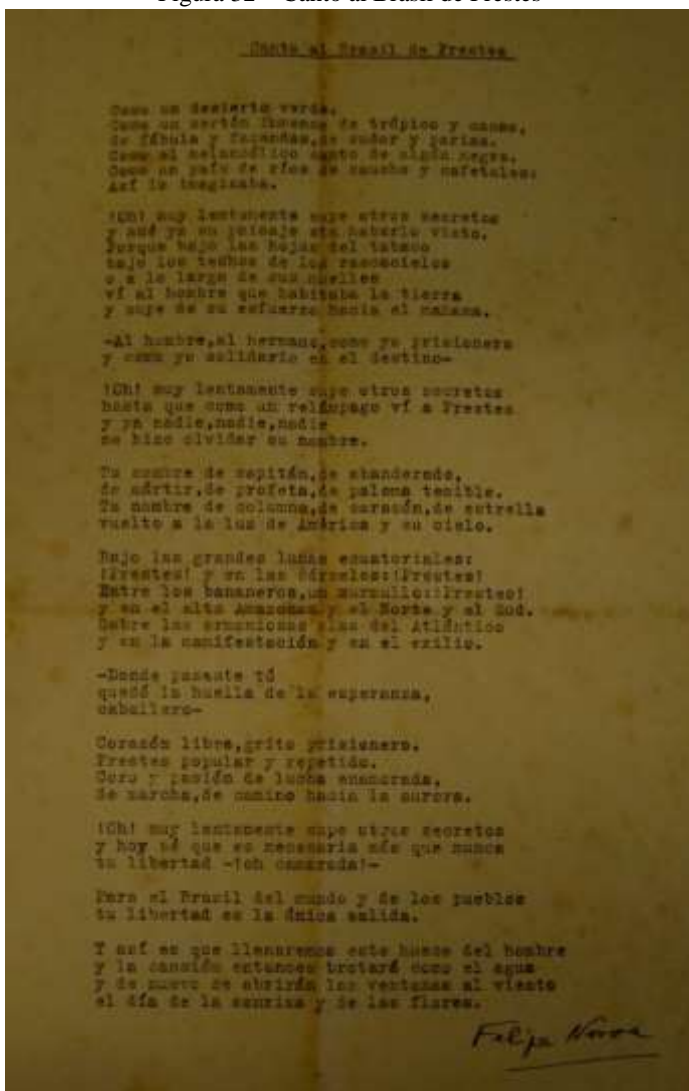


Figura 33 – Esquela a Luis Carlos Prestes 1/4

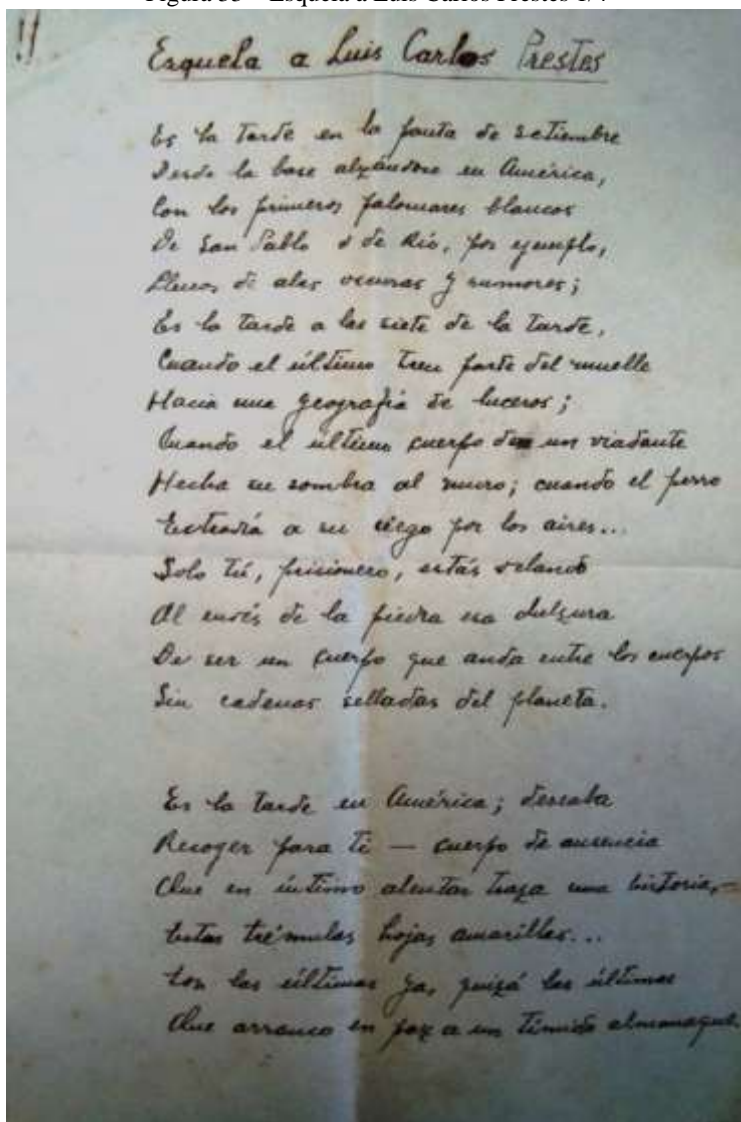


Figura 34 – Esquela a Luis Carlos Prestes 2/4

No conozco esas riendas de la fecha  
 En esos hielos que riempas se deslujan  
 Entre tu soledad y muertos afeatos,  
 Pero sé que hasta ti, como hasta todo,  
 Lúe el olamor ardando de este tiempo,  
 Sé que tú, como todo, tus amigos,  
 Como todos los hombres, como el verde  
 Y el caballo del campo, estamo, todo,  
 Con el pecho al oriente sin aurora  
 Del frío invierno que marbola  
 Chacales sobre el pan, puntas de lanza  
 En las hundidas arpas de la muerte:

Sé que tú, como todo, los que aún riempas  
 Corro de espigadoras por el abierto trigo,  
 Brazos, altas guadañas y martillos,  
 Del alba cantando en los talleres,  
 Detentas esa sangre temblorosa  
 Que para el mundo es perfido, estorques,  
 ; Y ama, el viento, el viento de los campos  
 Sobre el curtido rostro miliciano,  
 Los vientos en la noche al pie del astro  
 Y el viento en el dietal de la fecha,  
 Cara a la muerte, cara al terror, cara  
 Al bandido, y en águila ofulenta!



Figura 35 – Esquela a Luis Carlos Prestes 3/4

Por eso a la ola Tenida del facho  
 Que al círculo de penas se entera,  
 Y es esperanza, esperanza de cielo,  
 Y montañas y ríos naturales,  
 Distes un nombre, un cuerpo y una barba  
 Color de la bondad, Tui, caballero  
 De la esperanza, imagen de los negros  
 Bajo el terror armado, de herramientas  
 Y del fuerte, sufrido, proletario  
 Soldado Brasileño, en marcha hacia  
 la utopía de tropicales futas;  
 Escucha aquí mis versos, tropas como  
 Una hilera de juncos militantes  
 Hacia tu gran coronación de capitán...

Vias en el mar, y preguntó, dónde,  
 Dónde estás en la hora que se llega  
 Amalgamando diuites de selácicos,  
 Bando al filo de la tala atlántica,  
 Cuerpo de tus hermanos a la muerte,  
 ¿Dónde, dónde estás?, ¿es que acaso  
 Tu ausencia significa que trabajas  
 Contra toda esperanza el enemigo?  
 ¿Es que irás al tranco de la guerra,  
 Morir por las flácidas llanuras  
 Uruguayas, tu prisionero, solo,  
 Te paras del alba de tu pueblo?

Figura 36 – Esquela a Luis Carlos Prestes 4/4

¡ Ah, no, yo no quisiera confiarme  
A la fletta sin tu voz, tu mando  
Y fortaleza amebatando de héroes  
Tusentas fértiles sangres omeidas!

Pero, me digo, pienso, estas son sombras,  
Lunamientos sin luz, eucismismados...  
Tú volverás: un día, ya maduro  
En tu cresta de fuegos populares,  
Sobre las viejas flores, sobre el duro  
Piso de espanto de tu negra cárcel  
Cantará un faro alegre; una mañana  
El pueblo de tu tierra cantará,  
Cual un niño en sus brazos florecido,  
Tu recia voluntad libertadora;  
Y otra vez, otra vez por las antiguas  
Egllogas de los ríos y los faules  
La voz del "conseillero" sonará:  
"¡ Adelante, adelante los esclavos!"

Aliprésio Camargo  
Setiembre 1942.



Figura 37 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 1/4

## LUIZ CARLOS FUSTIQU

Caballero verde! Parece del fino sueno de Federico el Poeta. Y es del sueno de los negros del lustroso torao horizontal, bajo los soles y bajo las lunas, en el cafetal y cruziente, bajo el madero recién cortado, en el obraje.

Antes era un caballero azul el de este sueño. Treinta años antes. Era un caballero extraño. Si bien a imagen y semejanza de sus senadores, era un caballero nacido del mar, como las nieblas, vago como las nieblas y que solo vivió el instante de las nieblas en la hiperbólica libertad azul del mar.

Envuelto en celajes marinos, vestido de azul marino, vine un día a la tierra. Pero no era hijo de Goa este hijo de Possidón y la tierra cedió a sus pies y se hizo ciánaga a sus pies y antro y cárcel.

Y el caballero azul del mar ya no fué sino el mari-  
nero negro en tierra. Hasta que la muerte anuló el cuerpo ne-  
gro y ya fué solo un nombre: João Cândido. Un nombre que pronto  
se olvidó, y con él se extinguió el sueño del cafetal y del ouro-  
do ~~del pauco~~.  
João y ~~del pauco~~ Brasil, de hace treinta años!

Ahi pero este caballero verde! Es hijo de la tierra.  
Su vida está extendida sobre la tierra. Su vida es como la ban-  
dera verde de la tierra teñida con la clorófila tropical, en esta-

Figura 38 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 2/4

da en el sol vertical, tramolante al viento cálido...

Bandera de la tierra, el viento cálido! Poderosas son sus alatazas: empujan el polen en vuelo de las palmeras, alean el suelo reseco del sertao, enjorade de víboras: anillos emeraldados de la muerte, y hacen cantar al mar ~~en~~ junto a los muelles.

Pero son mas poderosas, todavia, las alatazas de la bandera -vida enarbolada- del caballero verde. Sacuden la vida dormida al sol y la despiertan y la ponen en marcha, con sus sueños, tras sus sueños, que son los sueños de vida de los que, en la tierra vital, en la patria de la vida intensa de la tierra, no tienen vida para sí. Negros del cafetal y del obraje y del fundo; moleque de pies descalzos, de las rías sôrfidas; mulatos de los muelles; ~~mulatos de los muelles; blancos anegrecidos por el hollín, de las usinas; rubios y mulatos y negros, desteñidos por el sudor, confundidos en un color coadn, de las fábricas y las plantíos y las minas y los embarcaderos...~~ blancos anegrecidos por el hollín, de las usinas; rubios y mulatos y negros, desteñidos por el sudor, confundidos en un color coadn, de las fábricas y las plantíos y las minas y los embarcaderos...

Sacudidos todos por las alatazas de la bandera verde del caballero verde y puestos de pié y en ~~mar~~ columna y en ~~marcha~~ marcha. Sus sueños delante, y van ellos en la columna y en la marcha, ojo de la columna, pié de la marcha, el caballero verde, caballero en la yegua verde de la Esperanza.

En columna y en marcha, bajo el sol del Brasil, ~~xxxxxx~~ sobre la lujosa tierra; a la luz del cruceiro tráfalo, por el silencio oceánico de la selva. En columna y en marcha, bajo los

Figura 39 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 3/4

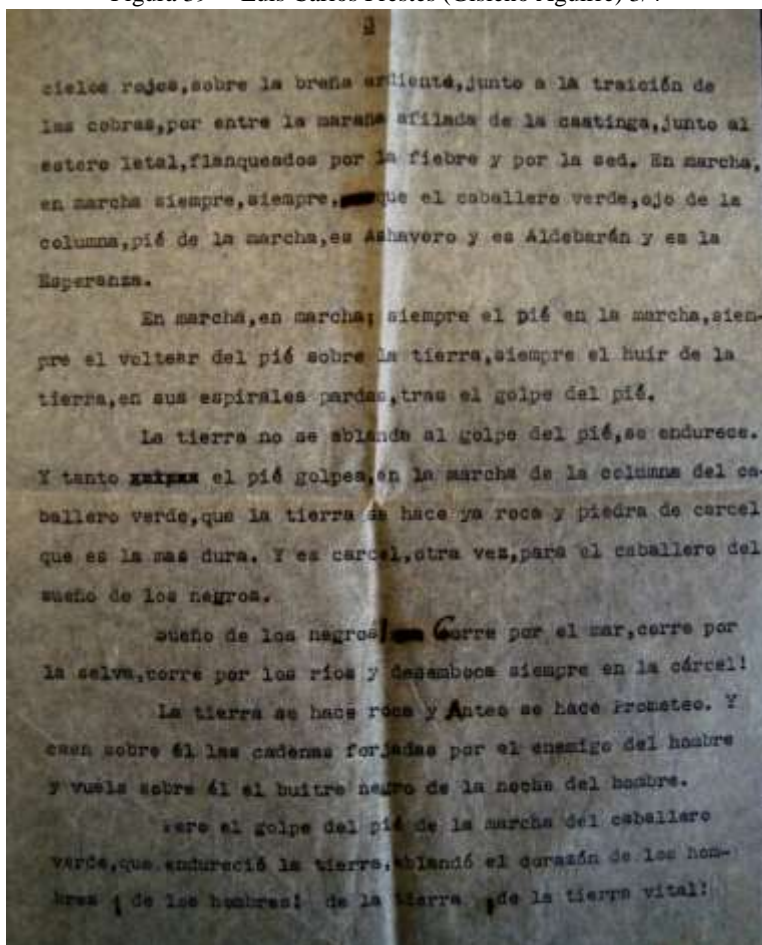


Figura 40 – Luis Carlos Prestes (Gisleno Aguirre) 4/4

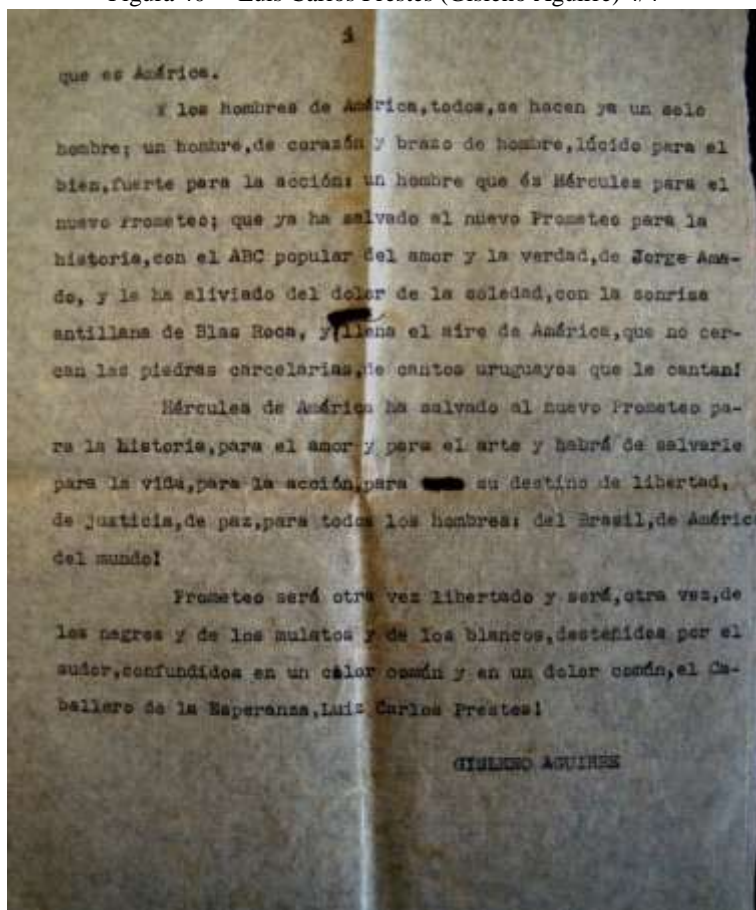


Figura 41 – Luis Carlos Prestes (Julio J Casal) 1/2

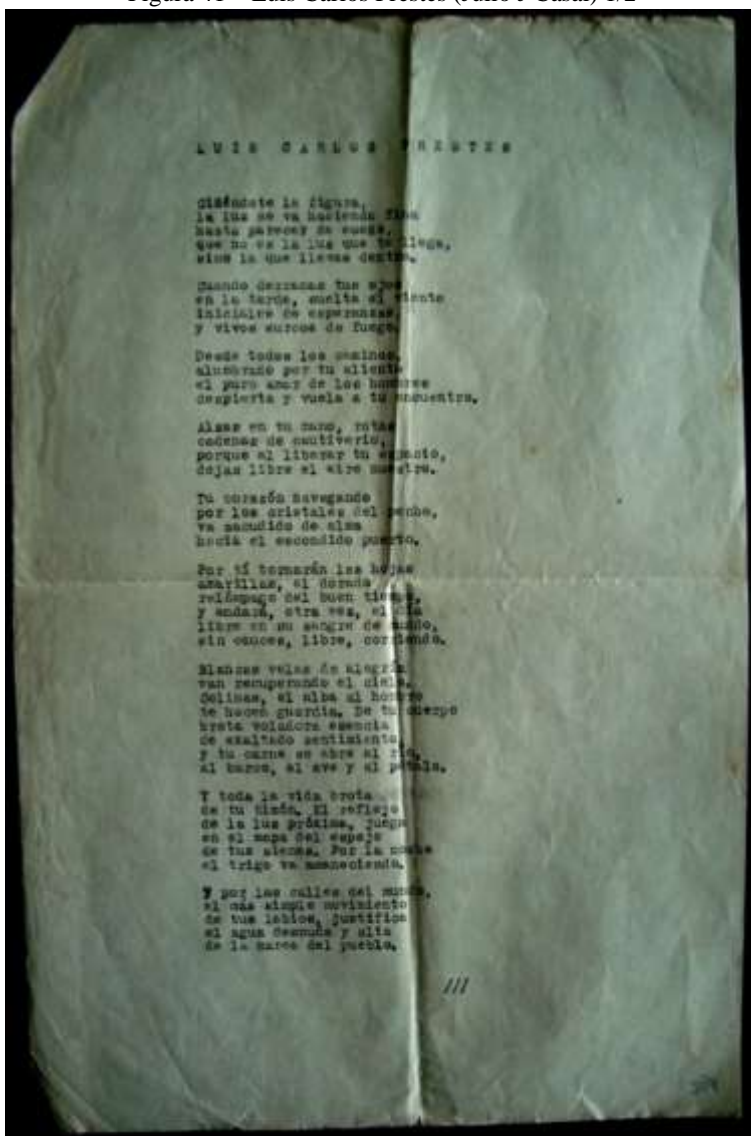




Figura 42 – Luis Carlos Prestes (Julio J Casal) 2/2

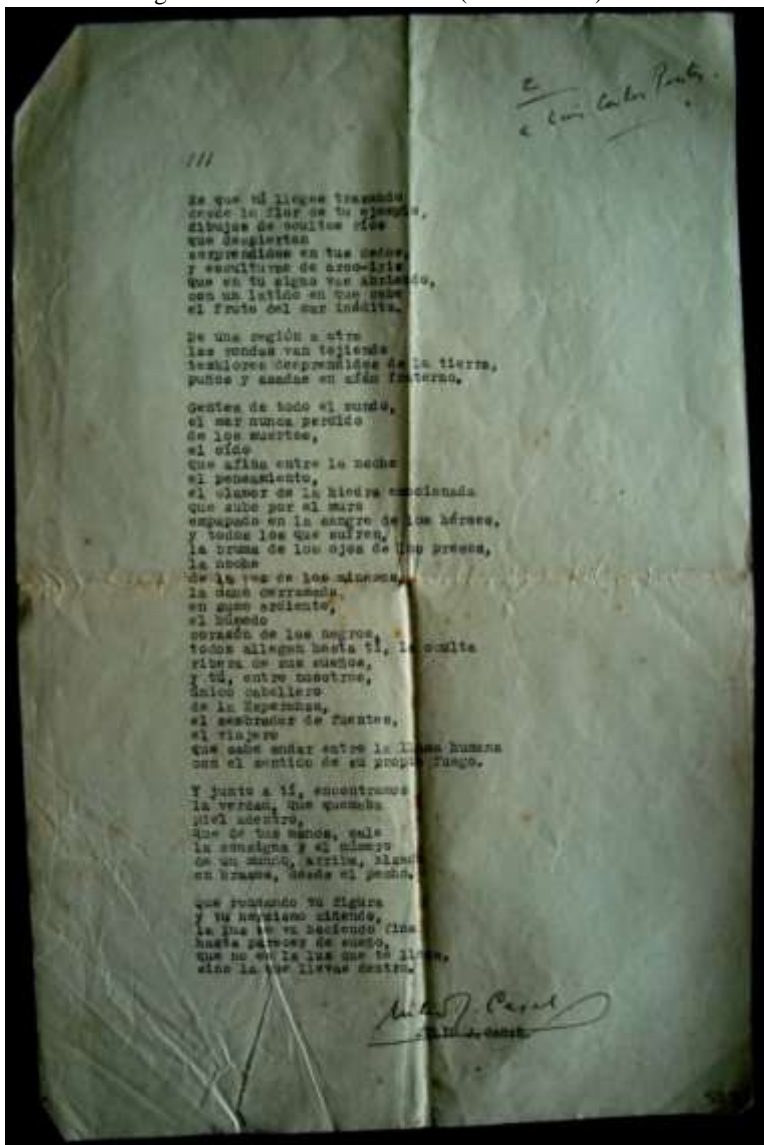


Figura 43 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 1/3

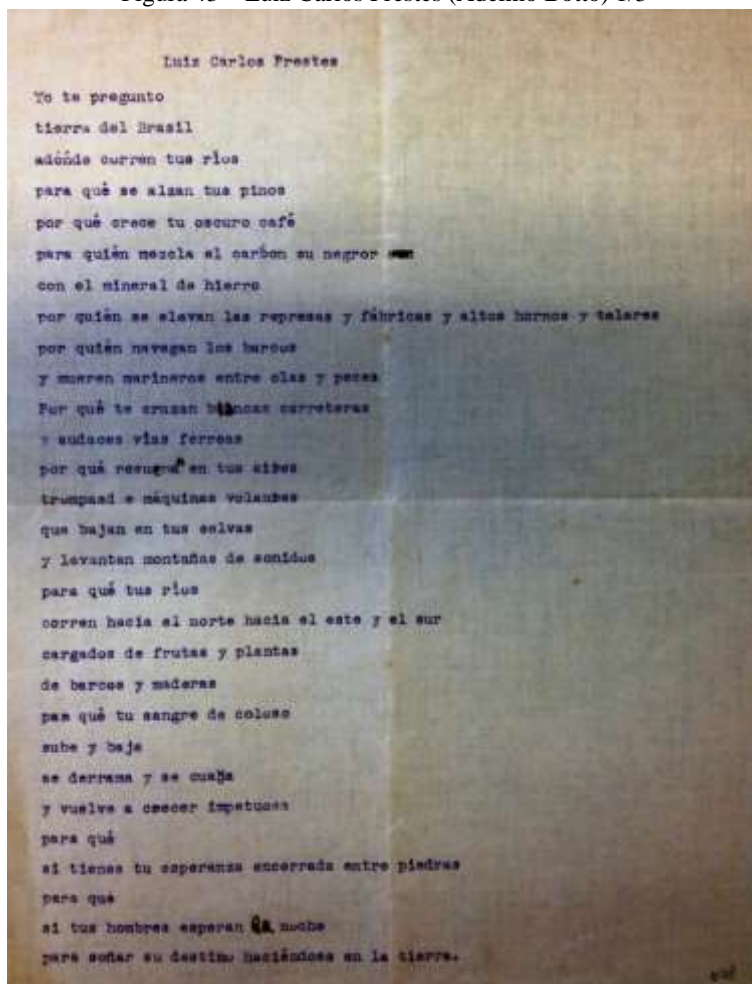


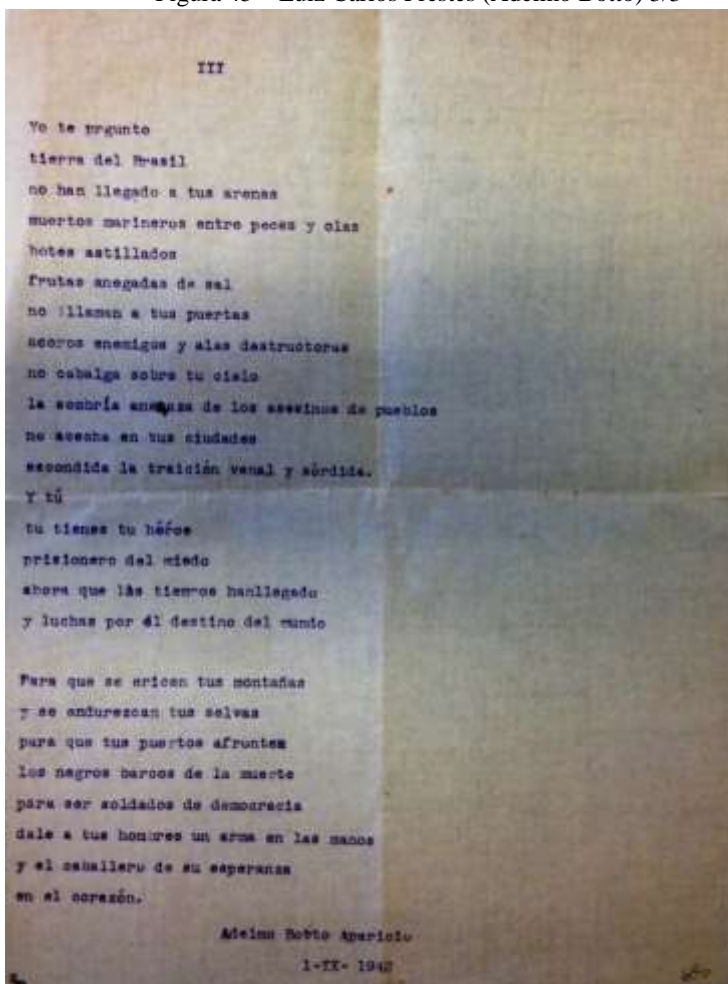
Figura 44 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 2/3

II

Cuando llega la noche  
y aparece la primera estrella  
la estrella del héroe  
húmeda de esperanzas  
y el viento le pregunta a la selva por su voz  
y las aguas a la selva por su fruto  
y el niño a la madre por su historia  
cuando los hombres cansados  
entran en la noche amiga con las manos vacías  
entonces la sangre ardiente de la leyenda  
comienza la tir  
Una columna silenciosa  
recorre las tierras  
sube a las ~~montañas~~  
y se está en los llanos  
y esa llama cordial  
que a veces tiembla y vacila  
se enciende y alumina los caminos  
por donde el héroe llega a su pueblo.



Figura 45 – Luiz Carlos Prestes (Adelmo Botto) 3/3



### 3.3 ENTRE RECORTES

Y el pueblo lo sigue ciego de esperanza.

*Jorge Amado*

Como visto anteriormente, a construção da figura do herói em Luiz Carlos Prestes foi idealizada e reafirmada constantemente por comunistas de vários lugares da América Latina e também de outras partes do mundo. Era necessário vincular a imagem de Prestes à esperança, e fez-se necessário alimentar a admiração pelas lutas encabeçadas por ele em um contexto histórico em que forças antagônicas estavam interessadas em defender os ideais fascistas e os interesses da burguesia.

É possível falar que existiram heróis na história que personificaram a “alma” do povo, de acordo com a ideologia dominante daquele momento. Ou ainda, heróis que agiram contra o *status quo* e se rebelaram, mostrando alternativas de sobrevivência:

O texto é um conjunto de estratégias para levar o leitor a um convencimento que constitui o texto. Trata-se de uma convicção em torno da estrutura, dos valores e dos caminhos da sociedade. Por isso, o político se constitui no inconsciente do texto [...] apenas uma parte do real aflora neles, de um modo muito restritivo. (KOTHE, 1985, p.89).

Nos documentos guardados, Jorge Amado colecionou também recortes de jornais. Muitos deles, relacionados a Prestes, são de 1941. É possível identificar o nome de alguns jornais populares: *Diario Popular* (Rio grande do Sul), *La razón* (Montevideu), *La voz de Tafi Viejo* (Tafi Viejo, província de Tucumán, Argentina) e *La hora* – Diario de los trabajadores (Buenos Aires). O Comitê Pró-Luis Carlos Prestes, também de Buenos Aires, traz uma publicação – um resumo das forças democráticas de diversos países da América Latina que se mostravam a favor de Prestes. Os demais documentos impressos levam a identificação da gráfica SUR S.A (Tall. Gráf, SUR S. A).

O primeiro recorte (Figura 46), impresso em gráfica, semelhante a um informativo e dirigido ao povo brasileiro, traz a figura de Prestes como o ícone que, por meio de lutas, marcou a história da nação e a fez

conhecida. O bilhete é um apelo pela libertação do comandante da coluna, em que o povo teria “o dever de fazer algo pela liberdade” do líder, pois o futuro reconheceria seus atos na história.

A segunda imagem (Figura 47) é do Jornal La Hora – Diario de los trabajadores, de Buenos Aires. A data é de 15 de novembro de 1941. Apesar de ser um jornal argentino, a página é uma homenagem às duas grandes datas democráticas do Brasil: 15 de novembro de 1889 e 27 de novembro de 1935. A primeira refere-se à data da Proclamação da República Brasileira, e a segunda, da Insurreição de 1935. A notícia central é intitulada de República, Democracia y Proletariado. No canto esquerdo da página contém uma nota com o título de Homenaje al Brasil. Nela, constam as informações: foi escrita por um grupo de imigrantes brasileiros, que mesmo distantes de sua pátria mantinham os olhos atentos para o seu povo. São os colaboradores: Brasil Gerson, escritor e periodista; Carlos Costa Leite, major do exército brasileiro e do exército republicano espanhol; Ivan Pedro de Martins, escritor; Jorge Amado, escritor; Manuel Paraguassú, obreiro; Pedro Motta Lima, escritor e periodista, Pompeu Acioli Borges, engenheiro e Vitor Amazonas, professor.

O jornal é repleto de referências a Prestes, e, por isso, farei evidente algumas passagens. A nota no canto direito da página diz Por una Patria Libre. A nota traz que em novembro daquele ano fazia então 32 anos da Proclamação da República Brasileira. O povo brasileiro, então, sentia urgência em unir todas as suas forças para reivindicar os ideais lutados anteriormente naquele ano, sem deixar que o país caísse na mão de “vendepatrias que están haciendo de nuestro país um refugio y um cuartel general de los bandidos nazifascistas”. A mudança almejada seria a anulação do Estado Novo, por uma constituição que anistiasse os lutadores democráticos, encabeçando Prestes a essa luta, com a participação do país na Frente Mundial dos povos livres contra o nazifascismo e pela unidade dos povos americanos contra opressores hitlerianos.

Logo abaixo desta nota, ao lado direito, vemos o título Luis C. Prestes, Heredero de Floriano y de Constant e a figura de Prestes. O artigo inicia com “La tradición republicana en lo que ella tenia de más heroico, de más patriótico, seria heredada por Luis Carlos Prestes”, e segue mostrando a influência de Benjamin Constant na luta de muitos jovens da época. Um desses jovens alunos seria o pai de Prestes, que como soldado também esteve ligado a acontecimentos libertadores no país. O filho foi herdeiro de valores positivistas, do patriotismo, da confiança ao povo, e que foram também características marcantes na

personalidade de Benjamin Constant, o “pai da república”. Floriano Peixoto também é lembrado como defensor da independência da república e de seu fortalecimento. Ao final da nota, consta que em Prestes revive os ideais desses que o antecederam, e que nortearam suas lutas a favor da honra, da dignidade, da firmeza, da coragem, do amor à pátria e ao seu povo.

A próxima figura (Figura 48) é uma reportagem, intitulada *Luis C. Prestes es Partidario de una Rápida Movilización*. Foi publicada em destaque na página política do jornal *La Razón*, de Montevideo de 13 de janeiro de 1942. Já no início é possível perceber do que se trata: um repórter, Sr Joaquin Silva, do jornal *La Nación*, do Chile, conseguiu entrevistar Prestes, incomunicado há seis anos em Ilha Grande, na Colônia Correcional de Dois Rios<sup>46</sup> (influenciada pelos moldes da Casa de Correção do Rio de Janeiro<sup>47</sup>). A reportagem é, portanto, um compacto da entrevista realizada por duas horas na cela de Prestes. É registrada que a conversa causou polêmica nos círculos de esquerda do Chile, porque após o diálogo, Joaquin Silva veio a declarar que o líder antifascista “se trata de un inofensivo del último romántico de América...”. Apesar disso, declarações positivas são atribuídas a Prestes, segundo o artigo. Na entrevista vemos o cavaleiro responder sobre a guerra entre Rússia e Alemanha, a política de Roosevelt, a revelação de que Siqueira Campos, um dos sobreviventes da Revolta dos 18 do Forte

---

<sup>46</sup> A Colônia Correcional de Dois Rios, na Ilha Grande, litoral sul do Rio de Janeiro, começou suas atividades de forma definitiva em 1903 e funcionaria em paralelo ao presídio político existente na ilha, instalado no antigo Lazareto (asilo de hansenianos). Resposta aos problemas e desordens urbanas originados do crescimento das cidades (o decreto de 1893 determinava a criação de uma casa de correção para "correção pelo trabalho, de vadios, capoeiras, vagabundos, encontrados e processados na cidade do Rio de Janeiro"), pautava-se pelos princípios da reabilitação pelo trabalho e ensinamentos morais. Disponível em:

<<http://www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=242>>. Acesso em: 20 set. 2016.

<sup>47</sup> A Casa de Correção do Rio de Janeiro, originalmente chamada Casa de Correção da Corte, foi criada em 6 de julho de 1850 pelo decreto n. 678, que também aprovou o seu primeiro regulamento, com o objetivo de ser uma prisão modelo do Império, onde se executaria a pena de prisão com trabalho, sendo considerada uma das “obras mais úteis e necessárias ao País pela influência do sistema penitenciário sobre os hábitos e a moral dos presos”. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=6333>>. Acesso em: 20 set. 2016.

de Copacabana, foi seu companheiro de luta; e também sobre a mobilização brasileira através do investimento em materiais bélicos, já que o inimigo possuía de antemão suas próprias armas. Mesmo polêmica, a entrevista foi recebida com entusiasmo, pois trazia notícias de Prestes.

O próximo artigo é organizado pelo Comitê Pró-Luis Carlos Prestes, de Buenos Aires. Com a chamada: *Por la libertad de Luis Carlos Prestes – Se pronuncian las fuerzas Democráticas de América*, composto de 4 folhas (Figuras 49, 50, 51 e 52), trata-se de mais uma estratégia da campanha para anistiar o herói do povo, condenado há 46 anos de prisão pela ditadura varguista, “por el crimen de amar a su patria y luchar por su pueblo”. O documento traz na primeira página um poema, *El heroe Luis Carlos Prestes*, do poeta argentino José Portogalo e um resumo a respeito da prisão de Prestes e sua condição enquanto carcerário:

La campaña por Prestes honra los sentimientos de humanidad de América. Los fascistas que se adueñaron del gobierno del brasil están asesinando a un héroe de América. Y están matando igualmente, por medio de la tortura moral – la de no obtener noticias de su hijo, no poder visitarlo, no poder verlo aunque entre las rejas – a una ilustre anciana que no tiene outro crime sino el de amar a su hijo. Los pueblos de Europa arrancaron a la hijita de Luis Carlos Prestes de las manos sangrentas del nazismo alemán.[...] El movimiento de solidaridad continental con Luis Carlos Prestes y demás antifascistas brasileños comprueba, así mismo, el aislamiento de sus algozes, la reprobación de las más prestigiosas voces de nuestro hemisfério a lo que se viene haciendo friamente desde hace seis años bajo cielo de la hermosa ciudad de Rio de Janeiro, en la islã de Fernando de Noronha y otros puntos del país, en una atmósfera de terror sistematizado contra todos los patriotas brasileños que exterioricen su conformidad con los métodos de venganza y torturas, que son contrários a la índole bondadosa y caballeresca del pueblo, a las tradiciones de humanidad y justicia en las que se habian formado las instituciones republicanas.

Nas páginas seguintes temos diferentes países e suas vozes ideológicas, com a síntese das campanhas realizadas por alguns países da América Latina e também dos Estados Unidos da América:

**Argentina** – entre outras manifestações em prol da libertação de Prestes comunica que enviará um telegrama ao chefe do governo brasileiro, “pedindo melhores condições, trato e liberdade”. Outras mensagens e intervenções diretas foram feitas pela Liga de Direito dos Homens, pelo Congresso Nacional do Partido Socialista, Partido Comunista Argentino, Federação Universitária Argentina, entre outros; é citado também um grupo de Dirigentes Universitários Argentinos, que se dirigiram ao presidente Vargas para firmar o pedido de melhores condições ao líder político preso. Mulheres argentinas também fizeram parte da campanha, dirigindo-se à “Sra do presidente Vargas”, em benefício de Dona Leocádia Prestes, para que ela pudesse manter correspondência regular com seu filho. Muitos órgãos de publicidade foram solidários, como: *Crítica*, *Notícias Gráficas*, *Ahora*, *La Hora*, *El Diario*, etc. Fez parte da campanha até mesmo um time de futebol, no qual jogadores enviaram, ao final da partida, um telegrama para Vargas, solicitando “a liberdade do general Luis Carlos Prestes”. Além disso, o Congresso de Escritores Argentinos votaram contra a “lei de literatura”, que amordaçava o pensamento brasileiro: dirigiram também um telegrama para Vargas, pedindo liberdade para Prestes.

**Chile** – A “Alianza de Intelectuales” constituiu o Comitê Pró-Liberdade de Luis Carlos Prestes, composto por personalidades da literatura (escritores e poetas) e da ciência (médico). Enviaram centenas de cartas e telegramas para o governo e para embaixada brasileira. Houve uma grande campanha por parte da imprensa, entre eles destacaram-se os jornais “La Hora” e “El siglo”, que celebraram numerosos feitos de pró-Prestes. Aconteceu, também, em Santiago, um grande desfile feminino para entregar uma carta à embaixada do Brasil. Muitas reuniões se sucederam no local da Aliança de Intelectuais por ocasião do 43º aniversário de Prestes.

**Colômbia** – Como no Chile um Comitê também fora criado, chamado de “Comité Pro Liberacion de Luis Carlos Prestes”, constituído em Bogotá. Colaboraram com o Comitê personalidades do mundo científico e intelectual. É citado “Ahora” como o órgão colombiano mais engajado pela campanha a favor do cavaleiro.

**Cuba** – Tido como um país fiel às suas tradições democráticas e de solidariedade, ocupou também o posto pela campanha em prol da libertação de Prestes. O presidente da época, Coronel Fulgencio Batista, por entremeio do Ministro do Estado, se posicionou por “la libertad o la bondade em el juicio de Luis Carlos Prestes”. Alguns senadores também se manifestaram, solicitando respeito à vida e à liberdade do comandante brasileiro. Representantes do Congresso também intervieram pela campanha e a Câmara Municipal de Havana também se dirigiu A Vargas, solicitando “respeto a la vida, garantias y defensa legal de Luis Carlos Prestes”. Muitos advogados, médicos e organizações como a “Asociación Protectora del Preso”, a “Casa de la Cultura y Asistencia Social”, a “Confederación de Trabajadores de Cuba”, o “Partido Unión Revolucionaria Comunista”, o “Sindicato de Omnibus Aliado”, a “Hermandad Ferroviaria”, os “Sindicatos de Plantas Eléctricas” e “Sindicatos de la Aguja”, “Asociación de Ayuda a las Víctimas de la Guerra Española” também se manifestaram a favor de Prestes. Jornais como “Hoy”, “Orientación Social”, “Marcha”, “El constructor”, “Pueblo y Turismo” e também a emissora C.M.B.F divulgaram a vida heroica do cavaleiro da esperança e dos feitos da sua Coluna. A Confederação de trabalhadores de Cuba, a Juventude Cubana e o “Comité Pro Liberacion de Luis Carlos Prestes” e demais presos da América também demonstraram apoio pela campanha pró-Prestes em Cuba.

**México** – O “Comité pro Prestes” no México constituía-se de numerosos homens e mulheres intelectuais. A “Brigada Prestes”, integrada por jovens do México e da América Central, colaboraram ativamente com o Comitê. O presidente da época, Lázaro Cardenas, mostrou seu apoio ao Comitê e se revelou interessado pela vida do líder. Na Câmara de Deputados, o líder governamental Carlos Zapato Vela, do Partido de Revolução Mexicana, apresentou a menção aprovada por unanimidade:

“Que la Cámara se dirija al gobierno del Brasil por los conductos debidos, que en este caso son los de la Secretaría de Relaciones Exteriores, pidiendo la libertad y el indulto de Luis Carlos Prestes, manifestándole a la vez que México está dispuesto a darle asilo a esse luchador, como una prueba más de que nuestra Patria es la tierra de la libertad”.

Participaram ativamente da campanha também as organizações: “Confederación de los Trabajadores de México”, “Confederación Latino Americana de Trabajadores”, “Juventude Mexicana”, “Conferencia de los Campesinos”, bem como os órgãos de publicidade: “*El Popular*”, “*España Popular*”, “*Revista Educacional*”, “*La Voz de México*”, entre outras.

**Estados Unidos** – Neste país a campanha pró Luis Carlos Prestes foi orientada pelo “Consejo por la Democracia Pan Americana”, que tinha entre seus membros diversas personalidades, entre eles professores, escritores, artistas, reverendos, editores, diretor do observatório de Harvard, presidente do Conselho de Manhattan, intelectuais e dirigentes de organizações obreiras. O Conselho enviou uma correspondência a Vargas firmado por mais de 100 pessoas pedindo a anistia de Prestes, carta publicada nos jornais: “The Nation”, “New Republic” e “New Masses”. Por ocasião do 43º aniversário do líder comunista em 3 de janeiro de 1941, uma grande demonstração de solidariedade aconteceu, com o envio de milhares de telegramas e cartões enviadas a Prestes, parabenizando-o. O Conselho da Democracia pediu ao Colégio Americano de Advogados o envio de um advogado especial ao Rio de Janeiro para ajudar legalmente.

Também no Peru, Costa Rica e outros países o movimento de solidariedade a favor de Prestes teve grande repercussão.

**Paraguai** – No Paraguai, durante a visita “del dictador brasileño a ese país, el Pueblo y especialmente la juventud estudiantil, los obreros y los intelectuales han expresado su solidaridad fraternal con el Pueblo del Brasil en ruidosas manifestaciones” para lutar pela liberdade do cavaleiro da esperança. A opinião democrática do Paraguai testemunhou seu apoio às vítimas do fascismo no Brasil, exigindo liberdade e um “trato humano para Prestes”, bem como para outros presos políticos.

**Uruguai** – Na Câmara de Deputados de Montevideu o **deputado Eugenio Gómez** apresentou menção apoiada por outros 19 deputados em favor de Prestes. Inúmeros jornais, como “El País”, “Marcha”, “Diario Popular”, “Justicia”, “Espana Democratica” e “Avanzar” apoiaram a campanha. A nota traz que o povo uruguaio foi um dos que mais vibrou por Luis Carlos Prestes:

Cuantos actos se han realizado en Montevideo, como en el interior del país, por la democracia,



contra el nazi-fascismo en América, se transformaron en entusiásticas manifestaciones pro Prestes. En el Ateneo de Montevideo, en la AIAPE, por las calles, en los primeros de mayo el pueblo repite a “una voce” y con la mayor emoción el nombre del “Caballero de la Esperanza” del Brasil, siendo casi siempre los oradores obligados a interrumpir sus discursos, porque las multitudes no cesan de clamar: PRESTES! PRESTES! PRESTES! Y como en el Uruguay, es en Argentina, en Chile, en Cuba, en México y toda América, porque el pueblo americano quiere y admira a Luis Carlos Prestes, no solo como el gran líder – y ninguno mayor que él – del pueblo brasileño, más como la gran figura del movimiento de liberación de todo el continente. Por eso, aquí, en toda parte, en toda América, continuemos gritando, hasta su definitiva liberación y su entrega al cariño y al amor de las masas populares americanas: PRESTES! PRESTES! PRESTES!

Com a leitura deste documento fica evidente, portanto, a participação da República do Uruguai e da Argentina, cidade de Buenos Aires, como locais em que Prestes era benquisto, e que muitas estratégias em prol de sua liberdade eram pensadas e veiculavam nas ruas, determinados órgãos de imprensa e organizações sociais. Não foi em vão que Jorge Amado buscou estes dois lugares para exílio, pois sabia que lá encontraria abrigo e militância necessária para escrever a biografia daquele que personificava a esperança para a América.

Importante também frisar que os pedidos para melhores condições a Prestes foram referentes às barbáries cometidas aos presos que lá estavam confinados, conforme explicita o artigo extraído da Revista de História, intitulada *Caldeirão do Inferno*:

[...] os que foram enviados para a Colônia sofreram com penas disciplinares violentas, que iam das chicotadas às péssimas condições de higiene. [...] O regime de trabalho em turmas possibilitava muitas fugas. Para reprimi-las, grupos de guardas ou policiais militares, conhecidos como “cachorrinhos-do-mato”, organizavam verdadeiras caças aos presos que se evadiam: estes, segundo os relatos, muitas vezes

eram amarrados nus em árvores e espancados até a morte. (SANTOS, 2007).

Na figura seguinte (Figura 53) encontra-se o folheto com os dizeres: *El el aniversario de Luis Carlos Prestes – Primeros combates de la heroica “Columna Invicta” brasileña*, escrita pelo Capitán Gay J Cunha. O documento traz uma breve trajetória de guerrilha do líder comunista no ano de 1924, com a marcha da Coluna Prestes. É lembrado que no dia 3 de janeiro deste ano o líder da Coluna estava completando 26 anos quando, encurralado nas terras do Sul, conseguiu vencer o inimigo e obteve sua primeira vitória. Uma pequena nota à esquerda, localizada abaixo de uma pequena foto de Prestes, fala sobre a chegada do aniversário do líder e da solidariedade que os povos da América estavam dedicando na luta pela sua libertação do cárcere.

O próximo documento (Figura 54) traz na chamada: *Libros para Prestes* e tem anotação a caneta feita por Jorge Amado, datada de 29 de dezembro de 1941, jornal *La Hora*. Tratava-se de uma campanha para enviar cartas e “regalos” de Año Nuevo para os presos políticos e sociais. Nesta página do jornal, uma entrevista é concedida com o escritor brasileiro Pedro Mota Lima<sup>48</sup> sobre a possibilidade de fazer chegar doações a Prestes na prisão: “[...] al Caballero de la Esperanza se debe regalar preferentemente libros de estudio (alta matemática, historia, biografias de los próceres americanos), y todo eso, desde luego acompañado de telegramas, cartas, tarjetas postales, en que se expresen los votos de felicidad y libertad de los argentinos”.

Com a chamada em fonte alta da notícia *Prestes dirige-se ao povo brasileiro*, as próximas imagens (Figuras 55 e 56) compõem uma matéria sobre vários pontos organizados na luta pela democracia através da Frente Democrática de Libertação Nacional, convocando a todos os trabalhadores, das cidades e dos campos, para a ação:

- 1- Por um governo democrático popular
- 2- Pela paz e contra a guerra imperialista
- 3- Pela imediata libertação do Brasil do jugo imperialista
- 4- Pela entrega da terra a quem a trabalha

---

<sup>48</sup> Pedro Mota Lima, jornalista, escritor, militante comunista e ‘companheiro de exílio’ de Jorge Amado é encontrado diversas vezes no acervo por meio de correspondências utilizando pseudônimos. Para maiores informações, consultar o nuLIME.

- 5- Pelo desenvolvimento independente da economia nacional
- 6- Pelas liberdades democráticas para o povo
- 7- Pelo imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras
- 8- Instrução e cultura para o povo
- 9- Por um exército popular de libertação nacional

No centro da primeira página vemos um grande desenho de Prestes, extraído de uma fotografia e muito disseminada nos periódicos da época. A segunda página apresenta um retrato de corpo inteiro de Prestes, fotografia conhecida pela época da Coluna. A matéria traz um panorama nacional das situações políticas e econômicas daqueles anos 40 que antecediam a Segunda Guerra:

Estamos em face de um governo de traição nacional, que entrega a nação à exploração total dos grandes bancos, trustes e monopólios anglo-americanos, governo que constitui a maior humilhação até hoje imposta à nação, cujas tradições de altives, de independência, de convivência pacífica com todos os povos são brutalmente negadas e substituídas pelo servilismo com que esse governo se submete à política totalitária e guerreira do Departamento de Estado norte-americano<sup>49</sup>.

Em defesa do progresso brasileiro, a luta dos comunistas contra a opressão do estrangeiro era reiterada constantemente em manchetes e notícias, pois não era possível isolar o contexto brasileiro do restante do mundo: a economia brasileira está(va) fortemente atrelada às decisões imperialistas:

Só um governo da democracia popular, um governo do bloco de todas as classes e camadas sociais que lutam efetivamente pela libertação nacional sob a direção do proletariado, será capaz de garantir ao país um regime de liberdade para o povo e de impulsionar o desenvolvimento independente da economia nacional [...] dar saúde e instrução para o povo; igualdade econômica e jurídica para a mulher [...].

---

<sup>49</sup> Qualquer semelhança com a atualidade não é mera coincidência.

A notícia é finalizada com grandes letras: “Leia e divulgue o Manifesto de Prestes”, possivelmente se referindo ao Manifesto de Maio de 1930, em que o líder comunista desfazia laços com o liberalismo tenentista para se dedicar à ideologia comunista, opondo-se à tradicional política de conciliação com os setores dominantes para lutar ao lado dos trabalhadores e dos interesses populares<sup>50</sup>.

O último recorte (Figura 57) foi provavelmente recebido por Jorge Amado, enviado por um companheiro/militante (evidência da caligrafia lateral no canto esquerdo do pedaço de jornal). O jornal é *La voz de Tafi*, e a data é de 11 de julho de 1942. O artigo é publicado na página *Literarias* do periódico, é escrito por Julio Victor Posse e tem o título de *Luis Carlos Prestes en una edición Claridad – por Jorge Amado*. O artigo explica o processo de escrita da biografia do cavaleiro, na qual o escritor colocou “todas sus fuerzas emotivas para rodearla de los contornos épicos de los relatos novelados”. Fala também que, por ser escritor e poeta, Jorge Amado retratou Prestes no tamanho da admiração que seu povo nutria por ele:

[...] y los escritores que estén identificados com este sentir, tratarán de interpretarlo en sus más íntimas manifestaciones. Por eso Jorge Amado se há volcado todo enterro en la expresión popular de su tierra natal, buscando y recogiendo los elementos necesarios para reconstruir la figura del Caballero de la esperanza, porque sabía que a la par que escribía la biografía de um héroe, describía la trayectoria y las penúrias de un pueblo que busca su destino.

A respeito da linguagem utilizada por Jorge Amado em *O Cavaleiro da Esperança*, Posse registra que o autor da biografia, militante no campo da cultura, “emplea el language del poeta en la realización de la presente obra, porque sabe interpretar a su pueblo, escribe en forma emocionada, casi apasionada si quiere”. Segue apontando que o escritor não é um biógrafo que foge da realidade para submergir nas sombras do passado, mas que imprime o retrato de um homem que tem como plano de fundo o vasto cenário brasileiro. O

---

<sup>50</sup> Manifesto disponível no domínio:

<[http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com\\_content&view=article&id=58:manifesto-de-maio&catid=26:documentos&Itemid=146](http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=58:manifesto-de-maio&catid=26:documentos&Itemid=146)>. Acesso em: 05 set. 2016.

recorte demonstra, na opinião de Julio Posse, que até mesmo os políticos covardes compreenderam que a prisão de Prestes era injusta, “muy injusta”.

A seguir, os recortes:

Figura 46 – Primeiro Recorte

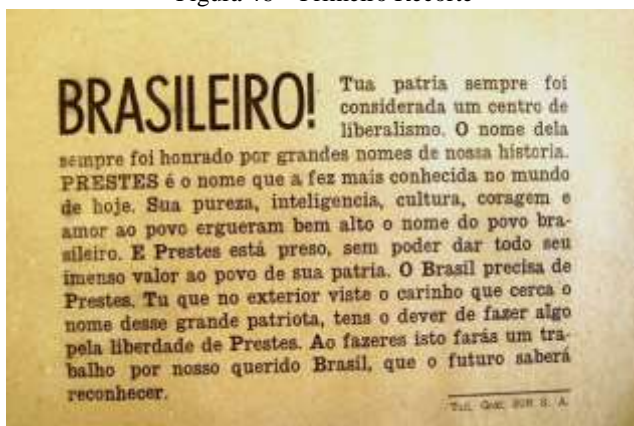


Figura 47 - Jornal La Hora – Diario de los trabajadores



Figura 48 – Partidario de una Rápida Movilización

## Luis C. Prestes 'es Partidario de una Rápida Movilización

*En un reportaje sensacional, el Político Brasileño se declara partidario de Roosevelt y Churchill*

(Noticia publicada en destaque en página política de importante jornal "La Nación", de Montevideo, de 1942)

SANTIAGO DE CHILE, por nuestro aereo. (Especial para "LA NACIÓN") — Un gran aereo periodístico fué el del Sr. José Joaquín Silva, de "La Nación", el reportero en la Casa de Corrección, de Río de Janeiro, a Luis Carlos Prestes, que allí se encuentra incomunicado desde hace seis años. Aunque no revela el nombre de la personalidad, que lo ha conseguido entrevistarse con Prestes, se sabe aquí que se trata del antiguo capitán Orlando Leite Ribeiro, quien estuvo enigrado en el Píloa en 1930 y ahora es un destacado diplomático brasileño.

El periodista chileno estuvo dos horas en la celda de Prestes, en compañía del señor Leite Ribeiro, al tiempo publica en el diario chileno, nada menos que dos páginas compactas, relatando su largo debate con el conocido líder antiautoritario del Brasil.

En los círculos izquierdistas de Chile, el reportaje ha causado sensación y un diario revueta, a causa de los violentos ataques dirigidos contra el Sr. José Joaquín Silva por el diario "El Siglo".

En realidad la campaña esta está redactada en caracteres positivos. El reportaje, habla más que el reportero, y al final se declara vencedor, recordando así sus impresiones: "Se trata de un momento, del último momento de América..."

### PRESTES Y LA GUERRA ACTUAL

Para dar su las declaraciones atribuidas a Prestes, muestra cosa positiva, de interés para el momento americano. EL REPORTE, OBTENIDO EL 22 DE NOVIEMBRE, FUE PUBLICADO HACIENDO POCOS DIAS, CON MAS DE UN MES DE ANTES.

Sobre la guerra entre Rusia y Alemania, dijo Luis Carlos Prestes:

—Hasta hace una guerra de retirada. Ya también la fase dos años anteriores (La Columna Prestes). Con buena moral de las tropas y material prima, se resiste indefinidamente. Además, piensa que Hitler-Hitler podrá sacrificarse a su gusto. Muchos quedaron estupefactos ante la resistencia del pueblo soviético. Para mí no es sorpresa. Trabajo dos años como ingeniero en Moscú y vi de cerca la potencialidad industrial que se estaba desarrollando.

Entonces, ¿creo que Rusia vencerá?

—Si...  
—Su posición actual es decididamente favorable a la política de Roosevelt.

—Siempre que siga el rumbo emprendido en defensa de la Unión Soviética e Inglaterra.

—Ya lo creo. Yo soy partidario de

consecuencia, de unir el continente en un bloque, que ha de formar parte a Estados Unidos, si es preciso.

—Exacto.

El periodista preguntó: ¿está de acuerdo con la política exterior del gobierno de Vargas. Aquí no se habla de la agresión nipona a Estados Unidos.

—Por ahora no hay más que palabras en ese sentido...

### MOVILIZACIÓN BRASILEÑA

—Entonces, ¿qué se debe hacer?

—Decretar la movilización ya mismo; alistar a esos millones mil hombres, poner a toda la nación en armas.

—¿Comprende?

—¿Moviliza? ¡Y dónde está el enemigo?

—Justamente, este es el secreto de la guerra moderna. Adelantarse. Bien preparados, el enemigo no se presentará; si lo hace, será rechazado.

—¿Qué otra medida se toma conveniente?

—La instalación de fábricas de material bélico.

—¿No las tiene el Brasil?

—Mas, señor, más. En el norte, en el centro y en el sur, en todas partes deben instalarse fábricas de municiones.

### RIQUEIRA CAMPOS ERA SU COMPASERO

Hay también en el reportaje, una revelación de Prestes destinada a causar gran sensación en el Brasil. Nadie ignora que el temido Riquiera Campos, héroe nacional brasileño, por su actuación en la compra de los "18 del Puerto Copacabana" y animador del espíritu revolucionario del pueblo hasta 1930, es uno de los grandes héroes reivindicados allí por los "varguistas". En la playa de Copacabana, hay un monumento inaugurado en memoria, pues ha muerto en un desastre de aviación en Montevideo.

Ahora revela Prestes que Riquiera Campos, que ha estado varias veces comendado en el Brasil, anteriormente era revolucionario en 1918 y 1919, en realidad era un partidario y que al partir de Buenos Aires en avión, lo hizo para sublevar a la guarnición de São Paulo, se estableciera un gobierno de tendencia izquierdista con el Financiero a la cabeza.

—Institutos dos días, simplemente hasta entenderse, dijo Prestes. Fue una frase perseguida. Estaba así aquel entonces, preso.

Las últimas declaraciones de Prestes dicen que siempre en aquel momento para afrontar la campaña americana por su liberación.



Figura 49 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 1/4

# Por la Libertad de LUIS CARLOS PRESTES

## Se pronuncian las fuerzas Democráticas de América

★

**L**A Campaña en pro de la libertad de Luis Carlos Prestes, que conmueve la sensibilidad de todos los democratas de América, alcanza una alta trascendencia en el momento actual. Ello, porque el gobierno pro-nazi del Brasil está preparando el asesinato científico de Prestes, a través de que inconcebible mar de torturas morales y físicas en que han transformado su vida de prisionario, condenado a 40 años por el crimen de amar a su patria y luchar por su pueblo.

---

**COMITE PRO LUIS CARLOS PRESTES**  
(Comisión Organizadora)

Corrientes 1435 - 1o. D.  
Buenos Aires

---

**EL HEROE LUIS CARLOS PRESTES**  
(Por el gran poeta argentino JOSE PORTOGALO)

I

(NACIMIENTO)

En la orilla del día nació Luis Carlos Prestes,  
su cuna al ser dilata, nació un río.  
Nació de las palabras de la sangre  
y en un sur y en una luna repetido.  
Quiero explicar su vida la imagen más exacta,  
quiero decir, hermano, un latido.  
Algo como al al borde de la aurora  
asomarse la gracia del sol.  
o en un lugar unánime, la ráfaga  
encomendara el fragor del infinito.  
Con esa persistencia de la araña  
y ese temblor aéreo de los grillos,  
Nació Luis Carlos Prestes, latido.  
Una palabra llega como un río.  
¡Comandante! — dijeron en América.  
Zenit — la libertad le dio un sitio.  
Le dio el perfil del acaño la palmera  
y ¡zapitán! el viento le designó en sus himnos.  
Pud entonces cuando el día  
se iluminó, de pronto, en el sector herido.

II

(COLUMNA PRESTES)

El levantó las manos más oscuras del hombre.  
El fue quién una noche dijo: ¡hermanos!  
La zona de sus dedos tuvo el calor tóxico  
y levantó, aguijada, la hoja del taloso.  
Los ríos le siguieron en su cruzada tendidora,  
arrier avanzaba su caballo.  
Levantando palmas al laurel de la selva  
puso el nombre del hombre de pie junto a los pájaros.  
Y así como el humo y el negro de las lágrimas,  
el blanco le marcaban con el nombre de un astro.  
También en la madera su secreto se respiró:  
se posó en alas, en el centro del cauce,  
hucos a golpes fríos  
en las alas negras del Atlántico  
y se asomó entre brillos con su lengua  
de viento sobre el mundo destado.

III

(RU YOR)

Cuando ofreció su sangre

a advertirnos del peligro  
que se cernía sobre nues-  
tro continente como so-  
bre todo el mundo, a ren-  
tenares de luchadores del  
temple de un capitán  
Agilino Barata, capitán  
Agilberto Vieira de As-  
sado, tenientes Alvaro  
de Souza, Benedito de  
Carvalho, Ivan Ribeiro,  
Humberto de Meraís Re-  
go, los dirigentes sindi-  
cales Ignatius Ramos,  
gráficos, y Antonio So-  
ssa de Oliveira, tenien-  
tes, el marino Juvencio  
de Brito Bastos, el esca-  
dro José Paulo de Olivei-  
ra, el periodista Fausto  
Motta Lima, el dirigente  
quintidario Carlos Ma-  
rtinschela, etc.

El movimiento de soli-  
daridad continental con  
Luis Carlos Prestes y  
denos antifascistas bra-  
sileños compuestos, an-  
tismo, el aislamiento de  
sus allegros, la renova-  
ción de las más presti-  
giosas voces de nuestra  
hemisferio a lo que se  
tiene haciendo frimen-  
te desde hace seis años  
bajo el cielo de la her-  
mosa ciudad de Río de  
Janeiro, en la isla de  
Fernando de Noronha y  
otras puntos del país, en  
una atmósfera de fervor  
sistemático contra to-  
dos los patriotas brasile-  
ños que exteriorizan su  
no conformidad con los  
métodos de represión y  
tortura que han consue-  
tido a la todos brasile-  
ños y sahelianos del que-  
llo, a las tradiciones de  
sensibilidad y justicia en  
las que se habían forma-  
do los institutos republi-  
canos.

(Continúa en la pág. 21)



Figura 50 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 2/4

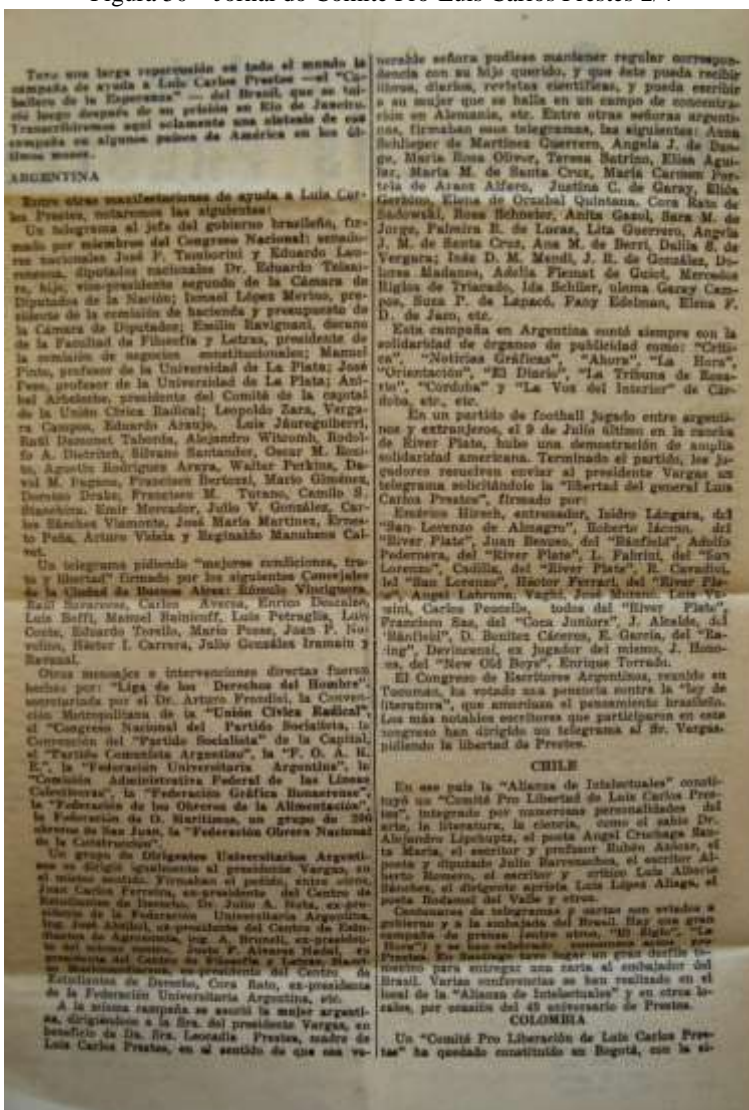


Figura 51 – Jornal do Comitê Pró-Luis Carlos Prestes 3/4

puente Directiva: presidente, Dr. Juan Francisco Nájera, ex-embajador de la República Cubana; vicepresidente, Dr. Antonio García, profesor de la Universidad Nacional; secretario, Jaime Jaramillo, estudiante.

Colaboran con el Comité eminentes personalidades del mundo científico e intelectual, tales como el profesor César Uribe Piedrahíta, Dr. Otto de Groot, secretario general de la Universidad Nacional, Dr. Andrés Barrantes Lleras, Arturo Rugeles Puellos, representante a la Cámara de Diputados, Dr. Gerardo Pineda Rueda, Eduardo Guzmán, de la Federación de Empleados de Bogotá, Eduardo Páez León, del Comité Ejecutivo de la C. G. T., y muchos otros.

"Adora" es el órgano colombiano que más se ha interesado por la campaña pro-Frontes.

#### CUBA

Cuba, siempre fiel a sus tradiciones democráticas y de solidaridad ha ocupado un puesto destacado en la campaña pro-Frontes.

El Presidente de la República, Coronel Fulgencio Batista, ha gestionado cariñosamente, por conducto del Ministro de Estado, "la libertad o la bondad en el juicio de Luis Carlos Prestes".

Los siguientes senadores solicitan "respeto a la vida y libertad de Luis Carlos Prestes": Octavio Echeverría Paraguaná, Ramón Zaldívar, Félix Landela, Aurelio Álvarez, Luis Loree de Mela, Elío Filera de Cardenas, Carlos Frías Socarrás, Manuel Álvarez Bucallón, César M. Casas, Jorge Caruso, Isaac Rodríguez, José Manuel Gutiérrez, etc.

En el mismo sentido intervienen representantes del Congreso, como: Salvador García Aguiar, Rina Roso Calderón, Lázaro Peña, Joaquín Ordoqui, José M. Ferré, Justo Hernández, Justo Tassara, Ramatón Cordero y muchos otros.

La Cámara Municipal de La Habana también se dirige al presidente Vargas, solicitando "respeto a la vida, parentela y defensa legal de Luis Carlos Prestes". Firmas por unanimidad, y se dirigen también al representante diplomático del Brasil en La Habana.

Conocemos abogados "resaban respeto a la vida y libertad" de Prestes. Entre ellos, el Dr. Eduardo Oleo Beaumont, ex-embajador del Colegio de abogados y representante de la Cámara, Dr. José Martí Ríos, Jefe del Cuartel de la Universidad, y muchos otros.

Docentes médicos como el Dr. Angel Arturo Aballo, Jefe de la Facultad de Medicina, Dr. Alberto Gueiza Sotelo, catedrático de la Universidad, Dr. Octavio Montero, Dr. José Hlad, catedrático de la Universidad, y otros.

Organizaciones como la "Asociación Proletaria del Puro", la "Casa de la Cultura y Asistencia Social", la "Confederación de Trabajadores de Cuba", el "Partido Unión Revolucionaria Comunista", el "Sindicato de Empleados Aliados", "Hermandad Proletaria", "Sindicato de Plantas Eléctricas", "Rincón de la Aguja", "Asociación de Ayuda a las Víctimas de la Guerra Española", etc.

Periodistas como "El Rey", "Orientación Social", "Marxista", "El Constructor", "Pueblo y Trabajo" y la Emisora C. M. R. V., emitida en 1950 Kios, divulgan la vida heroica de Luis Carlos Prestes y los movimientos epopéicos de su Ochocho. Las comisiones son de 12 a la una de la tarde, cada todos los días.

La Confederación de Trabajadores de Cuba, la Federación Cubana, y el "Comité pro Liberación de Luis Carlos Prestes y demás presos de América" están en la vanguardia de la campaña pro-Frontes en Cuba.

(verso de pág. 1.)

El al jam día próximo, vista al oeste, figurará a la obra.

Y volverá a separarse la día del mañana, y volverá a separarse en tormentos, prisiones, esclavitud en la tierra y descubrirá la rita de la justicia en la eterna anta del alba.

Orienta la justicia con una espada.

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

Alto que la justicia no había morido;

#### IV

##### (ETERNIDAD)

Se fude la empujada golpeando las sienes, pero su pasión ardida con su sangre le muestra; lo muestra con sus venas, con sus lágrimas muertas, con sus ríos despiertos y su semilla roja; lo muestra en el suelo y en la cal de sus huesos, en su amor ultrajado y sus palomas; lo muestra cuando muere las torres y el río se precipita en mariposas; cuando gime sus lágrimas en el trópico y araña las espaldas de la familia sorda; cuando estalla la noche en las ventanas y el río se desborda en las gaviotas. Martí junto a Martí que pronunciaron su nombre. Rodolfo Guzmán explica su corazón de alondra.

#### V

##### (EXPLICACION)

Tú lo conoces, negro; Túndi sobre los muelles se un fuego golpeando. Tú lo conoces, negro; Tú lo conoces, blanco; y tú, mujer, tienes el corazón del hombre a tus costados. Las aguas que se unen en un punto en la raíz se concentran batallando.

#### VI

##### (V GRITO)

Por la patria herida y por los ríos, por ti, compañero, por tu mano, por la vida y por tu sangre, resucitamos el hús de la cárcel del Fronte; resucitamos su sangre, su color, su limpio aliento de agua, sus alientos que suena en las espigas y se alarga como en los cerros. Por sus alientos, amigos! Amigos en un grito ha de salvarla! Rosario, 4, XI, 1941

(Firmado)

JOSE PORTUGALO

#### MEXICO

Existe un México un "Comité pro-Frontes", constituido de un numeroso grupo de hombres y mujeres prominentes de la vida intelectual, que está bajo la dirección del gran poeta mexicano Enrique González Martínez. La "Brigada Frontes", integrada por jóvenes de México y de Centro América, informa activamente con el Comité.

El mismo autismo presidente Lázaro Cárdenas da su apoyo al Comité y se interesa por la vida



Figura 53 – Folheto de Capitán Gay J Cunha



Figura 54 – Recorte Libros para Prestes

# Libros Para Prestes



Con motivo de la campaña que se está realizando de agitación para obtener los libros de A. A. Neves a los presos políticos y militares, entre nosotros, recibimos una hermosa carta de María Lima, que nos expresa la siguiente idea: recomendar la posibilidad de hacer llegar los libros al Caballero de la Esperanza, Luís Carlos Prestes.

— ¡Será un pueblo con su característica sensibilidad humana, recomendar la agitación de la Liga Argentina por los Derechos del Hombre, en el sentido de que hagamos llegar un poco de la alegría de nuestros hogares a los hombres que, en estos días de fiesta, se encuentran entre rejas, agitados de sus familiares y amigos. Este gesto de solidaridad fraternal se dirige no solamente a los presos argentinos, sino también a las figuras que en otros países hermanos han defendido ideales de justicia, progreso, libertad y cooperación continental. Entre éstos se destaca el gran líder popular y héroe nacional del Brasil, Luís Carlos Prestes. Como envío un regalo? — se nos pregunta. — Y qué clase de regalos llegaran a su destino sin inconvenientes? Es lo que vamos a contestar ahora: al Caballero de la Esperanza se debe regalar preferentemente libros de estudio (alta matemática, historia, geografía de los países americanos), además de diarios, revistas, todo eso, desde luego acompañado de telegramas, cartas, tarjetas postales, en que se expresen los votos de libertad y libertad de los argentinos. Paquetes y correspondencia deben llevar esta dirección: Luís Carlos Prestes - Casa de Detención, Rua Vitor Caneco - Rio de Janeiro, Brasil.

*La Hora - 29/12/41*



LUÍS CARLOS



Figura 55 – Prestes dirige-se ao povo brasileiro 1/2









## **AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA...**

O Brasil, último país a acabar com a escravidão, tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante enferma de desigualdade e de descaso.

*Darcy Ribeiro*



## CONCLUSÃO

É impossível concluir uma pesquisa que diz respeito à fase militante de um escritor como Jorge Amado sem trazer à tona ecos de problemas brasileiros atuais: Brasil e Golpe de Estado. Não estou falando de nenhum Getúlio. Não estou falando de 1964. Poderia, porque não, acusar a capa fantasmagórica dos militares. Porém, ao ver uma palestra de Darcy Ribeiro<sup>51</sup> há pouco, entendi que até mesmo os militares são filhos de um sistema perverso, e que corroboram fatalmente para a sua própria manutenção.

O fascismo, que já apresentava seus manejos ideológicos nos idos dos anos 40 no Brasil e no mundo, nunca perdeu a faceta truculenta e disciplinadora, heranças de um estado autocrático, e que tem se mostrado cada vez mais presente no Brasil atual. O ano que vivencio hoje, 2016, entrará para história como um ano vivido por um Golpe de Estado, um arranjo sujo, um golpe midiático-jurídico, no qual depuseram a presidenta eleita democraticamente com o voto popular para as margens de um processo de impeachment fraudulento.

O mesmo fascismo estampado naqueles dias em que os militantes da Coluna Prestes lutaram a favor da democracia, de 1924-1927, embrenhados nos interiores e conversando com a população sobre a importância de um estado voltado para povo, é, 90 anos depois, motivo de absurdos irreparáveis no campo da política atual brasileira (e da educação, da ciência e das tecnologias, da saúde, dos direitos humanos, dos direitos das mulheres, dos direitos LGBTQTTT etc.). A atualização que aqui faço sobre o panorama escabroso pelo qual estamos passando neste momento faz-se necessária - já que precisa ser registrado em quantos lugares e caracteres couberem - uma trapaça política desse nível com parte da população.

Pois bem, para não esquecermos, é preciso que seja escrito aqui a frustração de tantos recortes de jornais e poemas que pediam a volta da democracia nos anos 40 do século XX não terem sido uma página virada da história, mas uma repetição dela, com outros pivôs e outros jogos políticos. Ao longo da pesquisa tratei sempre com conceitos ocorridos

---

<sup>51</sup> Trechos da entrevista de Darcy Ribeiro para o programa Roda Viva, da TV Cultura, em 20 de junho de 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5X5O-IAyO38>. Acesso em: 10 out. 2016.

no passado, a literatura de um jovem autor que retratou a Bahia, e que com 29 anos, incumbido de um ideal, nos proporcionou as memórias de uma mala: a Mala de Jorge Amado.

Durante o processo de escrita deste trabalho duas biografias foram lançadas: a de Daniel Araújo Reis (2014) e a de Anita Prestes (2015). A biografia de Araújo recebeu diversas críticas em que foi acusado de não ter se comprometido com os elementos factuais da história, distorcendo e tendenciando lacunas; crítica veemente feita e registrada pela historiadora Anita Prestes: “estamos diante de um livro, escrito por um historiador, que poderia ser usado em sala de aula de um curso de História como modelo para os estudantes do que não deve ser um trabalho de historiador”, disse.

A verdade é que, ainda que o ofício de um biógrafo exija a seriedade de quem reconta e remonta uma vida, algumas pessoas irão fazê-lo de acordo com seu binóculo ideológico. Mesmo assim, cabe aqui trazer o motivo central do acervo: as pegadas e rastros de Prestes. Seu nome ainda é lembrado e mencionado em diversos coletivos de esquerda que estudam sua trajetória política. É sabido que a biografia *O cavaleiro da esperança*, tecida por Jorge Amado, foi de extrema importância para o registro das memórias do pré-guerra (o que confere sua reedição pela Companhia das Letras, em 2011).

Já no início desta pesquisa eu trago o que me motivou a trabalhar com o acervo: a possibilidade de trabalhar com elementos do passado de maneira tão vívida, perceber, a cada página, a materialidade dos vestígios, remexê-los e recontá-los, reler a caligrafia que um dia foi também vista por outras pessoas. Com isso, repassar parte da trajetória de Luiz Carlos Prestes, das lutas do início da Coluna Invicta que levou seu nome; de acompanhar no registro da história documentos que traziam pedidos pela sua libertação através de poemas, cartas e recortes de jornais.

A partir do resgate dessas memórias materializadas foi possível alcançar evidências que comprovassem a busca por uma nova configuração política, tendo em Prestes a imagem desta realização e a personificação da esperança. Além dos testemunhos orais, vindos de amigos e companheiros do Partido Comunista, documentos datados e assinados muitas vezes por nomes falsos, para não serem descobertos, o que encontramos na Mala são registros de uma luta.

A escrita biográfica de Luiz Carlos Prestes em 1941 e sua posterior publicação foram, portanto, o motivo principal para a existência deste acervo. A história do líder comunista, retratada na obra de Jorge Amado, é o reflexo da admiração de seu percurso, possível

visualizar nos capítulos 2 e 3. Os resultados oriundos da intensa investigação deste trabalho repercutem como possibilidade de resgate à história: não só como âncora, num lembrar voluntário – e fundamental –, mas como forma de preencher as lacunas da própria fase política e literária de Jorge Amado, pouco exploradas em suas biografias.

Perpassei por alguns temas: a escrita biográfica e as intenções dos discursos (nunca neutros); a escrita do *Cavaleiro da Esperança* e seu contexto político, histórico e social; o conceito de arquivo – manuseado com uma seriedade cirúrgica de quem veste luvas para preservar o papel –; mas nunca imaginei que, além dos meus 29 anos em comum com Jorge Amado veria também “o futuro repetir o passado”.

Em tempos sombrios, em que a democracia volta a ser ameaçada tantos anos e tantas lutas depois, reler os documentos encontrados no acervo é como traçar uma comunicação e compreensão mais direta com a aflição registrada pelos companheiros de anteontem. Entendemos o desencanto do governo Stalin e da ditadura socialista soviética. Conseguimos (e aqui me utilizo das demais vozes das pesquisadoras do acervo) compreender a Mala, deixada para não resultar em mais prisões truculentas aos companheiros vinculados à militância de esquerda da época, e também o seu esquecimento, que se configurou em possível apagamento. Deduzimos até um pouco mais que pseudônimos: aproximamo-nos de Jorge Amado para compreender as intenções impressas nas folhas de suas obras. Mas, uma dobra no espaço-tempo e cá estamos no final de 2016: outra vez aflitos e sequiosos por um novo amanhã. Minha conclusão sai dessa maneira do espaço da memória para a urgência da subjetividade.

E antes que eu me esqueça: FORA TEMER.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Raquel de Queiroz – Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em: 10 abr. 2012.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro/Record, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- \_\_\_\_\_. *O Cavaleiro da Esperança*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BIAGINI, Hugo E.; ROIG, Arturo A. *El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX*. Tomo I: Identidad, utopía, integración (1900–1930). Buenos Aires: Biblos, 2004. 552 p.
- BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: \_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p. 457-459.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BRUM, Eliane. *O Averso da Lenda*. Porto Alegre: Editora Oficinas, 1994.
- CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. *Uma história do romance brasileiro de 30*. Campinas: [s.n.], 2001.
- CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CARDOSO, Marília Rothier. *Retorno à Biografia*. In: *Literatura e Mídia*. Loyola: São Paulo, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo – uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado, Exílio e Literatura*. In: Alletria, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1315/1411>>. Acesso em 12 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DUARTE, Constância Lima. *Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas – história de uma história mal contada*. In: *Crítica e Coleção*. UFMG, 2011, p.240.

FALCÃO, João. *O partido Comunista que eu conheci*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>>. Acesso em: out. 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3037/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>>. Acesso em: out. 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. *Da memória à presença. Práticas do arquivo na cultura contemporânea*. In: *Crítica e Coleção*. UFMG, 2011. p. 209.

GONDAR, Jô. *Memória, tempo e história*. In: *As dobras da memória*. BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. *O boom da biografia e do biográfico na cultura Contemporânea*. In: OLINTO, H. K.; SCHØLLHAMMER, K. E. (Org.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Editora Ática, 1985.



LENINE, Ilitch Vladimir. *A organização do Partido e a Literatura de Partido*. Publicado a 13 de Novembro de 1905 no jornal Nóvaia Jizn nº12. Disponível em:

<<http://dorl.pcp.pt/images/classicos/T10T005.pdf>>. Acesso em: out. 2014.

LOPES, Edmundo. “Capitães de Areia”. *O Ilhéu*, 1937. In: *30 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1961.

LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

LUNA, Félix. *Breve Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta Bolsillo, 1997.

MACEDO, Taise Teles Santana de. *A saga de uma heroína no país do carnaval: por uma análise da identidade nacional em Teresa Batista cansada de Guerra*. VI Enecult – Facom – UFBA. mai. 2010.

MARQUES, Reinaldo. *O que resta nos arquivos literários*. In: *Crítica e Coleção*. UFMG, 2011, p.192.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE. Dicionário Político. Ghioldi, Rodolfo. Disponível em:

<[https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ghioldi\\_rodolfo.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ghioldi_rodolfo.htm)>. Acesso em: out. 2014.

MEDEIROS, Marcia Maria de. *A construção da figura religiosa no romance de cavalaria*. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/editora/catalogo/a-construcao-da-figura-religiosa-no-romance-de-cavalaria-medeiros-marcia-maria-de>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOUZEILLES, Gabriela. *Os restos do político ou as ruínas do arquivo*. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OTTE, Georg. *A preciosidade dos Farrapos*. In: *Crítica e Coleção*. UFMG, 2011. p. 305.

PONTES, Matheus de Mesquita. *Jorge amado e a literatura de combate: da literatura de engajada à literatura militante de partido*. In: Revista REVELLI, Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. ISSN 1984-6576 - v. 1, n. 2, out. 2009. Disponível em: <<http://www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VISIMPOSIO/PDF%20%20resumo/Texto%20completo/Matheus%20de%20Mesquita%20Pontes.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. *Memória e história na obra “O cavaleiro da Esperança”*, de Jorge Amado. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13545802/memoria-e-historia-na-obra-o-cavaleiro-da-esperanca->>. Acesso em: 12 nov. 2009.

PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes*. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

\_\_\_\_\_. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

RAILLARD, Alice. Jorge Amado: *Conversaciones con Alice Raillard*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1992.

REIS, Roberto. *Cânon*. In: Palavras da Crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-91.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

\_\_\_\_\_. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1968.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e ideologias*; organização e tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Papirus: São Paulo, 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Caldeirão do Inferno*. Revista de História, 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/caldeirao-do-inferno>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a16v15n1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SEGOLIN, Fernando. *Personagem e Anti-Personagem*. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1978.

SOUTO MAIOR, L. *Luiz Carlos Prestes na Poesia*. Paraná: Travessa dos Editores, 2006.

SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo (Org). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, José Augusto de. *A Coluna Prestes em discursos*. Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/29927/R%20-%20D%20-%20>>.

%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20SOUZA.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 20 mar. 2012.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVAREZ, A. *A Voz do escritor*. RJ: Civilização Brasileira, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico. Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. EDUERJ, 2010.

ARRIETA, H. D. (Org.). *Arte de la biografía*. Cidade do México: Contraculta Oceano, 1999.

AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. In: Anais. IV Congresso ABRALIC. São Paulo: 1994. p. 687-689.

BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-92.

\_\_\_\_\_. *Escritores, intelectuais e escreventes*. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Barthes, Roland por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKFORD, Peter. *Memórias Biográficas de Pintores Extraordinários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BOAS, S. V. *Biografias e Biógrafos*. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-192.

CANDIDO, Antonio. *Pessoa e Personagem*. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CERTEAU, Michel de. *Relatos de espaço*. In: *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 199-215.

COMPAGNON, Antoine. *A Literatura*. In: *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. p. 29-45.

CUNHA, Maria Teresa Santos Cunha et al. *Refúgios do eu*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vegas, 1992.

GOTLIB, Nádia B. *Na contramão da história biográfica*. In: Histórias da Literatura: teorias, Temas e Autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 86-94.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HISGAIL, Fani. *Aparte Biográfico*. São Paulo: Hacker Editores, 1996.

LIVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182.

MALCOLM, Janet. *A Mulher Calada – Sylvia Plath e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*. São Paulo: EDUSP, 1992.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito – A escrita autobiográfica na América hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

MOYSÉS, Leila Perrone. *Biografemas*. In: Barthes - Encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OLINTO, Heidrun K. *Ego Histórias nos estudos literários*. GT História da Literatura – ANPOLL. Maceió: 2004. Disponível em: <[www.pucrs.br/fale/histdaliteratura/gt/heidrun.php](http://www.pucrs.br/fale/histdaliteratura/gt/heidrun.php)>. Acesso em: 10 mai. 2009.

RAGO, Margareth et al. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, 2000.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Memórias: uma oportunidade poética*. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC Rio, 1990.

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16

SCHEFFEL, Marcos. *Do registro diário à criação*. Joinville: Letra D'Água, 2006.

SCHNEIDER, Michel. *O outro eu*. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida. *Notas sobre a crítica biográfica*. In: Crítica Cult. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 111-120.

SOUZA, Eneida Maria. *Janelas Indiscretas. Ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

STAROBINKI, Jran. *A vida teórica e a função do exemplo*. In: Montaine em movimento. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 23-41.

VILLAÇA, Nizia. “Novas subjetividades”. In: *Paradoxos do pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 33-58.

WELLEK, R.; WARREN, Austin. *Literatura e Biografia*. In Teoria da Literatura. Lisboa: Europa América. p. 91-98.

WERNECK, Maria Helena. *Um novo biografismo*. In: paLavra 2: Departamento de Letras, PUCRJ, Grypho, 1994. p. 31-39.

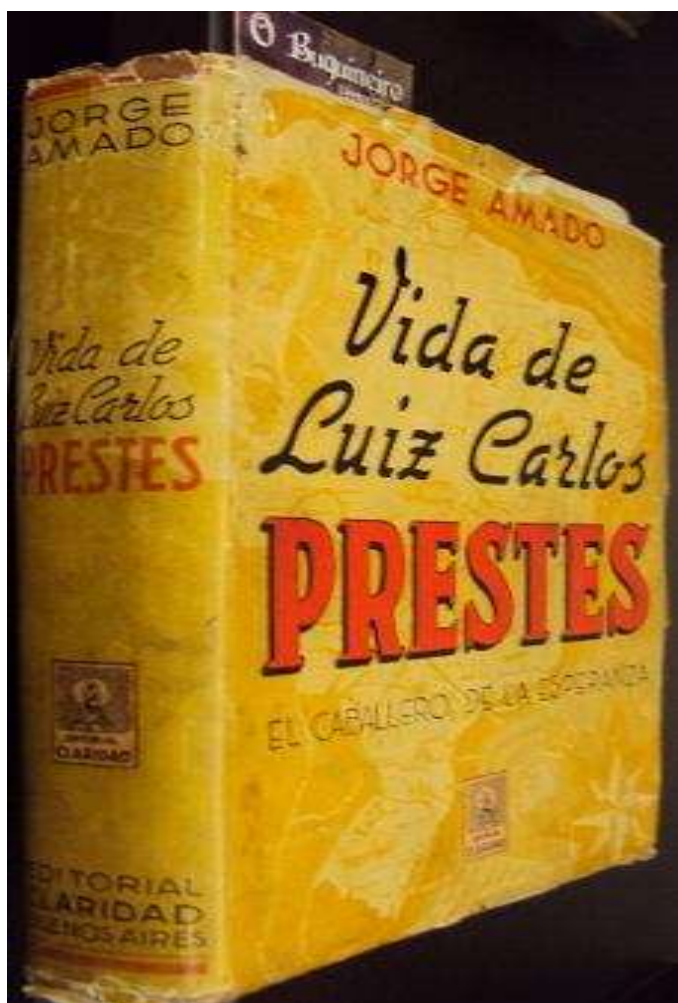
WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Machado de Assis nas escritas das biografias. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996.



## **ANEXOS**







(Anexo 1)

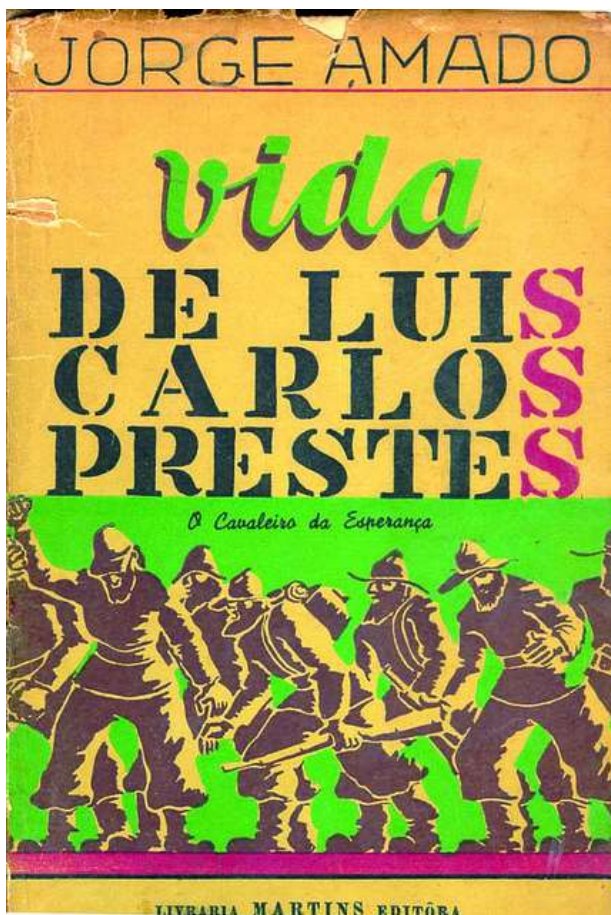
AMADO, Jorge. *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*.

1 ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1942.



(Anexo 2)

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*.  
20ed. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro/Record, 1979.



(Anexo 3)

AMADO, Jorge. *Vida de Luis Carlos Prestes. O Cavaleiro da Esperança*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1945.

**Jorge Amado**  
100 anos

FUNDADOR Cultural de Ilhéus  
ILHEUS PRESENTE NA OBRA DE JORGE AMADO,  
AMADO CENTENÁRIO PRESENTE EM ILHEUS.

22 jun

Festival Internacional do Folclore de Mato Grosso  
A comissão artística da EFDK faz uma homenagem ao escritor Baiano na arte de seu cotidiano.

20

Show Divas Ilheenses  
com Gabriela Maia, Anne do Cabra, Eneida Gonçalves e Luis Marques, em Ilhéus.

(Anexo 4)

Disponível em: <http://centenariojorgeamado.com.br/>



**JORGE  
AMADO**

*El gran novelista brasileño, hablará mañana, a las 19 hs.*  
**SOBRE**  
*"La Hora" 12/1*  
*12/41*

**"LA LITERATURA MODERNA  
EN EL BRASIL"**

*La conferencia se realizará en el salón de la A. I. A. P. E., Avenida de Mayo 1370, segundo piso (Pasaje Barolo), en donde la LIBRERÍA PROBLEMAS organizará una*  
**EXPOSICION DE LIBROS**  
*en la que figurarán las novelas de Jorge Amado ya traducidas al español y otras obras de escritores argentinos y brasileños:*

MAX DUKSIAN	MONTEIRO LOBATO
HECTOR P. AGOSTI	ARGUAB BASTOS
SERGIO BAGU	RAUL LAIRA
RAUL EL TURON	RODOLFO PUIGGROS
EMILIO TROISE	CORDOVA ITURBURE
JOSE PORTOGALO	EDUARDO ASTESANO
HIBACIO KLAPENBACH	JUAN L. ORTIZ
ALVARO G. MUÑOZ	PEDRO MOTTA LIMA
GERARDO PIZARELO	

**LOS AUTORES PRESENTES FIRMARAN  
SU AUTOGRAFO**

**EDITORIAL PROBLEMAS**  
Barceloné Mitre 745 U. T. 34-0227  
Luis Sáenz Peña 40 U. T. 38-3521

(Anexo 5)  
nuLIME





(Anexo 6)

Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/na-rhbn/especial-prestes>

*J. Amado - Navegação de Cabotagem.  
Rio, Record, 1992.  
(Rio de Janeiro, 1952 — o mundo da paz)*

**T**arefa política, de volta da União Soviética e dos países de democracia popular do leste europeu, escrevo livro de viagens, o elogio sem vacilações do que vi, tudo ou quase tudo parece-me positivo, stalinista incondicional silencieiei o negativo como convinha. Para falar da Albânia plagiei título de Hemingway: *A Albânia é uma festa*. Em verdade ainda não era o pesadelo em que se transformou, estava começando.

Publicado no Brasil pela editora do pecê, *O Mundo da Paz* vendeu cinco edições em poucos meses, valeu-me processo na justiça, acusado de autor subversivo. Convidei João Mangabeira para meu advogado, mas não cheguei a ir a juízo, o magistrado a cargo do processo mandou arquivá-

---

JORGE AMADO

---

lo com sentença repleta de sabedoria: *de tão ruim, o livro não chega a ser subversivo, é tão-somente sectário*. Em verdade, não escreveu “de tão ruim”, o acréscimo quem o faz sou eu, autocrítica tardia mas sincera.

Dei razão ao meritíssimo, retirei *O Mundo da Paz* de circulação, risquei-o da relação de minhas obras, busco esquecê-lo mas, de quando em vez, colocam em minha frente um exemplar com pedido de autógrafo. Autógrafo, o que posso fazer se o escrevi?

*p. 197*

(Anexo 7)

Jorge Amado – *Navegação de Cabotagem:*  
*Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei.*  
Lisboa, Europa-América, 1992.

Especial para DIARIO POPULAR  
**SANTA ANA FOCO DE  
 CONSPIRACION NAZI**  
*Diario Popularista* **LUIS SILVA**

RIVERA, 13. — Denunciámonos ayer la situación de la policía de Rivera con las graves riesgos que ella importa para nuestra soberanía nacional. Muy particularmente en este minuto en que Herrera, contando con la proximidad de algunas hordas subversivas, y con la ayuda de los nazifascistas de Argentina y Brasil, comienza a ser más audaz y descarado en la exteriorización de sus prácticas conspirativas.

Corresponde agregar que el problema no reside únicamente en la policía, cuya planta mayor es notoriamente nazi. En todas las dependencias de la Administración Pública en Rivera, ocupando los puestos de responsabilidad, dominando recursos decisivos del aparato gubernamental y muchas veces la dirección de oficinas públicas, se encuentran elementos nazistas, que han tenido la destreza de presentarse como tales en público.

En la Policía, en el Correo, en el Hospital, en la Inspección de Escuelas, en todas las dependencias oficiales hay nazis. Nacis en cualquier rincón de la Patria ya es un grave problema. Pero en la Administración Pública de Rivera, ya es mucho más grave. Por la condición de punto fronterizo, unido a una ciudad brasileña, con todas las posibilidades que este hecho ofrece a los manejos conspirativos. Y por la situación política que entre el gran país hermano, donde, no obstante las positivas y encomiables declaraciones del Ministro Aranha y el reciente consentimiento oficial brasileño por la ocupación militar nazi-fascista de la Guyana Holandesa, impera todavía un régimen interno antidemocrático, que, como lo hace presuntir el último manifiesto de Filinto Sulegado y el último dirigido por Getúlio Vargas a los alumnos de la Escuela Militar de São Paulo, puede que tornarse más represivo e hitleriano, si la fuerza del herrorio pueblo brasileño y de las patrias americanas encabezadas por Estados Unidos, no supera la presión del nazi-fascismo.

La infiltración nazi en Rivera es tanto más peligrosa por el hecho de que también ha hecho víctima al partido del Gobierno. Mientras que el Partido Baldomirista y el Primer Mandatario juegan, hoy un importante rol en la lucha por la Reforma Constitucional y la normalización democrática — cuya victoria será mortal para el nazi-fascismo —, en la dirección del baldomirismo en Rivera, hay fuertes núcleos que apostando a la vez de acuerdo con el Presidente Baldomir son en verdad nazistas. Estos grupos, que responden a la vieja denominación que ellos conservan, de "cientistas" o "colorados radicales" juegan un rol doble que aumenta su peligrosidad. Por un lado, son piezas al servicio del sistema estratégicamente colocadas en el tablero nacional. Y por otro lado, al apostar por baldomirismo, y siendo conocidos como nazis por el pueblo, desprestigian al Presidente de la República y al Partido Baldomirista y confunden a los masas sobre el verdadero alineamiento de las fuerzas en el pensamiento presente de la política nacional.

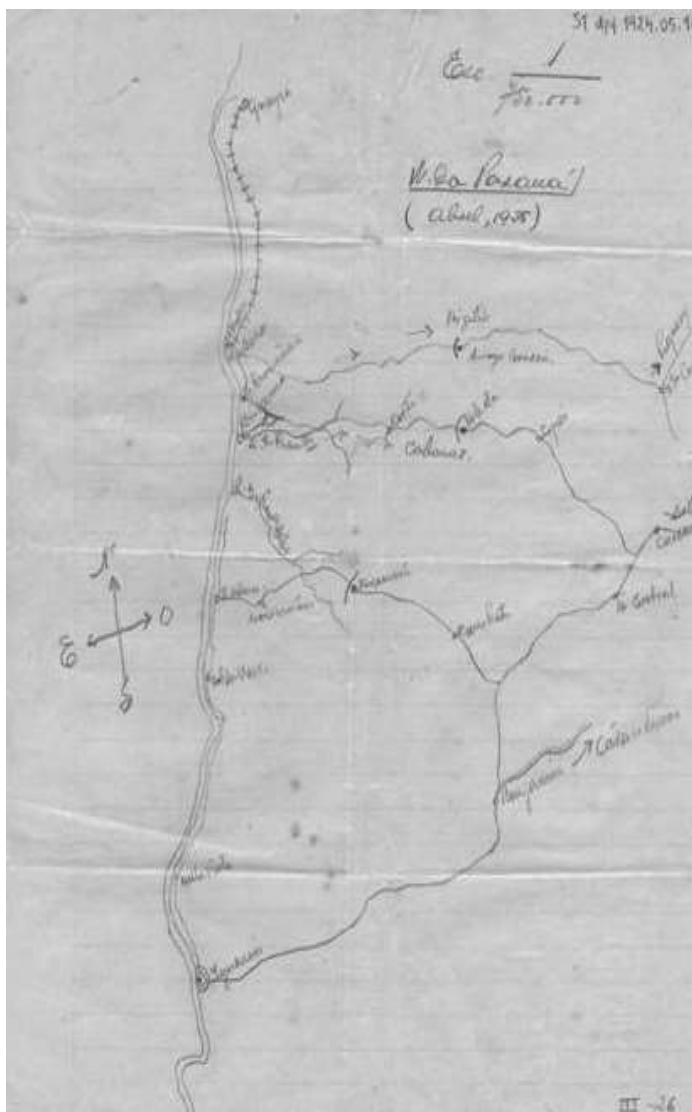
Por todo esto, es urgente, es imprescindible, es patrióticamente vital, que de Rivera.

Los Poderes Públicos tomen rápidas medidas y limpien la Administración Pública.

En la zona próxima nos celebraremos el esfuerzo del pueblo riverense por impedir que la ciudad continúe sea un centro de quinta columna encabezada por Rivera.

(Anexo 8 )  
 nuLIME





(Anexo 9)

Trecho a ser percorrido pelos combatentes da Coluna Prestes.